

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM**

Kellen Cristina Florentino Reis

**INFÂNCIA, GÊNERO E ESTEREÓTIPOS
SEXUAIS: ANÁLISE DO RELATO DE MÃES
DE CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS**

**BAURU
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM**

Kellen Cristina Florentino Reis

**INFÂNCIA, GÊNERO E ESTEREÓTIPOS
SEXUAIS: ANÁLISE DO RELATO DE MÃES
DE CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” COMO
REQUISITO À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, SOB ORIENTAÇÃO
DA PROF^a DR^a ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI MAIA.

**BAURU
2008**

KELLEN CRISTINA FLORENTINO REIS

**Infância, Gênero e Estereótipos Sexuais: análise do relato de
mães de crianças de 4 a 6 anos**

Banca Examinadora:

PROF. DR. RINALDO CORRER

Centro de Ciências Humanas
Universidade do Sagrado Coração - USC / Bauru

PROF^a. DR^a. LÚCIA PEREIRA LEITE

Departamento de Psicologia
Universidade Estadual Paulista - UNESP / Bauru

PROF^a. DR^a. ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI MAIA

Orientadora

Departamento de Psicologia
Universidade Estadual Paulista - UNESP / Bauru

BAURU

Set/2008

Dedico aos meus pais Cinir e Bento
Carlos que me possibilitaram a
oportunidade à vida e a minha avó Agair,
pela presença e dedicação constantes
me estimulando a ser quem sou hoje....

AGRADECIMENTOS

À querida orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Ana Cláudia Bortolozzi Maia, pelo acolhimento, dedicação, companheirismo, empenho e “puxões de orelha”, sem o que o desenvolvimento e realização desse trabalho não teria sido possível.

À Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Pereira Leite, a Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Bellancieri e ao Prof. Dr. Rinaldo Correr, pelas sugestões enriquecedoras, contribuindo para o desenvolvimento do estudo.

As colaboradoras da EMEI onde a coleta de dados foi realizada, especialmente a Coordenadora Solange Santos Ferreira dos Reis, pelo acolhimento, incentivo e contribuição indispensáveis à produção deste estudo.

Às professoras, Marcileni Padovani, Maria Inês Oliveira, Flávia Paiva, Luciana Duarte, Teresinha Maganha e Regina Magre, que gentilmente colaboraram com a realização da pesquisa, oportunizando meu encontro com as mães de seus alunos.

As mães participantes, pela disposição em expressar pensamentos e sentimentos sobre a vida.

À bibliotecária Lilian Barbosa, que gentilmente me orientou quanto à aplicação das normas.

À Iracema, Roberta e Elisabete, amigas queridas que investiram tempo e dedicação na leitura, sugestões e correções da presente dissertação.

À querida amiga Keka, pela colaboração e incentivo.

Ao querido amigo irmão Tom, pelo companheirismo, sempre resolvendo enigmas.

Aos amigos amados, Ester e Hélio, que mesmo em outro plano, caminham lado a lado comigo, me estimulando sempre a prosseguir e lutar para alcançar meus objetivos.

À Regina, Soninha, Rafael, Guto, Alexandre e Jonas, amigos de jornada, pela compreensão, paciência e incentivo, especialmente nessa etapa.

À minhas tias, Sonia e Jussara, e irmãos, Victor e Juliana, por serem parte da minha vida.

Enfim, aos educadores e amigos de sempre, que de alguma forma também colaboraram para a construção desta obra.

MASCULINO E FEMININO

(Baby Consuelo, Didi Gomes e Pepeu Gomes)

Ser um homem feminino,

Não fere o meu lado masculino.

Se Deus é menina e menino,

Sou Masculino e Feminino.

Olhei tudo que aprendi. E um belo dia eu vi.

E vem de lá! O meu sentimento de ser.

Meu coração! Mensageiro vem me dizer...

Salve, salve a alegria. A pureza e a fantasia.

Olhei tudo que aprendi. E um belo dia eu vi...

REIS, K. C. F. **Infância, Gênero e Estereótipos Sexuais: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos.** 2008. 118 f. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2008.

RESUMO

Questões de gênero são definidas por aspectos biológicos, psicológicos e sociais e se configuram culturalmente, de diferentes modos, em diferentes períodos históricos. Partindo da premissa que a construção social de gênero é influenciada pela educação sexual familiar, esta pesquisa, qualitativa-descritiva, tem por objetivo investigar os estereótipos de gênero a partir do relato de 25 mães de crianças de 4 a 6 anos. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário e as respostas foram agrupadas a partir da análise de conteúdo em três categorias: 1) características atribuídas ao gênero, 2) vantagens e desvantagens e 3) concepções sobre a educação de meninos e meninas. Nos relatos, vários estereótipos de gênero foram identificados como características femininas: passividade, sensibilidade e emoção; e masculinas: razão, força, e objetividade. As vantagens atribuídas ao gênero foram, sobretudo, relacionadas aos aspectos sociais da vida privada e pública: ao feminino o cuidado de filhos e ao masculino, o mundo do trabalho. Conclui-se que os estereótipos sexuais são reproduzidos nas falas destas mães, seja pelas concepções pessoais sobre o feminino e o masculino, seja pelas atribuições de vantagens e desvantagens que relacionam ao gênero. Além disso, as mães, tendo por base o padrão sexista, direcionam a educação dos filhos em função dos padrões de gênero, embora essa diferenciação não apareça, pelo próprio relato das mães, quando relatam as brincadeiras e brinquedos de que seus filhos gostam. Novos estudos poderão aprofundar a questão, ouvindo pais e outros membros da família, além das próprias crianças, na idade pré-escolar ou mais avançada.

Palavras-chave: infância, gênero, papéis sexuais, estereótipos sexuais e educação sexual.

REIS, K. C. F. Childhood, Gender and Sexual Stereotypes: report analysis of mothers of 4 to 6 year-old children. 2008. 118 f. (Master Dissertation in Psychology of Development and Learning) – UNESP, Science University, Bauru, 2008.

ABSTRACT

Gender matters are defined by biological, psychological and social aspects and they are set culturally, from different ways, in different historical periods. From the premise that the social construction of gender is influenced by the familiar sexual education, this research, qualitative-descriptive, has as a goal to investigate the gender stereotypes from 25 mothers of 4 to 6 year-old children. For the data collection it was used a questionnaire and the answers were grouped from the content analysis in three categories: 1) characteristics attributed to gender, 2) advantages and disadvantages and 3) conceptions about the boys's and girls's education. In the reports, several gender stereotypes were identified as female characteristics (passivity, sensibility and emotion) and male characteristics (reason, strength, objectivity). The advantages attributed to gender were, mostly, related to the social aspects of private and public life: to the female the care of children and to the male, the work world. We conclude that: the sexual stereotypes are reproduced in these mothers's speech, whether by the personal conceptions about the female and the male, by the attributions of advantages and disadvantages that are related to the gender. Besides, the mothers, basing on the sexist pattern, direct the children's education in function of the gender patterns, although this differentiation doesn't appear, by the own mothers's report, when they report the games and toys that their children like. New studies can deepen the matter, listening to the parents and other members of the family, besides the own children in the kindergarten age or more advanced.

Key-words: childhood, gender, sexual roles, sexual stereotypes and sexual education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de características consideradas masculinas e femininas: estereótipos sexuais vigentes.....	28
Quadro 2 – Distribuição das participantes: mães e respectivos filhos.....	59
Quadro 3 – Características atribuídas pelas mães para o gênero feminino e masculino.....	66
Quadro 4 – Sub - agrupamento das características comportamentais femininas e masculinas	68
Quadro 5 – Agrupamento das respostas das mães sobre as vantagens em ser homem.....	71
Quadro 6 – Agrupamento das respostas das mães sobre as vantagens em ser mulher.....	72
Quadro 7 – Agrupamento das respostas das mães sobre as desvantagens em ser homem..	73
Quadro 8 – Agrupamento das respostas das mães sobre as desvantagens em ser mulher...	75
Quadro 9 – Categorias das respostas das mães sobre a percepção de diferenças na educação de filhos meninos e meninas.....	79
Quadro 10 – Categorias das respostas das mães sobre a compreensão de atividades proibidas para meninos e meninas.....	84
Quadro 11 – Categorias das respostas das mães sobre a existência de brinquedos próprios para meninos e meninas.....	86
Quadro 12 – Categorias das respostas de mães de meninos e de meninas sobre as brincadeiras e brinquedos preferidos de seus filhos ou filhas.....	89
Quadro 13 – Categorias das respostas das mães sobre como percebem a contribuição que tem na educação dos filhos meninos ou meninas.....	93
Quadro 14 – Descrição da “Loja de Brinquedos”	94
Quadro 15 – Motivos de escolhas das mães sobre um presente para meninos de idade igual ao filho(a).....	97
Quadro 16 – Motivos de escolhas das mães sobre um presente para meninas de idade igual ao filho(a).....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo 1. Gênero e Sociedade: A Construção de Estereótipos.....	14
Capítulo 2. Gênero e Família: A Educação Sexual Sexista.....	30
Capítulo 3. Estudos sobre Estereótipos de Gênero e Desenvolvimento Humano.....	39
MÉTODO.....	58
1. Participantes.....	59
2. Local.....	60
3. Material.....	60
4. Procedimentos.....	61
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	64
1. Características Atribuídas ao Gênero.....	65
2. Vantagens e Desvantagens Relacionadas ao Gênero.....	70
3. Concepções Sobre a Educação de Meninos e Meninas.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES.....	111
Apêndice A – MODELO DO QUESTIONÁRIO.....	112
Apêndice B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	113
Apêndice C – LOJA DE BRINQUEDOS.....	114
Apêndice D - TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO.....	115



INTRODUÇÃO

Todas as imagens foram retiradas do site de busca www.google.com

Ao falar de estereótipos sexuais, devemos pensar a respeito de como a identidade de gênero se forma e como os papéis sexuais são ensinados e aprendidos, pois na nossa sociedade, o gênero pauta-se na concepção dualista – masculino e feminino – em que para cada uma dessas configurações há diferentes papéis estereotipados e estes papéis são influenciados pela família, escola, comunidade em geral, sobretudo na infância.

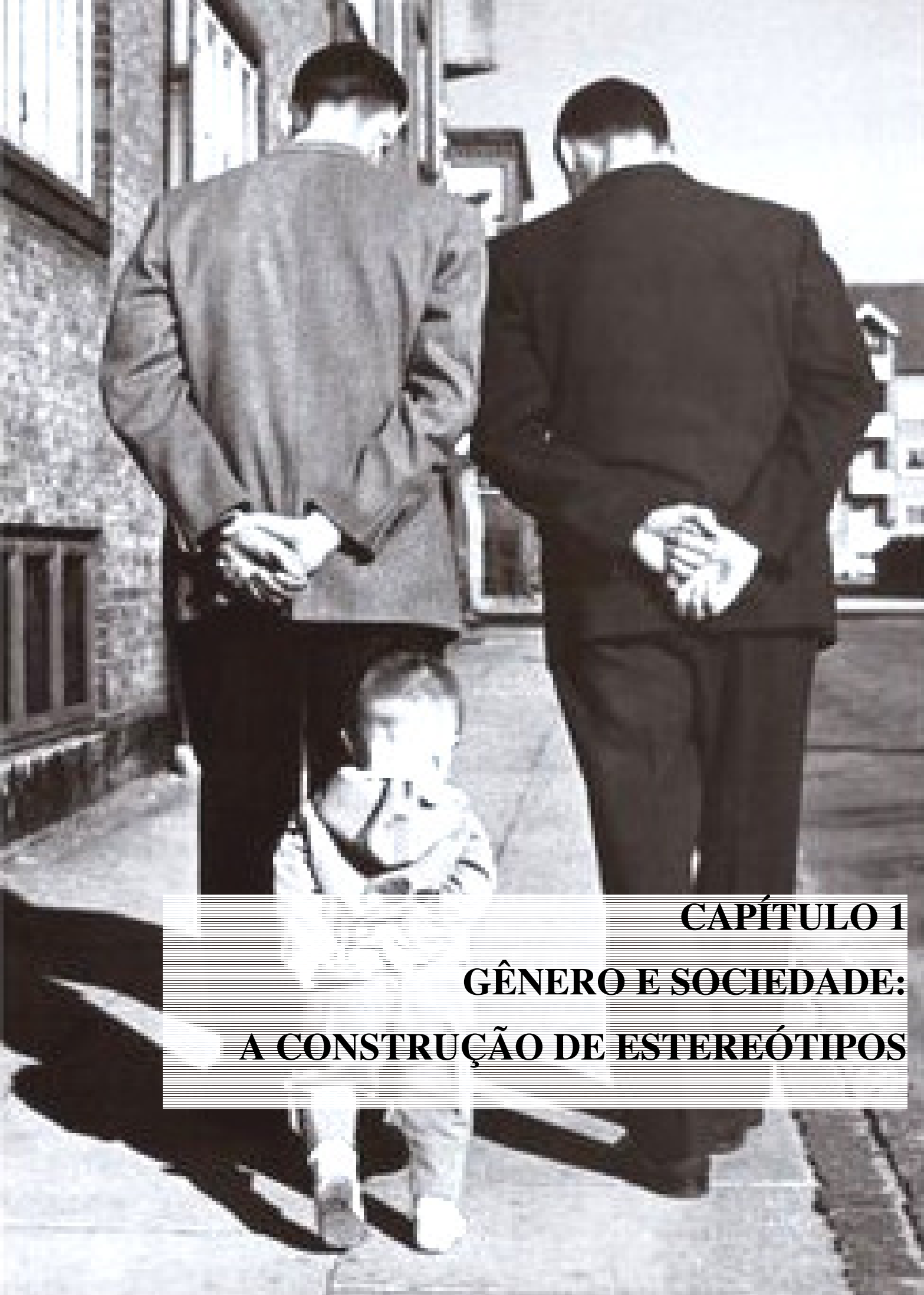
Estudos sobre gênero priorizam a discussão do feminino, especialmente entre a população adulta (SILVA, 2000; NAVARRO, 2005).¹ Este estudo pretende compreender os estereótipos sexuais na infância a partir do relato de mães. Entendemos ser relevante estudar como as mães explicitam conceitos sobre gênero, buscando compreender como educam meninos e meninas, principalmente se desejamos contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária no que se refere às relações entre homens e mulheres.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar os estereótipos sexuais, a partir do relato de mães de meninos e meninas de 4 a 6 anos. Os objetivos específicos foram: Investigar a concepção sobre gênero de mães e o que elas relatam sobre a educação de seus filhos meninos e meninas, quando se trata de questões de gênero. Esta pesquisa é descritiva (COZBY, 2003; SPATA, 2005), utiliza-se de abordagem qualitativa para análise de dados e se justifica uma vez que, se identificados padrões rígidos de gênero na infância, propostas educativas poderão ser implementadas, visando prevenir a discriminação em relação aos padrões sexuais estabelecidos socialmente, isto é aos estereótipos sexuais.

Desta maneira, para compreendermos a temática estabelecida abordaremos a questão em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos o conceito de gênero e as questões sociais subjacentes aos papéis sexuais e a formação dos estereótipos sexuais. Já no capítulo 2 levantaremos a questão da educação sexual sexista, ou seja, discutiremos o processo educativo, especialmente aquele que ocorre na família, como um espaço em que se

¹ Os primeiros estudos que trataram das relações de gênero no Brasil acompanharam os diferentes momentos dos movimentos feministas e a temática principal era o estudo da igualdade entre sexos, pensando nas questões da condição da mulher e do trabalho.

imperam regras estereotipadas que influenciam na construção do gênero. Finalmente, no capítulo 3 apresentaremos alguns estudos sobre estereótipos sexuais e desenvolvimento humano. A literatura consultada a respeito de gênero, em destaque aos estereótipos, será apresentada a partir de pesquisas com adultos (mães e/ou pais; e professoras), com crianças e com adolescentes e universitários. Esta literatura nem sempre se refere a estudos recentes ou brasileiros, no entanto, estes estudos serão apresentados para ilustrar alguns dados empíricos que exploram os estereótipos na educação familiar visando embasar a análise dos dados nesta pesquisa.



CAPÍTULO 1
GÊNERO E SOCIEDADE:
A CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Estereótipos Sexuais são formados em um contexto cultural que estabelece padrões do masculino e do feminino por meio de processos educacionais no meio social e, dentre estes vários meios sociais, um deles é a família. Para estudar os estereótipos sexuais na família, foco desta pesquisa, partimos da discussão de gênero e papéis sexuais.

Entendemos por gênero a relação que a sociedade, em diferentes culturas e momentos históricos, atribui às características estabelecidas para homens e mulheres, como sendo próprias de seres masculinos e femininos. Essas características se configuram em um padrão de conduta, que influenciará na formação de valores, crenças, traços de personalidade, comportamentos, habilidades, enfim, na representação do papel a ser desempenhado.

Para Paiva (1989) as diferenças relacionadas aos gêneros são construídas na relação do indivíduo com a cultura e a sociedade, e particularmente com a família, mas destaca que existem alguns imperativos biológicos imutáveis característicos a cada gênero, como já afirmavam Tucker e Money (1975), que são a fecundação masculina e a gestação e a amamentação feminina. Maia (2005, p. 71) complementa ao dizer que:

(...) é preciso reconhecer que tudo o que escapa a esses imperativos biológicos pode ser considerado papel sexual (papel social de ser homem ou mulher). Ou seja, todas as demais características, ainda que algumas sejam mais comuns em homens do que em mulheres, podem ser desenvolvidas, independentemente do gênero. Basta que o indivíduo (homem ou mulher) queira e seja estimulado.

Estudos sobre gênero reforçam a compreensão da cultura como uma questão fundamental, pois cada sociedade possui crenças e valores que são transmitidos por meio de padrões sociais, ou seja, de regras que estabelecem parâmetros, que determinam características atribuídas ao masculino e ao feminino e que estabelecerão o que é ou não permitido ao homem e a mulher desempenhar (MEAD, 1969; WHITAKER, 1988; 1995; NOLASCO, 1993; MAIA, 2005).

Mead (1969), em suas pesquisas, enfatiza que a cultura exerce influência direta na determinação das condutas e comportamentos exteriorizados por homens e mulheres, e Grossi (1992) complementa, ao dizer que falar em gênero é pensar em masculino e feminino, como constituídos a partir de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e não em diferenças biológicas.

Concordamos com Mead, quando afirma que a cultura tem influência direta na formação da identidade e na expressão de gênero, pois é na cultura que membros da sociedade oferecem parâmetros de como os indivíduos devem se comportar, pensar, agir, enfim, ser no mundo de relações o qual estão inseridos; é no processo de socialização cultural que se oferecem modelos que definem características consideradas “próprias” a cada sexo e, portanto, o que seria estabelecido como masculino e/ou feminino.

Margaret Mead foi uma das pioneiras defensoras da influência da cultura sobre a constituição de gênero. Ela estudou o condicionamento das personalidades sociais dos sexos masculino e feminino. Sua pesquisa foi realizada com culturas primitivas da Nova Guiné, entre 1931 - 1933, com três tribos indígenas: Arapesh, Mundugumor e Tchambuli. Seu estudo demonstrou que a cultura pode impor a ambos os sexos um padrão de comportamento a ser seguido, tido como adequado, pois a representação dos papéis sexuais pode ser distinta, dependendo do contexto ao qual a pessoa está inserida. Foi constatado que a diferença sexual é uma construção social considerada originalmente irrelevante aos fatos biológicos do gênero, e ressaltado que nossa sociedade atribui papéis diferentes aos dois sexos, cercando-os desde o nascimento com expectativas de atitudes diferentes, conforme os tipos de comportamentos aceitos como inatos e, dessa maneira, apropriados a um ou a outro sexo.

Para muitos autores o gênero pode ser compreendido como um fenômeno que reflete questões biológicas, psicológicas e sociais (TUCKER; MONEY, 1975; MISCHEL, 1975; ALENCAR, 1982; PAIVA, 1989; CAVALCANTI, 1990; COSTA, 1994; DUARTE, 1995; MAIA, 2005).

Do ponto de vista biológico, a identidade de gênero baseia-se nas diferenças originadas pela constituição cromossômica, hormonal e molecular, determinando diferenças anatômicas, fisiológicas, sensório-perceptuais, dentre outras, influenciando padrões cognitivos característicos entre os sexos (HOSHINO, 1993; BARON-COHEN, 2004).

Há, sem dúvida, diferenças orgânicas de estrutura e funcionamento que diferem substancialmente a constituição de machos e fêmeas nas diferentes espécies; o mesmo ocorre entre a espécie humana (WALL, 2007). Dessa maneira, há fatores sociais e psicológicos que permeiam as diferenças biológicas dando sentido a elas num contexto cultural. Hoshino (1993) comenta que os fatores psicossociais são decorrentes da identificação psicológica do indivíduo com o seu sexo biológico e com os papéis sexuais determinados pela cultura. Ou seja, a cultura modela as características orgânicas e subjetivas do indivíduo. Como seres culturais, a partir do nascimento, aprendemos o que é ser homem ou mulher, por um processo intitulado de condicionamento social, baseado em expectativas de condutas e não somente em aspectos inatos à natureza biológica dos sexos (BELOTTI, 1975; LINTON, 1987; FRANCO; FAGUNDES, 2001).

Whitaker (1988) tem defendido que a influência da cultura na determinação de comportamentos masculinos e femininos extrapola as diferenças constitucionais orgânicas. Podemos constatar que os atributos biológicos são significativos na construção da identidade de gênero da pessoa, contudo, o processo educativo e a aprendizagem são os principais fatores na obtenção do papel tido como adequado ao

sexo. Neste sentido, o gênero compõe um conjunto de expectativas sociais e culturais no qual comportamentos são socialmente esperados e considerados apropriados ao homem e a mulher (VIANNA; RIDENTI, 1998; VIANNA; UNBEHAUM, 2004; SOUZA, 2006). Heilborn (1995, p. 9) complementa ao dizer que:

(...) em se tratando de cultura, a dimensão biológica fica bastante obscurecida na medida em que é próprio da condição dos humanos a capacitação cultural como essencial à sobrevivência. É a cultura que humaniza a espécie, e o faz em sentidos muito diferentes. Através da comparação entre diversas sociedades, pode-se perceber que homens e mulheres são concebidos e modelados de maneira muito variada, salientando-se, assim, a fraca indicação que a natureza desempenha na definição de comportamentos sociais.

Assim, ao falar sobre gênero é necessário considerar o contexto sócio-cultural e histórico que estimula a configuração de comportamentos considerados masculinos e femininos, acarretando a definição de modelos que ditarão os papéis sexuais conferidos a cada sexo e que nortearão a construção da identidade pessoal/social de homens e mulheres, dentro de determinados tempo e espaço.

Para Diniz (1997) o gênero é definido como uma estrutura social originada do desenvolvimento da cultura humana, passando a ser uma instituição que estabelece padrões de expectativas para as pessoas, ocasionando implicações significativas para a compreensão de questões relacionadas à construção da subjetividade e ao que é considerado masculino e feminino.

Belotti (1975), antropóloga francesa, ressalta que a cultura tem a função de transmitir e conservar valores. Como uma verdade natural e incontestável, a cultura impõe costumes que possuem códigos e regras rígidas, configurando-se como mitos que expressam características tidas como inatas e imutáveis, quando na verdade são adquiridas culturalmente, por meio da educação.

Rocha (1998; 2000) acredita que há um processo educativo que os pais exercem sobre as crianças, meninas ou meninos, para que elas desempenhem

comportamentos desejados e esperados para o sexo feminino ou masculino, compreendendo gênero como uma construção sócio-cultural, constituída a partir de relações de poder entre os sexos.

A educação pode ser compreendida como um processo no qual uma geração exerce influência direta e indireta sobre outra geração, sendo oferecida, dessa maneira, dentro de um contexto social, o qual cria condições para sua existência e manutenção; é na sociedade, por meio do processo educativo, que nos socializamos, isto é, adquirimos valores, crenças, opiniões, costumes e tradições (DURKHEIM, 1987).

Para Whitaker (1988) a educação oferecida às crianças é baseada no modelo arquetípico do homem caçador versus a fêmea frágil. Esta autora exemplifica a questão ressaltando a passividade imposta à mulher desde o nascimento e o papel ativo e protetor imposto ao homem. Nas relações de poder há um modelo de masculinidade e de feminilidade que exige das mulheres uma postura passiva, submissa, afetiva, compreensiva, delicada, enquanto que dos homens, um comportamento agressivo, dominador, ativo, insensível e provedor. A compreensão da feminilidade como associada a características de passividade e recolhimento e de masculinidade como associada a expansão e a racionalidade são decorrentes da construção histórica dos papéis sociais que homens e mulheres assumiram nas sociedades passadas (VAITSMAN, 1994).

Vaitsman (1994) comenta que a sociedade ocidental capitalista, no primeiro momento da era industrial, separou as atividades como sendo produtivas, quando envolviam o trabalho remunerado, e improdutivas quando envolviam o trabalho doméstico. A primeira como uma função masculina e a segunda como uma função feminina, associada aos cuidados de filhos e da casa em geral.

Neste sentido, a divisão de papéis no cenário da família burguesa definia os espaços públicos aos homens e os espaços privados às mulheres. A identidade feminina era baseada na função reprodutora e materna e a masculina na função de prover a família. (COSTA, 1983). Fonseca (2008) comenta que a família burguesa da Europa do século XVIII era marcada pela figura da mãe zelosa e do pai provedor. Após as grandes guerras, as mulheres tiveram lugar no mercado de trabalho público, mas ao invés de conquistarem lugar ao lado dos homens em igualdade de condições e direitos, acabaram por sobrepor papéis do trabalho remunerado com a função de educar filhos e cuidar da família.

Em relação à sexualidade, durante os séculos XVI, XVII e XVIII os homens foram vistos como alvos de prazer e volúpia, dotados de desejos sexuais enquanto que as mulheres viviam sua sexualidade de modo repressivo, omissos e extremamente conservadores, sobretudo sob as normas sexuais impostas pelas regras religiosas (RIBEIRO, 2004). Rocha (1998) argumenta que as mulheres retratam hoje dois modelos femininos: por um lado, a mulher que cuida da família e filhos e por outro a mulher que é independente e que busca realização profissional e pessoal, muitas vezes atuando em ambos os campos ao mesmo tempo.

Para Gomes (1994), o processo de socialização se dá dentro de um contexto sócio-histórico-cultural carregado de múltiplos aspectos que o caracterizam, salientando que são os laços afetivos que constituem a base de sustentação e que configuram as tarefas e papéis delegados a cada membro. Esta autora divide o processo de socialização em dois momentos: primário e secundário. A socialização primária, realizada inicialmente pela família, seria marcada por oferecer a possibilidade de tornar um ser biológico, imaturo e dependente, em um ser social. A socialização secundária seria ampliada, determinada por valores atribuídos pelo contexto sócio-histórico e cultural em

que a pessoa está inserida, como por exemplo, regras sobre a divisão social e do trabalho seriam incorporadas e influenciariam comportamentos e atitudes considerados adequados ao seu papel na sociedade.

Por sociedade entendemos um “conjunto de pessoas que vivem em determinado período de tempo e de lugar, seguindo normas comuns ao grupo de pessoas que vivem, por vontade própria, sob normas comuns” (HOUAISS; VILLAR, 2004, p. 687), e essas normas envolvem a aprendizagem dos papéis sexuais, a incorporação de modos culturalmente aceitos de se comportar diante de expectativas sociais e familiares (KAPLAN et al., 1997).

É importante destacar que a sociedade não é hegemônica, ela existe em diferentes contextos culturais e momentos históricos e, por isso, em dada cultura, ela se configura como um novo e diferente espaço social. Mattos (1988, p. 66) esclarece que:

Uma sociedade, por mais que possa parecer igual a qualquer outra, traz em sua organização peculiaridades que a torna distinta. O estudo de uma sociedade inclui o conhecimento de seu macrocosmo, de seu processo de herança cultural e a interação da mesma com seus grupos constitutivos. Essa interação vem entremeada de lealdades, fidelidades, identidades e diferenças sócio-culturais, encontro de homens, de geração, de grupos étnicos, etc.

Slywitch (1988) conclui que o processo de socialização é coercitivo, pois estimula a absorção de comportamentos que estão de acordo com as normas e valores do meio, variando de uma cultura para outra, servindo-se de comportamentos de aprovação e desaprovação por parte dos pais e da sociedade de modo geral para estabelecer os comportamentos socialmente desejados e eliminar os indesejados.

A construção da identidade de gênero na socialização se forma em decorrência de três processos básicos: a identificação, a diferenciação e a imitação. Em um primeiro momento ocorre a identificação de gênero, isto é, o que se constitui gênero e a qual gênero eu pertenço, para depois perceber que esse gênero se difere de outros,

isto é, qual gênero eu não pertencço e num terceiro momento, ocorre a imitação desse gênero, quando comportamentos, atitudes, concepções e emoções são exteriorizados de modo configurado na identidade de gênero, podendo ser mais ou menos coerente com as expectativas sociais (MUSSEN ;NETTO, 1975; MANNING, 1977; BIAGGIO, 1988). Manning (1977, p. 107) diz:

A identificação é um desenvolvimento importante que ocorre nos anos pré-escolares. Ela favorece o processo de socialização. Uma criança fica motivada para se identificar com um dos progenitores porque vê naquele adulto uma pessoa dotada das qualidades invejáveis que ela própria deseja. As crianças tendem a adotar os valores, os sentimentos e os modos de comportamento das pessoas que lhes parecem atraentes. Ao observar o comportamento dos pais, a criança compreende que eles possuem muitas capacidades, muitos privilégios e outros traços positivos. Ela os vê como seres poderosos, competentes e merecedores do amor das outras pessoas. Ela se dá conta, ao mesmo tempo, de sua própria falta de autoridade e de competência para o desempenho de muitas habilidades. Ela anseia por adquirir as qualidades que lhe parecem tão atraentes. Ela dá a impressão de acreditar que se os seus próprios atributos fossem semelhantes aos da pessoa admirada, também ela possuiria as demais virtudes da pessoa em questão. Ela interioriza essas características e imita as ações da pessoa. É mais propensa a imitar o comportamento de um modelo positivo que o de um outro destituído de atrativos.

Belotti (1975) explica que a imitação e a identificação se diferenciam, pois a primeira é uma repetição de comportamentos ou atitudes que ocasiona baixa ressonância afetiva. Já a identificação é movida pelo desejo de ser como a outra pessoa, estimulada pelo vínculo emocional entre quem se identifica e quem é admirado e será imitado. Para realizar esse movimento, a criança vai se engajar em brincadeiras e jogos, pois este é o meio empregado por ela para se comunicar, assimilar e acomodar o que capta do mundo ao seu redor. E a respeito, Alencar (1982, p. 112) comenta que:

Através do mecanismo de identificação, a criança tende a ter o seu pai ou a sua mãe como modelos, imitando-os e comportando-se de acordo com suas expectativas. Entretanto, se predomina uma atitude rejeitadora por parte de uma ou ambas as figuras parentais, quando o relacionamento se caracteriza por hostilidade ou falta de afeto, quando a criança é freqüentemente criticada, punida, utilizando os pais predominantemente formas aversivas de disciplina, a criança tende a negar qualquer semelhança com os mesmos, dificultando todo o processo de aquisição de comportamentos adequados ao próprio sexo.

Negreiros e Carneiro (2004) salientam que os papéis sexuais referem-se aos comportamentos, atitudes, sentimentos, interesses e expressões do masculino e do feminino construídos histórica, social e culturalmente, delimitando-se em um contexto no qual o indivíduo está inserido e configura-se a partir de aprovações, restrições e proibições que seriam apreendidas e transmitidas ao longo de gerações e durante o percurso da vida do indivíduo.

Esse universo em que o indivíduo é inserido é marcado por concepções dualistas: “masculino” ou “feminino”, “macho” ou “fêmea”, “menino” ou “menina”, “homem” ou “mulher”. Isso implica em desempenhar determinados comportamentos, atitudes, valores e características a que chamamos de papéis sexuais e que, segundo Fagundes (1998), são a expressão pública da identidade de gênero, pois estão associados às condutas socialmente esperadas e exigidas para ambos os gêneros. Fortes (2006, p. 5) acrescenta:

Dizer que existem representações do que seja masculino e feminino significa dizer que as pessoas definem, para cada uma dessas categorias, suas características, seus padrões de conduta, o espaço que lhes corresponde na sociedade. Em outras palavras os indivíduos orientados por padrões culturais, ao se relacionarem com os outros utilizam imagens do que é masculino e do que é feminino.

Os papéis sexuais estão relacionados ao gênero, fazendo parte de um conjunto mais amplo de papéis em contexto social (CAVALCANTI, 1990; MAIA, 2001). Maia (2001b, p. 44) salienta que:

Viver em sociedade implica em representar diferentes papéis sociais. O papel social nos diz como devemos ser e agir em diferentes contextos. Os papéis se constituem em um conjunto de atitudes esperado por um determinado grupo social, numa cultura determinada, também em relação ao gênero.

Os papéis sexuais abrangem as expectativas e os encargos definidos pelo grupo social, de acordo com o padrão de normalidade esperado para o sexo biológico.

Portanto, em cada sociedade e cultura há papéis determinados relacionados ao gênero humano (CAVALCANTI, 1990; MAIA, 2005). Para Paiva (1989), seria importante que as pessoas mantivessem uma relação coerente entre a identidade e os papéis sexuais que elas expressam predominantemente, para não se sentirem desajustadas à sociedade em que vivem. Desta maneira, quanto mais as atitudes de uma pessoa, em relação aos papéis sexuais, correspondam à sua identidade de gênero, menor será a possibilidade de discriminação social. Fagundes (1998, p. 59) comenta:

Em geral, identidade e papel sexual estão afinados aos estereótipos culturais dos sexos, fundamentados nas diferenças genitais feminina e masculina. Entretanto, entre esses dois modelos ou pólos há uma infinidade de conjugações de níveis e intensidade de pessoas, que extrapolam os espaços definidos, pela sociedade, para serem ocupados pelos homens e pelas mulheres.

Os papéis sexuais, assim como outros papéis que desempenhamos na sociedade, são modelados desde o nascimento, quando diferentes culturas e sociedades criam e determinam um modo de ser e de se comportar em relação a diferentes funções sociais, também em relação à função sexual, isto é, ao gênero. Azeredo (1993, p. 44) nos diz que:

Somos definidos desde o nascimento, conforme os padrões da cultura e da sociedade. Os adultos nos apresentam as coisas cristalizadas, segundo uma classificação de contrastes onde só existem claro ou escuro, frio ou calor, bem ou mal, homem ou mulher.

A educação sexual familiar abrange todo processo de educação do indivíduo, permeando seu comportamento e sua formação integral em relação aos aspectos da sexualidade. As crianças aprendem os papéis sexuais através da socialização, notando diferenças físicas entre os sexos e as expectativas sociais para cada um, buscando agir de maneira a satisfazê-las. Contudo, esse comportamento pode restringir a maneira como a criança se percebe, produzindo comportamentos inflexíveis,

ocasionando generalizações exageradas sobre o comportamento masculino e feminino (PAPALIA; OLDS, 1998). Tomando como parâmetro esses modelos inflexíveis de papéis sexuais, entramos no terreno dos estereótipos sexuais.

A etimologia do termo estereótipo vem de duas palavras gregas, *stereos* (rígido) e *túpus* (traço). Na psiquiatria do século XIX, o uso da palavra estereotipia significava a repetição frequente de um mesmo gesto, postura ou fala em pacientes dementes; palavra emprestada do jargão tipográfico que usa de um molde metálico nas oficinas tipográficas para a impressão repetitiva e mecânica, sem precisar ser substituído (PEREIRA, 2002).

Pereira (2002) comenta que no campo das ciências sociais usa-se o termo estereótipo para se referir à imagem social de um grupo ou de indivíduos que pertençam a um grupo de modo generalizado. Entretanto, no campo da pesquisa científica que estuda os estereótipos na percepção do comportamento social, esta definição precisa ser melhor delimitada, porque os estereótipos não se manifestam isoladamente, eles compartilham de determinadas opiniões sociais chamadas de crenças. O autor esclarece:

Recentemente, os estereótipos foram definidos como crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contém informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados. Desta forma, os estereótipos não devem ser necessariamente definidos como exageros na concepção sobre o que um grupo é (embora eles tipicamente sejam), nem como generalizações sobre a prevalência dos atributos estereotipados nos membros do grupo alvo (embora eles também tipicamente sejam) e nem precisam ser amplamente compartilhados (embora eles, uma vez mais, tipicamente sejam) (PEREIRA, 2002, p. 45).

Para este, os estereótipos seriam, então, crenças generalizadas e compartilhadas por um grupo social sobre atributos e comportamentos de pessoas ou de um grupo. Pereira comenta que os estereótipos são “elementos inerentes à própria sociedade, sendo amplamente compartilhados pelas pessoas que convivem no interior de uma mesma cultura” (PEREIRA, 2002, p. 52) e que essas crenças, além de

compartilhadas, seriam transmitidas e reforçadas pela educação de pais, amigos e professores, além dos meios de comunicação de massa. Nas suas palavras sobre os estereótipos seriam:

Artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre grupos em vários sentidos. (...). Uma vez formados, os estereótipos são transmitidos por um conjunto bastante amplo de canais de transmissão, alguns destes canais referem-se a elementos mais amplos da sociedade, tais como os políticos, sociais, os culturais e os educacionais (PEREIRA, 2002, p.157-158).

D'Amorim (1997) salienta que a base dos estereótipos sexuais diz respeito a como as pessoas acham que os homens e as mulheres devem comportar-se, evidenciando que é por meio de situações específicas que os estereótipos se revelam, pois através dessas situações é que se pode constatar as diferentes expectativas sociais em relação à representação dos papéis sexuais. O autor conclui: “O estereótipo de gênero é, pois, o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas” (D'AMORIM, 1997, p. 122).

O processo de estereotipização ocorreria quando se aplicam julgamentos a um individuo como se ele fosse dotado de características intercambiáveis com outros membros da mesma categoria (PEREIRA, 2002). A função dos estereótipos, assim como das crenças e dos mitos sociais que surgem em diferentes contextos, é atender às necessidades de identidade social entre grupos e justificar a diversidade imposta pela ideologia dominante (MAIA, 2005).

Uma questão importante é que, muitas vezes, os membros do grupo estereotipado assimilam as informações sociais atreladas ao seu grupo e passam a agir de acordo com elas, isto é, os membros do grupo estereotipado, geralmente, internalizam os estereótipos e quando estes são negativos e depreciativos, incorporam também sentimentos de inadequação e inferioridade, expressos em sentimentos de

ansiedade e baixa auto-estima (PEREIRA, 2002). Ou seja, os estereótipos influenciam comportamentos e crenças do grupo social que mantém o processo de estereotipização e também das pessoas estigmatizadas por ele.

Nunes e Silva (2000) explicam que os estereótipos sexuais são rótulos culturalmente construídos, representações conceituais, simbólicas e institucionais sobre o comportamento do homem ou da mulher, que se caracterizam por sua irracionalidade, configurando-se em expressões máximas como “isto é para homem”, “as mulheres são assim mesmo”, “homem não chora”, “é natural este sentimento na mulher”.

Zenhas (2007) diz que estereótipo de gênero é um conjunto de crenças estruturadas acerca dos comportamentos e características particulares do homem e da mulher adquiridas ao longo do processo de socialização realizado por agentes socializadores como a família, a escola, o grupo de pares e os meios de comunicação social que transmitem valores e convicções por meio dos estereótipos.

Souza (2006) salienta que a sociedade acaba reforçando o processo de educação sexista, estabelecendo concepções que são vistas como “verdadeiras”, “naturais” e existe toda uma estrutura, na qual a família, religião, escola, meios de comunicação, estão envolvidos, determinando ações e conceitos que atuam como verdades absolutas e que reproduzem esses estereótipos.

Apesar das grandes modificações sociais, revoluções de costumes e de uma tendência unissex, estereótipos sexuais ainda são crenças comuns em muitos discursos sociais. O quadro abaixo reúne diferentes características atribuídas por diferentes autores como sendo estereótipos do masculino e do feminino na sociedade vigente (WHITAKER, 1988; VIANNA; RIDENTI, 1998; LOURO, 1999; MORENO, 1999; LABBÉ; PUECH, 2004; MURARO, 2006).

Estereótipos Femininos	Estereótipos Masculinos
Delicada, passiva, cuidadora, sentimental, responsável pelo espaço privado, maternal, frágil, servil, útil, carinhosa, companheira, bondosa, sofredora, inferior, submissa, compreensiva, dependente, amorosa, meiga, dócil, sensível, afetuosa, quieta, recatada, responsável, paciente, carente, chorona, medrosa, fraca, fofoqueira, comportada, tranqüila, obediente, insegura, sedutora, dissimulada, emocional, assexuada, nutridora, subjetiva, irracional, ilógica, curiosa, indiscreta, histérica, indecisa, sentimental, dinâmica, sensual, prendada, bela fisicamente, santa, educada, intuitiva, inocente, vaidosa, discreta, apaixonada, burra.	Rude, agressivo, provedor, forte, racional, responsável pelo espaço público, protetor, caçador, ativo, vivaz, bloqueado afetivamente, poderoso, superior, dominador, inteligente, independente, competitivo, desastrado, grosseiro, viril, conquistador, indisciplinado, desobediente, negligente, auto-suficiente, transgressor, irresponsável, valente, egoísta, líder, decidido, ponderado, contido, insensível, leal, camarada, competente, autoritário, sagaz, esperto, ousado, livre, corajoso, herói, criativo, briguento, agitado.

Quadro 1 - Lista de características consideradas masculinas e femininas: estereótipos sexuais vigentes.

É interessante observar que para as mulheres, os atributos relacionados ao seu gênero se referem à esfera privada, a um mundo circunscrito a residência ou dentro dela, à passividade e à submissão, enquanto que os atributos relacionados ao gênero masculino se referem à esfera pública e ao mundo do trabalho. Além disso, as características masculinas revelam concepções vantajosas e positivas que colocam os homens como dominadores e superiores às mulheres. Esse modo de entender os gêneros masculino e feminino reflete o cenário histórico da sexualidade ao longo dos séculos, como já comentamos anteriormente.

Entendemos, pois, estereótipos sexuais como um conjunto padronizado de características físicas, psicológicas, comportamentais e sociais associadas, de modo inflexível, ao feminino e ao masculino. Whitaker (1988; 1995), Moreno (1999), Sayão (2001; 2002a; 2002b) e Souza (2006) comentam que é em consequência da generalização sobre o comportamento feminino e masculino que se originam esses estereótipos sexuais. São, portanto, “rótulos” que se formam em decorrência das expectativas sócio-culturais, e entre elas a dos pais, em relação ao papel masculino e feminino.

Zenhas (2007) descreve três estágios de desenvolvimento dos estereótipos: O primeiro estágio seria quando a criança tem contato e aprende sobre as características relacionadas a cada um dos gêneros, o que ocorreria até os quatro anos de idade. O segundo estágio seria aquele em que as crianças elaboram de modo mais complexo a internalização do seu próprio gênero, o que ocorreria entre os quatro e seis anos de idade. Crianças nesta idade perceberiam as associações sociais de sexo-gênero relativas àquelas informações relevantes para o seu próprio gênero. Finalmente, num terceiro período, dos seis anos em diante, as crianças conseguiriam perceber as associações pertinentes ao gênero oposto. Sayão (2002b, p. 5) diz:

Essas diferenças são engendradas nas crianças pouco a pouco por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, as outras crianças, a televisão, o cinema, a música etc. A demarcação do que cabe aos meninos ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade. Essas relações influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero.

Atualmente, a discussão de gênero é complexa e bem abrangente, entretanto, optamos por discorrer neste estudo, sobre os papéis e estereótipos sexuais no processo de educação familiar.

CAPÍTULO 2
GÊNERO E FAMÍLIA:
A EDUCAÇÃO SEXUAL SEXISTA

O processo de socialização é importante na formação do gênero, especialmente na inter-relação entre os fatores orgânicos e psicossociais, já que a educação, entre diferentes culturas, impõe modelos de condutas comportamentais desejáveis ideologicamente.

No processo de socialização a cultura, então, determina diferentes padrões, modelos, crenças e juízos de valor referentes aos chamados papéis sexuais e estereótipos sexuais (MEAD, 1969; WHITAKER, 1988; MAIA, 2005). Este processo é marcado pelas diferenças entre os comportamentos reforçados e não reforçados, desejados, incentivados ou indesejados, proibidos, punidos, reprimidos de acordo com sua representação no contexto dos papéis sexuais dominantes. (WHITAKER, 1988; 1995; PAPALIA; OLDS, 1998; MORENO, 1999; SOUZA, 2006). Na socialização primária, a família tem um importante papel na constituição de gênero. Gomes (1994, p. 58) ressalta que:

A família transmite às novas gerações, especialmente à criança, desde o nascimento, padrões de comportamento, hábitos, usos, costumes, valores, atitudes, um padrão de linguagem. Enfim, maneiras de pensar, de se expressar, de sentir, de agir e de reagir que lhe são próprios, naturais. Não bastasse tudo isso, ela ainda promove a construção das bases da subjetividade, da personalidade e da identidade. Deriva disso a enorme importância da família tendo em vista a vida futura de cada criança: ela, a família, constrói os alicerces do adulto futuro.

Minuchin (1982) denomina família como a matriz da identidade e do desenvolvimento psicossocial do indivíduo, salientando que é um sistema sócio-cultural aberto em constante transformação, refletindo dessa maneira todo o contexto social e histórico o qual está inserida. Para este autor, a família tem a função de proteger, transmitir valores e acomodar seus membros à cultura a qual pertencem, favorecendo o desenvolvimento dos sujeitos na sociedade.

Alguns autores salientam que, antes mesmo do nascimento, os familiares manifestam a curiosidade em saber o sexo do bebê e diante deste conhecimento

constroem expectativas diferentes quanto ao futuro gênero da criança, conforme a representação que é feita do papel sexual que será exercido por homens e mulheres socialmente. Com o nascimento, as expectativas e planos tendem a se intensificar, manifestando-se nas interações cotidianas com a criança, desde a escolha da cor da roupa, dos brinquedos a serem oferecidos, até as atividades, brincadeiras e atitudes permitidas (BELOTTI, 1975; WHITAKER, 1988; COLE; COLE, 2003).

Na educação familiar, muitas vezes, até durante a gravidez, as expectativas do que é ser menina e menino já existem e são manifestadas. Após o nascimento, essas expectativas vão se configurando em uma educação baseada nas diferenças e desigualdades; a educação marcada pelos estereótipos sexuais configura, portanto, numa educação sexista (MAIA, 2005; SOUZA, 2006).

Alencar (1982) diz que a família possui uma força modeladora em relação aos indivíduos que dela fazem parte, cabendo a ela o compromisso de socializá-los, transmitindo valores, crenças e costumes coerentes com a cultura a qual está inserida, ressaltando a importância da qualidade de relacionamento entre pais e filhos para que ocorra a adequação no processo de aquisição sexual.

Alves e Soares (2001) consideram que a socialização é um processo intergeracional que envolve comportamentos, valores e papéis, em que pais e filhos definem as funções e padrões de atitudes femininas e masculinas. Dessa maneira, desde a infância as crianças são educadas para desempenhar papéis em conformidade com gênero ao qual pertencem, identificando e reproduzindo as diferenças sociais entre o feminino e o masculino.

A família, como a primeira agência educadora do indivíduo, influencia a construção do gênero quando oferece modelos no que diz respeito ao papel sexual que

deverá representar/desempenhar socialmente, estabelecendo um paradigma do que é ser homem ou mulher a partir do reflexo das expectativas construídas socialmente.

Tanto Belotti (1975) como Whitaker (1988) compartilham a idéia de que o sexismo já é manifestado até mesmo na gestação de filhos, quando pais e familiares demonstram diferentes expectativas em relação ao futuro sexo do bebê. Na nossa cultura, por exemplo, o nascimento de meninas é menos prestigiado do que o de meninos; quando há essa expectativa, em geral, considera-se a utilidade das meninas, pois elas possivelmente representarão ajuda para a família, especialmente de baixa renda, podendo ser responsáveis pelos serviços domésticos e cuidados de irmãos. Já o nascimento de meninos, geralmente valorizado, é festejado não pela utilidade que eles possam ter na família, mas pela repercussão social que significa o filho varão, responsável pela continuidade do “nome da família” e como a representará no espaço público e social.

O jogo de expectativas da sociedade e conseqüentemente dos pais em relação ao gênero associa opiniões de fatores positivos como, por exemplo, o bom humor da mãe e sua aparência saudável ao nascimento do menino e fatores negativos como, por exemplo, o mau humor da mãe ou o aspecto doente ao nascimento da menina (BELOTTI, 1975). Para Cole e Cole (2003) as expectativas dos pais começam a moldar suas reações em relação ao bebê, seja menino ou menina, antes mesmo que este bebê manifeste algum tipo de característica distinta em função do sexo.

Pais e mães são as pessoas que exercem maior influência no processo de socialização dos filhos, pois os filhos geralmente desejam agradá-los, buscando sua aprovação e amor. Assim, eles se tornam modelos importantes para o comportamento dos filhos, já que são as primeiras pessoas com as quais eles se identificam (MANNING, 1977). Evidentemente que os pais vivendo em comunidade, têm valores

incorporados e, assim, a educação de seus filhos, quando são meninas ou meninos, pode refletir a estrutura do que aprenderam, vivenciaram e acreditam como sendo comportamentos corretos em relação ao gênero.

Na educação familiar, portanto, imperam diferentes atitudes parentais em função de crenças sociais atribuídas aos filhos e filhas quanto ao gênero. Estudos realizados a respeito da educação de filhos relatam as diferenças em criar meninos e meninas, destacando inclusive diferentes formas de tratamento e conduta com ambos os sexos, enfatizando a concepção do que é ser feminino e do que é ser masculino (MEAD, 1969; MANNING, 1977; WHITAKER, 1988; MORENO, 1999; LABBÉ; PUECH, 2004; MURARO, 2006).

Segundo Negreiros e Carneiro (2004) a aprendizagem dos papéis sexuais ocorre em tenra idade e as diferenças psicossociais entre meninos e meninas são absorvidas em decorrência de agentes socializadores que exercem influência através de expectativas, reforços, disposições, atitudes e comportamentos típicos para cada sexo. Na infância é significativa a demonstração social do que é esperado, permitido, consentido e excluído, para ambos os sexos, especialmente quando das crianças exige-se o enquadramento dos comportamentos adotados como masculinos ou femininos.

Estudos apontam na direção de que a partir da identificação do sexo do bebê já começa a receber estímulos diferenciados com a intenção de ensiná-lo a sentir-se e comportar-se como “homem” ou “mulher”, deixando de ser somente “macho” ou “fêmea”. Enxovais de bebês do sexo masculino são basicamente azuis e de bebês do sexo feminino são preferencialmente rosa. Enfeites de maternidade, “lembrancinhas” de nascimento e presentes para o recém-nascido seguem a mesma linha: os de menino diferem dos de menina (COLE; COLE, 2003).

Todo ser humano irá se desenvolver devido a um processo de aprendizagem, no qual ele recebe modelos que lhe oferecem parâmetros do que deve tornar-se. Assim o desenvolvimento de sua personalidade se dá por meio do processo de identificação e isso também irá ocorrer com a aprendizagem dos papéis sexuais.

Para Cole e Cole (2003) os bebês humanos não são apenas organismos biológicos, mas também entidades culturais, e este fator é que irá determinar a maneira pela qual os adultos constroem os contextos ambientais nos quais as crianças se desenvolvem. Por esse motivo é que meninos e meninas são tratados de maneira diferente, devido a crenças de que tenham que desempenhar papéis diferentes. Papalia e Olds (1998) asseguram que os pais exercem influência direta na construção do gênero, pois a maioria deles trata filhos e filhas de maneira diferente, enfatizando diferenças sexuais e possivelmente ocasionando diferenças na personalidade de homens e mulheres.

Whitaker (1995) afirma que as crianças são educadas por meio de estímulos oferecidos pelos adultos que suscitam comportamentos diferentes, dependendo do gênero ao qual pertençam. Para esta autora, há quatro fatores na socialização das crianças que reforçam a educação sexista: (a) orientação espacial, (b) auto-estima e autoconfiança, (c) aspirações e expansão do eu e (d) habilidades e experiências gerais. A autora chama a atenção para o fato de que na socialização sexista, as meninas são mais estimuladas a brincar em espaços restritos e, ao mesmo tempo, a praticar tarefas femininas como atividades domésticas (limpar, arrumar, ordenar) e a maternidade (cuidar). Ao mesmo tempo, são também “convencidas” a desejar desempenhar profissões, na vida adulta, retraídas e pouco ousadas como, por exemplo, ser costureira, empregada doméstica, babá ou secretária. Já aos meninos os incentivos são para brincadeiras em espaços mais amplos, o que provavelmente possibilita desenvolver

mais a orientação espacial. Também são mais estimulados em relação à autoconfiança e à auto-estima, pois lhes é permitido expressar mais livremente comportamentos tidos como “inadequados”. Meninas são cobradas para ficarem “limpinhas”, “arrumadinhas” e “enfeitadinhas” e meninos são menos cobrados, caso apareçam “sujos”, “desarrumados” em função de suas brincadeiras agressivas e movimentadas. Ao mesmo tempo, são também convencidos a desempenhar profissões, na vida adulta, expansivas e ousadas, como, por exemplo, ser astronauta, bombeiro, engenheiro, advogado ou presidente. Manning (1977, p. 76) comenta que:

Logo depois de nascidos, os bebês são manipulados com mais delicadeza quando são meninas, e com um pouco mais de rudeza quando são meninos. Já se provou que as mães conversam freqüentemente com suas filhas, são mais propensas a amamentá-las no seio e lhes demonstrar fisicamente um carinho que não demonstram aos filhos da mesma maneira. Enquanto as meninas parecem encorajadas a se mostrar afetuosas, calmas e sociáveis, espera-se que os meninos sejam independentes, ativos e barulhentos.

Podemos constatar então que as diferenças entre os comportamentos de meninos e meninas são, em grande parte, decorrentes do processo de educação, em que a diferença biológica entre os sexos transforma-se em diferença sócio-cultural (CAIXETA; BARBATO, 2004). A criança aprende a se comportar em relação ao gênero de maneira aceitável, segundo define a cultura à qual pertence, aprendendo os valores de seus pais e da cultura, adotando comportamentos e condutas condizentes com os mesmos (MANNING, 1977). Gomes (1994) complementa que, geralmente, é a instituição familiar que inicia o processo de socialização, inserindo a criança na sociedade e oferecendo modelos que futuramente a nortearão a conduzir-se na sua existência.

Rappaport et al. (1981) afirmam que ocorre um processo de reprodução de atitudes dos pais que não foram intencionalmente ensinadas a criança, por meio de recompensas ou punições diretas. Ressaltam que a imitação irá depender do

relacionamento pais e filhos e do reforço que se segue à emissão do comportamento observado, possivelmente desenvolvendo bases para futuras relações interpessoais.

A formação da identidade de gênero é explicada por teóricos da aprendizagem social, que relatam que a identificação sexual se dá como consequência da observação e imitação de um modelo, podendo as crianças adotar características de diversos modelos. Dessa maneira, as crianças aprendem comportamentos moralmente aceitáveis do mesmo modo que os relativos à identidade sexual. O menino vê que é fisicamente mais parecido com o pai, e o imita, sendo recompensado por agir como um menino; o mesmo deve ocorrer com a menina em relação à mãe (PAPALIA; OLDS, 1998). Optamos por compartilhar desta abordagem, pois ela corresponde de modo mais coerente a nossa compreensão sobre os processos educacionais, sociais e culturais, que sustentam a formação da identidade de gênero, o desempenho dos papéis sexuais e consequentemente a formação dos estereótipos sexuais.

Whitaker (1995) alerta que não é fácil romper com modelos prevalecentes, principalmente porque na família foram usados métodos eficientes para produzi-los e preservá-los. A família exerce um processo de modelagem com os filhos estabelecendo, por exemplo, que meninos devam ser agressivos, ativos e rebeldes e que meninas devam ser meigas, passivas e suaves. Pereira (2002, p. 154) a este respeito diz que:

Entre os mecanismos culturais que contribuem para o desenvolvimento dos estereótipos, podemos destacar, sobretudo, a aprendizagem social, pois sabemos que os pais são os primeiros a fornecerem informações aos seus filhos e que uma parte delas se refere aos atributos e as características das pessoas que pertencem aos diversos grupos sociais. Além destes elementos informacionais, podemos supor que os estereótipos também se desenvolvem através da observação do comportamento dos outros e da posterior imitação.

Diante do exposto, constatamos que a educação sexual oferecida às crianças está baseada nas diferenças sexuais existentes entre meninos e meninas, desconsiderando, dessa forma, o ser humano em sua totalidade, com potencialidades a

serem desenvolvidas, possivelmente reforçando a formação de quadros de discriminação, preconceito e perpetuação das desigualdades.



CAPÍTULO 3

ESTUDOS SOBRE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Neste capítulo, buscamos resgatar na literatura alguns estudos que pudessem nos auxiliar a perceber qual o panorama das pesquisas acerca de estereótipos sexuais, tanto com a população adulta, quanto jovem e infantil. Desta maneira, descrevemos 19 estudos que revelaram processos educativos e sociais na construção de gênero. Os estudos em questão investigaram questões de gênero a partir do ponto de vista de adultos, mães e/ou pais, professoras, crianças, adolescentes e universitários.

Silva, Guarido e Graciano (1976) realizaram um estudo com 102 pais e mães de 51 crianças, 25 meninos e 26 meninas, entre 4 e 9 anos de idade, escolhidos aleatoriamente em uma escola de classe média da cidade de São Paulo, tendo como intuito investigar a existência de estereótipos sexuais na percepção de pais e mães em relação a comportamentos e atitudes de seus filhos. O instrumento utilizado para coletar os dados foi uma escala contendo vinte e quatro itens, retirados do Sex-Role Questionnaire, desenvolvido por Broverman e colaboradores, contendo questões referentes a comportamentos e atitudes considerados típicos de cada sexo, caracterizando feminilidade e masculinidade. As respostas dos participantes foram submetidas a uma análise fatorial e após foram transformadas em escores fatoriais, com as quais foram calculadas médias fatoriais para pais e mães separadamente. Os resultados demonstraram que pais e mães têm percepções diferentes em relação a meninos e meninas. Apenas nas respostas dos pais em relação ao fator 1 (prestativo x agressivo) houve diferença significativa entre avaliações de meninos (8,93) e meninas (6,54). Eles consideram meninas como sendo mais prestativas, delicadas e interessadas na vida familiar, enquanto os meninos são considerados mais agressivos, menos prestativos e competitivos, ambos obtendo médias mais altas nos itens referentes a comportamentos típicos do seu próprio sexo. Dessa maneira, meninos receberam médias mais altas em: interessado em aventuras fora de casa, competitivo e agressivo.

Já as meninas obtiveram resultados maiores em: preocupa-se em ajudar, tem consideração pelos sentimentos alheios, interessada na vida familiar, prefere seguir do que comandar e dependente. As mães por sua vez demonstraram diferença significativa somente no que se refere ao interesse pela vida familiar em relação às meninas (4,42) e meninos (3,27), ressaltando a presença de estereótipos sexuais socialmente estabelecidos, estando evidente que pais demonstram maior estereotipia em relação aos papéis sexuais do que as mães. Concluindo, desta maneira que os adultos do estudo em questão fazem julgamento a respeito de atitudes e comportamentos “apropriados” a cada sexo, denotando a presença de estereótipos sexuais que possivelmente condicionam os indivíduos a se comportarem conforme as expectativas sociais.

Em outro estudo realizado por Rubin et al. (1974) com 30 casais primíparos foi solicitado que os pais e mães descrevessem seus bebês recém-nascidos, sendo que os bebês não diferiam em altura ou peso ou em suas pontuações na Escala de Apgar. Os bebês femininos foram percebidos como mais suaves, menores e com traços mais finos, enquanto os bebês masculinos foram descritos como grandes e parecidos com seus pais. Os pais mostraram-se mais extremos ao descrever os filhos (meninos ou meninas) do que as mães, evidenciando maior estereotipia, sendo que somente as mães haviam manipulado os bebês e os pais só tinham observado as crianças por meio de um vidro protetor. Isso revela que após o nascimento dos filhos os pais passam a defini-los segundo estereótipos sexuais.

Campos e Espósito (1975) realizaram uma pesquisa com 90 mães de nível sócio-econômico médio e 90 mães de nível sócio-econômico baixo da cidade de São Paulo e 90 mães de Ceilândia-DF, de crianças de 4 a 6 anos de idade, sendo metade mães de meninos e metade mães de meninas. O objetivo era verificar as expectativas que possuíam a respeito do futuro dos filhos observando se o sexo da criança exercia

influência na aspiração e expectativa educacional e na aspiração ocupacional que as mesmas pretendiam para seus filhos. Assim, realizaram entrevistas e por meio de categorias de respostas os dados evidenciaram que as diferenças se acentuaram da população de nível econômico médio para a de nível baixo. As mães de nível médio demonstraram expectativas iguais tanto para filhos como filhas quanto a chegarem à universidade (97,8%). Já as de nível baixo salientaram maiores expectativas para os meninos, considerando 62,3% (meninos) e 26,7% (meninas) para as mães de São Paulo e 71,8% (meninos) e 43,1% (meninas) para as mães de Brasília, demonstrando aspirações educacionais mais altas para meninos em comparação as meninas. Somente as mães de nível médio consideraram os altos cargos e apenas para meninos (2,2%), desconsiderando-os as meninas. A categoria ocupacional que mais apareceu para todos os níveis sócio-econômicos foi de profissões liberais, cargos de direção e médios proprietários, sendo para nível médio 88,9% (meninos) e 71,2 (meninas), nível baixo de SP 84,5% (meninos) e 44,4% (meninas) e nível baixo de DF 79,4% (meninos) e 37,3% (meninas). Ficando evidente que existem diferentes expectativas em relação a meninos e meninas, quanto a aspiração educacional e profissão. Pois as mães desejam para os meninos profissões de maior valorização social, ficando mais evidente este fato nos grupos de nível sócio-econômico baixo.

Raiser (1985) realizou uma pesquisa em Brasília com 400 pessoas de ambos os sexos a respeito dos estereótipos sexuais com favelados. Para tal a autora construiu um instrumento intitulado Questionário de Estereótipos Sexuais, que constou de 30 itens, dos quais 26 avaliavam tanto homens quanto mulheres e dois deles eram específicos para homem e dois específicos para mulheres. Os resultados demonstram concordância entre os sexos quanto aos estereótipos sexuais, salientando que a mulher é vista segundo três dimensões: casa, marido e filhos, sendo responsável pela execução

das tarefas domésticas, pela procriação e cuidado com os filhos. Já ao homem foram atribuídos estereótipos vinculados a três dimensões: trabalho, poder e liberdade, tendo a obrigação de suprir as necessidades materiais da família, sendo considerado autoridade no lar, podendo realizar o que desejar inclusive abandonar a família.

Granato (2003, p. 56) publicou um artigo intitulado “Garoto, deixa a boneca. Filha, futebol não!”. Ressaltando que:

Um trabalho feito nos Estados Unidos há alguns anos listou características associadas pelos pais aos recém-nascidos. E elas variam conforme o sexo. Meninas recém-nascidas costumam ser definidas pelos pais no diminutivo. Elas são “fofinhas”, “pequeninas”, “delicadinhos”. Já os meninos muitas vezes são descritos no aumentativo – “lindão”, “fofão”. Conforme as crianças crescem, diz o estudo, os pais – especialmente o pai – as estimulam a brincar com brinquedos específicos para cada sexo. O mesmo estudo descobriu que os pais passam mais tempo conversando com as filhas do que com os filhos, mas dão a elas menos autonomia do que a eles. Já em relação aos meninos, os pais reforçam o extravasamento de emoções, desde que não daquelas que possam ser tomadas como indicação de fraqueza. Na parte referente à conclusão, o trabalho sugere que os pais evitem tratar meninos e meninas de forma diferente. “Os pais acabam desenvolvendo uma angústia tremenda quando o menino é visto penteando uma boneca”, comenta o psiquiatra paulista Luiz Antônio Gonçalves, que trabalha há trinta anos com infância e adolescência. “E essa ansiedade é negativa”.

Afonso (1995) realizou uma pesquisa em cinco creches comunitárias em regiões de baixa renda dos municípios de Contagem e de Belo Horizonte, no período de agosto de 1992 a agosto de 1993, tendo como objetivo refletir sobre a socialização igualitária de meninos e meninas e as relações de gênero. A pesquisadora utilizou observação participante, seminário de discussão e entrevista. A socialização de meninas e meninos foi estudada por meio de quatro pontos: das diferenças do relacionamento da criança, menino ou menina, com a educadora; das diferentes representações que as educadoras expressam sobre ser menina e ser menino; da maneira como as educadoras entendiam e lidavam com a sexualidade da criança; e da relação entre creche e família, principalmente em relação às expectativas sobre o comportamento materno e paterno. Participaram do estudo 16 educadoras, que ao serem entrevistadas enfatizaram acreditar que meninas e meninos são diferentes em natureza, denotando expectativas distintas

para o masculino e o feminino, articulando o entendimento da sexualidade infantil com a diferença de socialização entre meninos e meninas, pois à esta está interligada a percepção da sexualidade infantil e dos papéis familiares desempenhados por homens e mulheres. E dentre as educadoras entrevistadas somente duas consideraram meninos mais carinhosos, duas acharam que meninos e meninas são iguais neste aspecto e as demais consideram as meninas mais carinhosas e mais fáceis de lidar. Constatando que partindo da concepção de família, a qual ao homem é delegado o espaço público e a mulher o espaço privado, considerando as diferenças hierárquicas da família e da sociedade, as quais determinam papéis pautados em expectativas a serem correspondidas, gera-se um quadro de discriminação de gênero.

Graciano, Silva e Guarido (1977) realizaram um estudo com 180 crianças, 90 meninos e 90 meninas, na faixa etária de 5, 7 e 9 anos de idade, objetivando estudar a percepção que as crianças de ambos os sexos têm de seus modelos familiares. O instrumento utilizado foi o Teste de Percepção Social para Crianças (TPS), contendo quinze itens e em cada um deles eram apresentadas duas características opostas, solicitando à criança que classificasse os membros de sua família segundo essas características. Para a aplicação do teste foram utilizados bonecos representando a família da criança classificados em várias dimensões, tais como força e atividade. As respostas a quatorze itens foram analisadas obtendo-se frequências de classificação para cada um dos sete membros da família nuclear incluindo o pai, a mãe, o participante e os irmãos, agrupados em quatro categorias: mais velhos que o participante e masculino; mais velhos e femininos; mais novos e masculinos, e mais novos e femininos. Por meio desse levantamento de frequência foram traçados perfis representando cada elemento da família nuclear que permitiu a comparação entre eles. Os resultados demonstraram que são conferidas às mães as características de: proteção (89%), afeto (90%) e as funções

de dona de casa (90%), além de poder (79%), força (59%) e independência (79%). Ao contrário, o pai é considerado como forte (91%), corajoso (96%) e independente (82%), além de possuir características afetivas (77%) e de proteção (82%). O irmão mais velho foi definido como forte (74%), agressivo (76%), ativo (68%) e pouco afetivo (35%). Por outro lado, a irmã mais velha é considerada carinhosa (61%), protetora (64%), caseira (59%), ativa (68%) e agressiva (60%). Aos irmãos mais novos foram atribuídas características como: quer se o primeiro (62%), briguento (58%), carinhoso (55%). E a irmã mais nova foi considerada da mesma maneira, contudo sendo vista também como carinhosa (64%) e caseira (59%). Este estudo demonstrou que ao fazer a análise dos elementos familiares individualmente estes são significativamente afetados por estereótipos sexuais existentes em nossa cultura. Dessa maneira, o feminino é classificado como carinhoso, protetor, gostando de ajudar nas coisas referentes ao lar. Além disso, as crianças tendem a apresentar uma valorização de si mesmas e das figuras parentais, junto com uma visão mais positiva dos irmãos mais velhos em detrimento dos mais novos, revelando assim que as crianças incorporaram os estereótipos culturais a respeito dos papéis sexuais transmitidos por meio da educação familiar e social concedida, tendo inclusive seus autoconceitos afetados pela estereotipia vinculada ao desempenho do papel feminino e masculino. Tanto os meninos como as meninas de cinco anos conceituaram a si mesmos com as mesmas características. Contudo, à medida que cresceram, as meninas conceituaram a si mesmas como fracas e passivas e os meninos como mais fortes, provavelmente acarretando um quadro futuro de inferioridade da mulher perante o homem no que diz respeito à vida pessoal, social e profissional.

Blaske (1984) realizou um estudo a respeito de tipificação sexual ocupacional com crianças de jardim de infância e de quarta série. No estudo 1

participaram 60 crianças, 30 meninos e 30 meninas, da quarta série de uma escola pública. Os participantes foram convidados a participarem de um teste de memória, explicando que seriam apresentados 12 cartões, cada um contendo um nome próprio e ocupações e que eles deveriam lembrar de cada par apresentado. O material foi composto por 24 cartões diferentes contendo nome próprio e ocupação, dos quais 12 cartões eram tipificados sexualmente, enquanto os outros 12 não. As ocupações eram: carpinteiro, secretária, professora de jardim de infância, trabalhador de construção, comissário de bordo de companhia aérea, caixa, médico, dona de casa, advogado, enfermeira, mecânico e motorista de caminhão. O tempo de apresentação de cada cartão era pequeno (3 segundos com um intervalo de 2 segundos entre um cartão e outro), para que os participantes não conseguissem memorizá-los. Depois que os cartões foram mostrados ocorreu um tempo de conversação informal (1 minuto), momento em que o pesquisador perguntava ao participante: “O que você gostaria de ser quando crescer?”. Terminado o tempo de conversação o teste de memória foi aplicado. Os resultados demonstraram que os meninos escolheram 17 ocupações diferentes, sendo as mais frequentes de motorista de caminhão (7), jogador de futebol americano (3) e dono de negócios (3). Já as meninas escolheram 11 ocupações diferentes, sendo as mais frequentes a profissão professora (7), seguida por treinadora de cavalos (4) e enfermeira (4). Todas as ocupações escolhidas pelos meninos demonstraram a presença de estereótipos, e somente três meninas escolheram profissões que contradiziam o estereótipo feminino. Ficando evidente a tipificação sexual quanto às ocupações. No estudo 2 o objetivo foi investigar se as crianças desta fase apresentavam uma atitude estereotipada voltada às ocupações, examinando as variáveis diferenças de sexo, classificação ocupacional (atividades masculinas e femininas tradicionais) e emprego maternal, com o intuito de constatar a influencia que as mesmas podem exercer nas

crenças de papéis sexuais referentes as profissões. Desta maneira, participaram da pesquisa 66 crianças, 33 meninos e 33 meninas do jardim de infância de uma escola pública. Os participantes foram convidados a jogar um jogo com o experimentador, que lhes explicou que veriam 10 figuras de pessoas adultas (as pessoas não mostravam características nem masculinas nem femininas) desempenhando diversos trabalhos e o que deveriam fazer era dar um nome a essas pessoas e quando o pesquisador mostrava a figura falava a ocupação da pessoa e solicitava ao participante que lhe desse um nome. Cinco figuras descreviam ocupações tradicionais masculinas e outras cinco femininas. As ocupações foram escolhidas aleatoriamente dentre as 12 ocupações utilizadas no experimento 1. Os resultados demonstraram que as crianças de jardim de infância revelaram crenças de tipificação sexual a respeito das ocupações adultas. Além disso, os dados também revelam que essa tipificação sexual foi maior em relação ao feminino do que ao masculino. E o emprego maternal não se mostrou significativo entre as meninas, porém os meninos demonstraram mais estereotipia quando a mãe não estava empregada.

Souza e Rodrigues (2002) realizaram um estudo a respeito da segregação sexual na interação de crianças. Participaram da pesquisa crianças de 8 e 9 anos de idade sendo 8 meninos e 5 meninas, distribuídas em três grupos: 1) MO - grupo composto somente por meninos; 2) MA - grupo composto somente por meninas; 3) MI - formado por crianças de ambos os sexos. A coleta dos dados foi realizada por meio de vídeo-gravação para registrar o comportamento das crianças quando estavam em grupos de no mínimo dois membros. As filmagens tiveram o objetivo de observar a interação da criança quando brincava com outras do mesmo sexo e quando brincava em grupo misto. A coleta durou 8 meses, totalizando 24 horas de gravação de interações das crianças em atividades livres sem a interferência direta de adultos e dirigidas pelos

coordenadores. Para não haver influência sobre os resultados os autores analisaram as atividades que não tiveram a interferência de adultos. Para a análise dos dados os pesquisadores estabeleceram categorias comportamentais das interações, que foram: abraçar, acompanhar, ameaçar, aproximar, brincadeira turbulenta, importunar, insultar, jogar objetos no outro e pedir para brincar. No grupo MI ocorreu mais o comportamento de jogar objetos no outro (77%) e insultar (72,2%), seguido por importunar (60%) e ameaçar (53%), sendo os comportamentos de importunar (54,7%), aproximar (55,1%) e acompanhar (54,8%) emitidos mais pelos meninos em direção às meninas. Já estas apresentaram ameaças (62,7%), insultos (51,4%) e arremessos de objetos dirigidos aos meninos (60%), provavelmente em decorrência de eles terem as importunado. O grupo MO apresentou o comportamento de brincadeira turbulenta (77,4%), ameaçar (42%), importunar (34%) e insultar (28%). Contudo, apresentaram 87,8% de abraçar e 26% de aproximação. Já o grupo MA não apresentou os comportamentos de jogar objetos no outro, insultar e brincadeira turbulenta, mas importunar (5,6%) e ameaçar (4%) tiveram baixa frequência. Por outro lado obtiveram 42,4% do comportamento de acompanhar e 30,3% de aproximação. Desta maneira, os resultados demonstraram que os meninos apresentaram um padrão de comportamento mais agitado que o das meninas. Estas se mostraram mais agitadas na interação com os meninos e mais calmas entre si. Os autores concluem que os principais determinantes da segregação sexual decorreram dos diferentes padrões de interação entre meninos e meninas em suas atividades lúdicas.

Finco (2004) realizou um estudo tendo como objetivo observar as brincadeiras de meninos e meninas, analisando a maneira como se relacionam e como se manifestam frente às questões de gênero. Fez estudo de caso e observou crianças em sala, que se distribuíram em: uma turma de maternal (3 a 4 anos), uma de jardim (4 e 5 anos) e uma de pré-escola (5 e 6 anos) de uma escola municipal de educação infantil de

Campinas, SP. Observou, durante 6 meses, e registrou três momentos de interação das crianças na escola: parque, brinquedoteca e brincadeiras na sala. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: fotografias, registro em caderno de campo, produção cinematográfica, imagens de obra de arte e literatura infantil. Realizou também uma dinâmica com os profissionais que estavam em contato direto com as crianças (professoras, monitoras, profissionais do serviço terceirizado e outra pesquisadora), utilizando um filme para estimular uma reflexão sobre questões de gênero. A pesquisadora constatou que as crianças observadas não possuem práticas sexistas em suas brincadeiras porque não reproduziram os estereótipos de gênero. Para ela, os adultos possuem expectativas diferenciadas em relação ao comportamento de meninos e meninas e influenciam a educação de seus filhos, embora quando espontaneamente, as crianças que ela observou não discriminaram suas brincadeiras pelo sexo. A autora conclui que pais e filhos são participantes ativos das transformações sociais em nossa sociedade, produzindo e reproduzindo a cultura na qual estão inseridos; crianças aprendem em relação à oposição e a hierarquia dos sexos durante o processo de desenvolvimento, estimuladas pela educação concedida pelos pais e família, escola e comunidade.

Ribeiro (1996) desenvolveu um estudo com o intuito de investigar as idéias das crianças sobre sexualidade, buscando levantar o que as mesmas tinham a dizer, explicitar ou ocultar sobre gênero, considerando o contexto sócio-histórico no qual estavam inseridas. Participaram da pesquisa 41 crianças de 4 a 12 anos, distribuídas aproximadamente em cinco crianças de cada idade, freqüentadoras de duas escolas públicas e uma particular de uma cidade no interior de Minas Gerais, nos anos de 1993 e 1994. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas individuais, além de observações livres e intervenção pedagógica em sala de aula, procurando levantar “o conceito de

menino e menina”, buscando extrair “o que gostam ou não de fazer”, “quais as vantagens de cada sexo” e o “por que” e “para quê existem”. A pesquisadora, por meio de categorias de resposta, mostrou que para as crianças, sejam meninos ou meninas, (a) existem atividades próprias em função do gênero, (b) que ser menino pressupõe atividade e ser menina passividade, e ainda, (c) que gostariam de realizar atividades tidas como pertencentes ao sexo oposto.

Botelho-Gomes, Marques e Nunes (2003) realizaram uma pesquisa para analisar como crianças, de ambos os sexos e de diferentes contextos culturais, viviam os jogos e brincadeiras para cada gênero no horário de recreio escolar. Participaram da pesquisa 643 crianças de 6, 8 e 10 anos de idade do ensino básico da região do Grande Porto, de Viseu e de Macau, sendo 295 meninas e 348 meninos. Utilizou um questionário inquirindo se as “brincadeiras de luta”, “amarelinha”, “futebol”, “pega-pega”, “pular-corda ou elástico” seriam jogos de meninos, de meninas ou de ambos os sexos. Os resultados demonstraram que, para todos os contextos, gêneros e idades, a “luta” (62% à 100%) e o “futebol” (58% à 100%) foram considerados exclusivamente “jogos característicos do gênero masculino”, na opinião das meninas; já “pular-corda ou elástico” (38% á 95%) e “amarelinha” (25% á 95%) foram consideradas brincadeiras prioritariamente sendo do gênero feminino e apenas um deles, “pega-pega” (100%) considerado apropriado para ambos os gêneros. Na opinião dos meninos “luta” (58% à 89%) e “futebol” (72% á 95%) foram consideradas brincadeiras do gênero masculino. Já “amarelinha” (10% à 90%) e “pular corda ou elástico” (10% à 98%) brincadeiras femininas e somente “pega-pega” (60% à 99%) foi considerada brincadeira adequada para ambos os gêneros na opinião dos meninos. Ficando evidente a presença de estereótipos sexuais quanto a escolha das brincadeiras tidas como “adequadas” a cada gênero.

Beraldo (1993) realizou uma pesquisa acerca do gênero de brincadeiras de crianças de 5, 8 e 10 anos, pertencentes a classes sociais de nível econômico baixo e médio-alto, na cidade de São Paulo. Participaram do estudo 180 crianças, sendo 90 meninos e 90 meninas. Para coletar os dados foi aplicada uma entrevista contendo duas partes. A primeira tratava sobre a cultura lúdica e sobre as preferências e hábitos das crianças, buscando investigar o porquê das preferências, onde eram realizadas e com quem. A segunda parte foi direcionada a análise de estereótipos sexuais, focada em brincadeiras populares tradicionalmente estereotipadas (“futebol”, “luta” e “pega-pega” sendo de meninos e “pular corda ou elástico”, “amarelinha” e “pião”, sendo de meninas). Essas brincadeiras foram propostas aos participantes que foram questionados se as conheciam ou não e as conhecendo se as consideravam mais para meninos, mais para meninas ou para ambos igualmente e em seguida perguntava-se o porquê da atribuição a um determinado gênero ou a ambos, se a criança costumava ver o gênero citado brincando e se ela brincava da brincadeira em questão e porquê. Foram organizadas categorias de resposta para realizar a análise de dados. Os resultados apontaram que: somente a brincadeira de “pega-pega” foi considerada apropriada para ambos os sexos; “luta” e “futebol” apresentaram forte estereotipia masculina, enquanto que “pular corda ou elástico” e “amarelinha” foram consideradas mais atividades de meninas, embora também tenham sido consideradas apropriadas para os meninos. A autora também observou diferenças quanto aos níveis sócio-econômicos. As meninas da classe baixa preferem brincar mais de fantasia e pega-pega e costumam brincar com mais frequência em casa e na rua, com irmãos, primos e sozinhas. As meninas de classe média alta, as menores (5 anos) apresentaram um perfil semelhante das meninas da mesma idade da classe baixa, preferindo brincar de fantasia e pega-pega. Já as maiores de 8 e 10 anos mostraram preferência por brincar de bola e pega-pega, brincando mais

na escola e em lugares como sítio, praia e casa de campo, tendo por companhia mais os amigos e depois os irmãos e primos. Os meninos da classe baixa mostraram a mesma preferência que as meninas, brincando mais de fantasia e pega-pega também, contudo brincam bastante de futebol, na rua e em casa, com amigos, irmãos e primos. Os meninos da classe média alta brincam mais de fantasia, pega-pega e bola, na escola, em casa e em lugares como clube, campo de paintball e represa, por exemplo, e mais na companhia de amigos. Constatando que na classe média alta as crianças brincam com uma variedade maior de brincadeiras, em locais diversos e com uma variedade maior de parceiros, o que reduz a estereotipia em relação ao grupo de crianças da classe menos favorecida.

Silva et al. (2006) realizaram um estudo com o intuito de investigar aspectos da diferenciação sexual em brincadeiras de crianças e adolescentes na rua. Participaram da pesquisa 668 sujeitos, sendo 245 meninas e 423 meninos, com idades entre 1 e 18 anos, de um bairro da periferia de Belém. Os dados foram coletados por meio da observação das brincadeiras de rua destas crianças e adolescentes. Os autores registraram 17379 episódios de brincadeiras na rua, sendo que deles 13680 foram registros de meninos e 3699 de meninas, concluindo que houve predominância da participação dos meninos nas brincadeiras de rua. Dos meninos de até 14 anos, 100% brincaram e das meninas 91%. Sendo que a maior ocorrência de brincadeiras na rua foi entre a faixa etária dos 7 aos 12 anos para os meninos e dos 4 aos 9 anos para as meninas, indicando, segundo os pesquisadores, um aumento da responsabilidade com as tarefas domésticas relacionado ao aumento da idade e também por pressões sociais condizentes com as expectativas quanto aos papéis sexuais adultos para ambos os gêneros. Na faixa etária dos 4 aos 6 anos a quantidade dos registros foi similar, possivelmente por disporem do mesmo tempo livre para brincar. E finalmente, na faixa

etária dos 13 aos 15 anos, perceberam uma tendência ao recolhimento das meninas em detrimento dos meninos. A ocorrência de segregação foi registrada mais entre os meninos (82,23%), já as meninas apresentaram 41,36% de brincadeiras em grupos homogêneos. Através do Índice de Preferência Sexual (IPS) por brincadeiras foi calculado o fator tipificação sexual nas brincadeiras, que demonstrou uma tendência de estereotipização das brincadeiras por gênero. Dessa forma, apenas duas brincadeiras apresentaram perfil tipicamente masculino (porrinha) e feminino (estátua), significando que de modo geral meninos e meninas brincam das mesmas brincadeiras, não sendo este um fator de segregação sexual.

Ferreira (1993) realizou um estudo com o intuito de investigar a estruturação interna e o conteúdo dos estereótipos de gênero, através das características de personalidade e comportamentos típicos do homem e da mulher. Participaram deste estudo 100 universitários de ambos os sexos, 50 mulheres e 50 homens, na faixa etária de 17 a 42 anos, pertencentes a diferentes cursos das áreas de humanas, tecnológicas e biológicas, de universidades públicas e particulares da cidade do Rio de Janeiro. Para construir o instrumento a pesquisadora solicitou a 32 participantes de ambos os sexos que descrevessem todos os aspectos que poderiam ser utilizados para caracterizar uma pessoa típica do sexo masculino e do sexo feminino. Dessa maneira organizou uma listagem inicial formada por todas as características mencionadas pelos participantes, totalizando 288 atributos. Estes foram submetidos a uma análise de conteúdo, onde os de mesmo significado foram agrupados, restando 58 atributos. Destes, os atributos mais mencionados foram os considerados, selecionando 44 atributos para compor o questionário definitivo que foi aplicado aos 100 participantes. A coleta foi realizada individual e coletivamente, sendo solicitado aos participantes que julgassem, a partir de uma escala de 1 a 7, cada item se era mais ou menos típico do homem ou da mulher. Os

resultados apontaram que a maioria dos atributos que formavam o estereótipo masculino e feminino se relacionavam a traços de personalidade, como independente e corajoso para o homem (74%) e amiga e sensível para a mulher (72%). Contudo, os referentes a características físicas também apareceram, tais como ter corpo atlético para o homem (15%) e bonita para a mulher (16%). E alguns atributos relacionados a papéis sociais apareceram, tais como trabalhador para o homem (11%) e orientadora dos filhos para a mulher (12%). Porém, os estereótipos de gênero que foram classificados como mais característicos do masculino refletem uma orientação voltada mais para a ação, tidos como instrumentais (60%) e os mais característicos da mulher refletem uma orientação voltada mais para o contato interpessoal, considerados expressivos (48%).

D'Amorim (1989) realizou uma pesquisa com 273 estudantes universitários e 127 profissionais de quatro cidades (Brasília, Porto Alegre, Uberlândia e Uberaba) sendo 30,5% de homens e 69,5% de mulheres, utilizando o inventário de Papel Sexual, constituído de 60 características comportamentais, sendo 20 consideradas masculinas, 20 femininas e 20 neutras, e destas, 10 vistas como positivas e 10 negativas e também a Escala de Atitudes diante da Sexualidade de Pasquali, Souza e Tanizaki que consta de 69 itens abrangendo aspectos referentes à sexualidade humana. Os resultados demonstraram que no grupo masculino foi encontrado maior índice de homens masculinos (35,2%) e indiferenciados (32,8%) e no grupo feminino a maior incidência foi de mulheres femininas (55,4%) e indiferenciadas (20,5%), comprovando alta tipificação de gênero (masculinos e femininos), salientando que quanto mais tipificada sexualmente for a pessoa, menos tolerante às atitudes sexuais não convencionais, em relação a indivíduos com nível de tipificação sexual baixa (andrógenos e indiferenciados) ela será.

Ferreira (1999) realizou um estudo com 479 estudantes universitários da cidade do Rio de Janeiro, sendo 210 homens e 269 mulheres, que responderam ao Questionário de Atributos Pessoais, composto de 16 itens bipolares, utilizando-se de uma escala de cinco pontos para avaliar. Os itens se subdividiam em uma escala de masculinidade composta por oito itens relacionados a traços instrumentais e uma escala de feminilidade composta por oito itens relacionados a traços expressivos. E a escala de atitudes sobre a mulher foi composta por 25 itens, sendo 11 considerados positivos e 14 negativos. Os participantes foram agrupados em quatro categorias de gênero: tipificados, andróginos, indiferenciados e tipificados cruzados. A análise dos resultados demonstrou que na amostra masculina ocorreu maior incidência de homens tipificados (acima da média na dimensão correspondente a seu próprio sexo e abaixo da média na dimensão oposta - 41%) e já na feminina de indiferenciados (abaixo da média em masculinidade e feminilidade - 32%), evidenciando que masculinidade e feminilidade são dimensões do autoconceito associadas à divisão de papéis sexuais determinadas pelas normas sócio-culturais, que delegam ao homem um papel instrumental exigindo-se o cumprimento de metas e a mulher um papel emotivo, voltado para o contato interpessoal.

La Rosa (1979) realizou uma pesquisa com o intuito de identificar os estereótipos masculinos e femininos. Participaram 200 adolescentes (100 adolescentes femininas e 100 adolescentes masculinos) sendo 100 de nível sócio-econômico alto e 100 de nível sócio-econômico baixo. Para coletar os dados o pesquisador utilizou um questionário com 85 características, no qual foi solicitado que o participante assinalasse a correspondência entre cada característica para o homem e para a mulher. Os resultados evidenciaram que na amostra estudada existem estereótipos do papel sexual feminino e masculino para ambos os níveis sócio-econômicos, sendo que os adolescentes do sexo

masculino relataram serem mais cobrados a corresponderem ao padrão comportamental masculino que as adolescentes do sexo feminino, mas no geral, o feminino continha maior estereotipia. As características atribuídas ao masculino foram: agressividade, machismo, atividade, autoritarismo, coragem, liderança, e trabalho dentre outras. Já ao gênero feminino foi atribuído: delicadeza, dependência, docilidade, fragilidade, vaidade, carinho, emoção, dedicação ao lar, insegurança, dentre outras.

Afonso e Leal (2007) realizaram um estudo visando identificar e analisar as dimensões diferenciadoras do gênero nos homens e nas mulheres e verificar se estas representações variavam de uma geração para a outra. Fizeram parte da amostra 100 participantes de ambos os sexos e de duas gerações, uma tendo idade inferior a 25 anos e a outra, idade superior a 39 anos. Os participantes foram distribuídos de modo igual quanto ao gênero e a idade e responderam a duas questões – como técnica da associação livre de palavras: “O que é para você o masculino?” e “O que é para você o feminino?”. As respostas foram analisadas por meio da análise de conteúdo, por categorias de resposta. Foram organizadas 1179 unidades de registro, agrupadas em 24 categorias. A conclusão do estudo apontou que existem diferenças na representação de masculino e feminino de uma geração para outra e para ambos os gêneros. Ao solicitar que as mulheres diferenciasssem masculino e feminino as respostas revelaram a visão tradicional, da mulher frágil e bonita e do homem poderoso. No entanto, ao mesmo tempo relataram a mulher independente e autônoma. Já para os homens, as mulheres são vistas como fortes e ao mesmo tempo afetivas. Para a geração mais velha, o feminino é associado à figura de vítima e os mais jovens consideram com erotismo. Aos homens são enfatizados aspectos da relação com o mundo, para os mais jovens e os mais velhos os vêem na paternidade, beleza e estética. Concluindo, que a visão estereotipada tradicional de gênero mostrou-se evidente para ambos os gêneros e gerações.

Rosenkrantz et al. (1968) estudou o gênero entre universitários. Sua pesquisa envolveu 154 estudantes universitários, sendo 74 homens e 80 mulheres, com idades variando de 17 a 25 anos. Foi utilizado um questionário sobre estereótipos sexuais contendo 122 itens sobre comportamentos, atitudes e características da personalidade masculina e feminina. O instrumento foi aplicado em sessões grupais utilizando a instrução: “Imagine que você vai encontrar uma pessoa pela primeira vez e a única coisa que você sabe é que a pessoa é um adulto masculino. Marque, no questionário, as características que espera encontrar para caracterizar um adulto do gênero masculino”. O mesmo foi perguntado pensando em um adulto do gênero feminino. Finalmente, os estudantes deveriam voltar ao início do questionário e marcar quais as características que eram semelhantes a eles próprios. Metade dos participantes recebeu a instrução para começar pelo gênero masculino e depois ir para o feminino e a outra metade para começar com o feminino e depois descrever o masculino e ambos os grupos finalizaram com a auto-análise. Os resultados demonstraram concordância entre homens e mulheres a respeito de qual é o perfil típico que constituem homens e mulheres; os dados reforçam a idéia de que há uma visão estereotipada sobre o gênero masculino e feminino.

Os estudos com os adultos e adolescentes revelaram a presença de estereótipos sexuais, expectativas diferentes para o feminino e masculino e tratamento diferenciado. E as pesquisas com as crianças evidenciam a reprodução dos estereótipos em alguns contextos e em outros não, diferentes padrões de interação entre meninos e meninas; em alguns casos, crianças pequenas não possuíam ainda padrões rígidos de gênero, embora seus pais revelassem estereótipos. A partir da literatura consultada e dos estudos descritos partimos para a pesquisa empírica na seção Método, seguinte.



MÉTODO

1. PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 25 mães, sendo 14 mães de meninos distribuídos em três grupos etários: três de 4 anos, seis de 5 anos e cinco de 6 anos de idade e 11 mães de meninas, sendo: quatro de 4 anos, quatro de 5 anos e três de 6 anos de idade. A idade das mães variou entre 23 e 45 anos, sendo todas alfabetizadas. Todas as participantes tinham os filhos freqüentando a mesma escola infantil de uma rede municipal de ensino, de uma cidade do interior paulista. O quadro 2 mostra a distribuição das mães participantes, com seus respectivos filhos (as).

Participantes	Mães	Crianças	
	Idade	Sexo	Idade
M1 - C1	42 anos	Masc	4 anos
M2 - C2	35 anos	Masc	4 anos
M3 - C3	29 anos	Masc	4 anos
M4 - C4	23 anos	Fem	4 anos
M5 - C5	25 anos	Fem	4 anos
M6 - C6	44 anos	Fem	4 anos
M7 - C7	34 anos	Fem	4 anos
M8 - C8	30 anos	Fem	5 anos
M9 - C9	33 anos	Fem	5 anos
M10 - C10	34 anos	Fem	5 anos
M11 - C11	26 anos	Fem	5 anos
M12 - C12	36 anos	Masc	5 anos
M13 - C13	45 anos	Masc	5 anos
M14 - C14	36 anos	Masc	5 anos
M15 - C15	35 anos	Masc	5 anos
M16 - C16	32 anos	Masc	5 anos
M17 - C17	37 anos	Masc	5 anos
M18 - C18	30 anos	Fem	6 anos
M19 - C19	41 anos	Fem	6 anos
M20 - C20	35 anos	Masc	6 anos
M21 - C21	37 anos	Masc	6 anos
M22 - C22	29 anos	Masc	6 anos
M23 - C23	38 anos	Fem	6 anos
M24 - C24	33 anos	Masc	6 anos
M25 - C25	34 anos	Masc	6 anos

Quadro 2 - Distribuição das participantes: mães e respectivos (as) filhos (as).

2. LOCAL

Uma escola de educação infantil da rede municipal de ensino, de uma cidade do interior do estado de São Paulo, foi contatada para a realização da pesquisa e escolhida aleatoriamente pela pesquisadora, tendo como referência uma listagem geral das instituições de educação infantil do município. Após a autorização para a realização da pesquisa na escola e a permissão da diretora para a entrada, frequência e permanência da pesquisadora no local é que os contatos com os pais das crianças e posterior coleta de dados iniciaram-se. Nesta escola, as crianças estavam distribuídas no período da manhã e da tarde em turmas diferentes: Jardim I-A (30 alunos), Jardim I-B (30 alunos), Jardim II-A (20 alunos), Jardim II-B (18 alunos), Pré-Escola I-A (30 alunos) e Pré-Escola I-B (30 alunos), totalizando 158 crianças e, portanto, 158 mães.

3. MATERIAL

O material utilizado para a coleta de dados foi um questionário adaptado do estudo de Maia (2001b). Este questionário é composto por 11 questões abertas e buscava investigar: a) identidade e formação de gênero; b) estereótipos sexuais e c) atitudes e posturas das mães frente à educação sexual dos filhos. Para cada temática de investigação há uma sequência de perguntas visando englobar o maior número de respostas sobre o assunto. As questões 1, 2, 3 e 4 fazem referência às características do gênero; já as questões 5, 6 e 9 levantam as características da educação concedida a meninos e meninas e finalmente as questões 7, 8, 10 e 11 referem-se a brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas. Na última questão aberta (11^a), apresentou-se uma prancha contendo fotos de brinquedos variados, totalizando 40 tipos, tidos como brinquedos tipicamente femininos e masculinos, elaborada pela pesquisadora. Um modelo do questionário encontra-se no Apêndice A.

4. PROCEDIMENTOS

4.1 Procedimentos Éticos

A pesquisa foi realizada após o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências - UNESP, Bauru (PROCESSO No 2196/46/01/06). Todos os cuidados éticos foram respeitados para preservar a identidade dos participantes. Ressalta-se que os pais das 158 crianças na faixa etária entre 4 e 6 anos da escola foram chamados e receberam todas as informações referentes ao projeto: os objetivos e a atividade que seria realizada, procedimento, duração, ausência de ônus para a participação, possibilidade de desistência em qualquer momento e a garantia do sigilo das informações fornecidas, em caso de divulgação científica dos dados analisados. Depois de elucidadas todas as dúvidas, com o aceite, os mesmos assinaram um Termo de Consentimento Informado (Apêndice B), autorizando a própria participação na pesquisa. A princípio pai e mãe de todas as crianças foram chamados, porque a intenção era entrevistar os pais pensando que a educação dos filhos é função materna e paterna e que ambos poderiam ter concepções de gênero diferentes. No entanto, diante do fato de apenas dois pais comparecerem para a pesquisa, optamos por considerar a amostra somente as 25 mães presentes no dia da coleta.

4.2 Adaptação, Elaboração e Aplicação do Instrumento de Coleta

Antes da aplicação do questionário realizou-se um estudo piloto para avaliação e aperfeiçoamento do instrumento e treino da pesquisadora na sua aplicação. A mudança mais significativa do material original foi a inclusão da loja de brinquedos com figuras. Para a elaboração da 11^a primeira questão referente à “Loja de Brinquedos” (Apêndice C), foi feita uma busca por imagens no site www.google.com.br, mediante as palavras-chave: “brinquedos de meninas” e

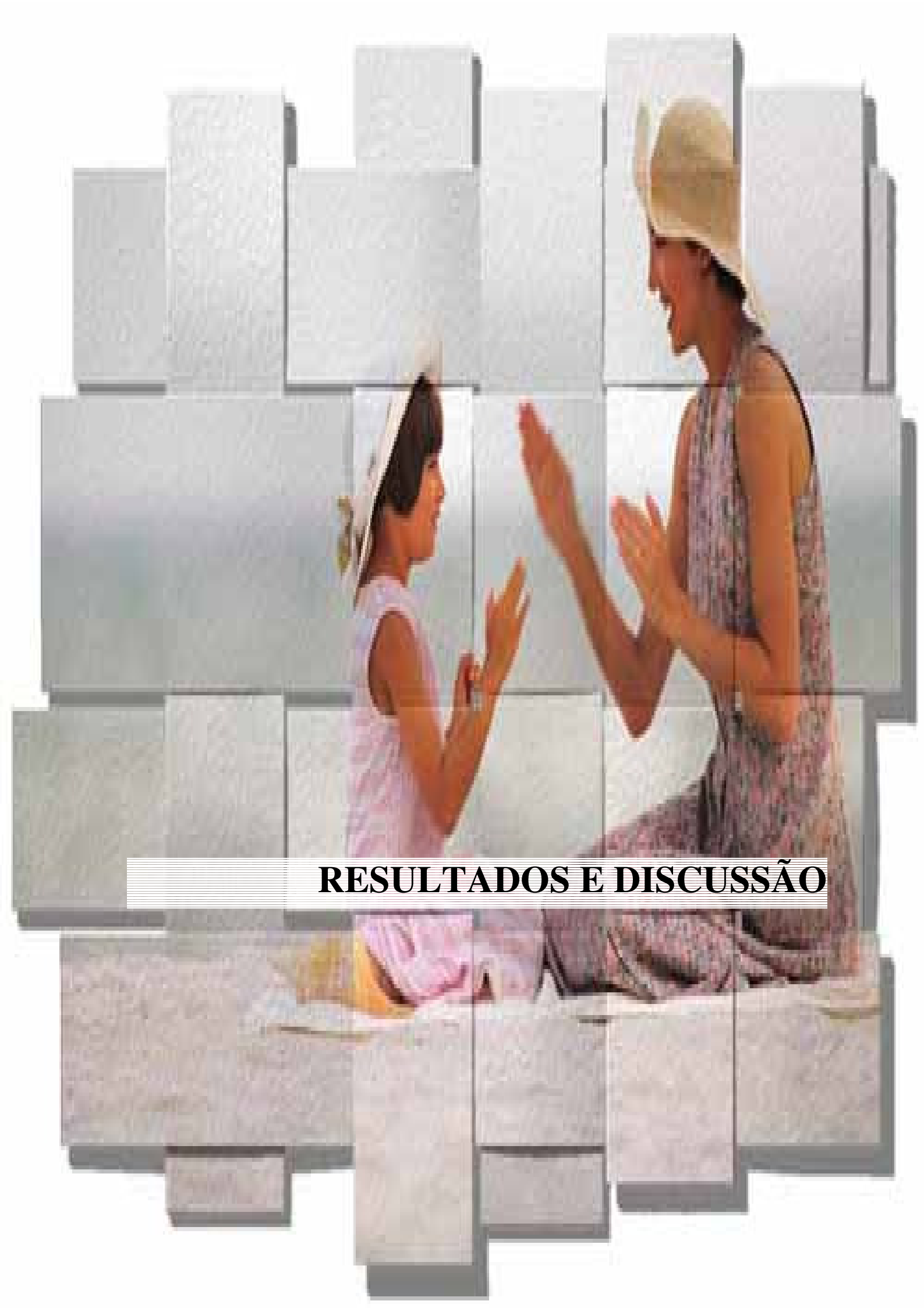
“brinquedos de meninos”. As cinco primeiras indicações de lojas de brinquedos foram consultadas, seguindo-se a busca por imagem, selecionando os brinquedos, excluindo-se os repetidos. A primeira versão do questionário foi aplicada em seis mães de crianças de idade entre 4 e 6 anos, semelhante a idade dos filhos das participantes efetivas. A partir deste estudo piloto, algumas alterações foram realizadas no questionário, tais como: substituição de uma questão referente aos fatores que determinam as características femininas e masculinas; desmembramento de uma questão em duas, referente às vantagens e desvantagens em ser homem ou mulher e modificação da ordem das questões. Somente após as modificações do instrumento é que foi realizada a coleta de dados.

A aplicação definitiva do questionário às mães foi coletiva. As 25 mães estavam reunidas em uma sala de aula na escola, ampla e com privacidade. Todas receberam oralmente instruções da pesquisadora, para o preenchimento do questionário, que deveria ser respondido de modo individual. Na última questão, 11^a, a prancha da “loja de brinquedos” era oferecida para cada uma delas para que pudessem responder à questão, escolhendo um brinquedo pela figura apresentada, marcando o número correspondente a escolha. As mães receberam as instruções, responderam ao questionário e o entregaram diretamente à pesquisadora. A aplicação do questionário teve duração média de 30 minutos. Toda a coleta ocorreu no mês de maio de 2007.

4.3 Procedimento de Análise dos Dados

A análise de dados essencialmente pautou-se na abordagem qualitativa, especialmente na análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) adotada por (FRANCO, 2005; MINAYO, 2007). O questionário continha 11 questões abertas. Todas as respostas foram transcritas na íntegra (Apêndice D). Após leitura exaustiva, os

temas foram selecionados e, a partir deles, realizados agrupamentos por categorias. Neste sentido, para responder as concepções sobre estereótipos de gênero das mães, as categorias foram as seguintes: 1) Características atribuídas ao gênero, 2) Vantagens e Desvantagens e 3) Concepções sobre a educação de meninos e meninas. Lembramos que embora não tivéssemos a intenção de comparar grupos de mães de meninos e de meninas, na análise dos resultados, optamos por separar os relatos, de modo a sugerir ou levantar hipóteses para as possíveis diferenças nos relatos, caso fossem encontradas.

A photograph of a woman and a young girl clapping their hands. They are positioned in front of a wall made of large, grey, rectangular blocks. The woman, on the right, is wearing a patterned dress and a tall, light-colored hat. The girl, on the left, is wearing a pink dress and a similar hat. Both are smiling and clapping. The background is a white wall with a grid of grey blocks.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS AO GÊNERO

Todas as respostas das participantes agrupadas nas características próprias de homens e mulheres foram distribuídas em subagrupamentos: características físicas, comportamentais, funcionais e estéticas.

O agrupamento das características físicas reuniu respostas relativas às partes do corpo físico com ou sem adjetivos (por exemplo: “seios” como característica feminina e “cabelo curto” como masculina) ou a características intrínsecas ao corpo biológico (por exemplo: “menstruação” como característica feminina e “barba” como masculina).

O agrupamento das características comportamentais incluiu referências a comportamentos, atitudes e modos de ser, sem que estes comportamentos tivessem relação direta com o corpo biológico. Exemplos: “delicada”, “sensível” e “ vaidosa” como características femininas e “grosseiro”, “sério” e “racional” como masculinas.

O agrupamento das características funcionais incluiu referências específicas a função que homens e mulheres exerceriam na sociedade, isto é atribuições consideradas próprias do feminino e ou masculino. Exemplos: “cuidar dos filhos” como característica feminina e “sustentar a casa” como masculina.

O agrupamento das características estéticas incluiu referências específicas a vestimenta, ao uso de adornos e cuidados pessoais. Exemplos: usar “laços e fitas” como característica feminina e “usar cueca” como masculina. O quadro, a seguir, descreve todas as respostas (sic) distribuídas nas subcategorias.

AGRUPAMENTO TEMÁTICO		Respostas das mães	
		Femininas	Masculinas
Características atribuídas ao gênero	Físicas	Cabelo um pouco comprido (M1) cabelo comprido (M5), formas (M2), tem seios (M5), seios (M6), unhas compridas (M5), gerar (M5), menstruar (M6).	Cabelo curto (M1), barba (M5 e M6).
	Comportamentais	Sensível (M1, M5, M16, M19 e M22), delicada (M1, M2, M4, M15, M20 e M23), tom de voz baixo (M1), amorosa (M2, M8, M16 e M21), sensata (M2), vaidosa (M3, M5, M9, M11 e M23), compreensiva (M3 e M9), meiga (M6 e M11), inteligente (M6, M10 e M11), respeito (M7), afinidade (M7), calma (M7), não é tanto racional (M7), olhar para o semelhante (M7), cuidadosa (M3, M8, M17 e M19), organizada (M8), prática (M8), encarar desafios (M9), lutar (M9), fofocar (M9), curiosa (M9), carinhosa (M7, M10, M13, M22 e M23), doce (M10), corajosa (M10, M13 e M16), acolhedora (M10), forte (M10), astuta (M10), trabalhadora (M6, M10 e M25), justa (M10), ética (M10), ter caráter (M11), responsável (M11 e M16), atenciosa (M13), gentil (M19), elegante (M19), confiante (M21), determinada (M22), batalhadora (M23), sincera (M24), instinto (M15 e M24), educada (M19), feminina (M19 e M20), íntegra (M19), limpa (M25), amiga (M21 e M22), companheira (M21 e M22).	Fala alto (M1), grosseiro (M22), áspero (M2), sério (M2), impulsivo (M2), autoritário (M3 e M6), machista (M3), impaciente (M5), inteligente (M6 e M11), elegante (M6), batalhador (M7), racional (M7 e M16), não chora (M7), pouco emotivo (M8), inseguro (M9), gentil (M10, M13 e M19), prestativo (M10), corajoso (M10 e M13), forte (M10), decidido (M10), ético (M10), acolhedor (M10), responsável (M9, M11, M16, M18 e M21), organizado (M11), ter caráter (M11), respeitador (M11), atencioso (M13), bondoso (M13), enérgico (M16), vaidoso (M23), educado (M19), íntegro (M19), mandão (M19 e M20), confiante (M21), companheiro (M21), egoísta (M22), durão (M22), prático (M24), independente (M24), trabalhador (M15), modo de agir (M4) jeito de falar (M4), másculo (M23), carinhoso (M23), valentão (M9).
	Funcionais	Cuidado com os filhos, a família e a casa (M3 e M17), tem facilidade em serviços domésticos (M5, M18 e M25), ser mãe (M6, M7, M11 e M17), saber ouvir (M9), amor e preocupação com o filho (M12), educadora (M3 e M13), ajudar nas despesas da casa caso seja necessário (M17).	Manutenção das despesas maiores do lar (M3), chefe de família (M6), sustentar a casa (M7 e M12), ajudar na educação dos filhos (M12), ser pai (M17), cuidar das necessidades financeiras do lar (M17), dar atenção aos filhos (M17), tem que trabalhar (M25), preocupado financeiramente (M5), pode namorar muitas garotas (M7), não consegue fazer mais de uma atividade ao mesmo tempo (M8).
	Estéticas (roupas e Adornos)	Laços e fitas (M1), roupas claras (M1 e M4), ser bonita (M6), usa saia (M7), Maquiagem (M5 e M14), arrumar os cabelos (M14 e M18), usar vestido (M14), ir a manicure (M18), usar acessórios (M18), vestir-se como mulher (M15).	Roupas largas (M1), usar cueca (M7), colocar calça e bermuda (M15), não usar brincos (M15).

Quadro 3 – Características atribuídas pelas mães para o gênero feminino e masculino.

Quanto às características físicas, distribuídas entre femininas e masculinas, as características sexuais aparecem como partes do corpo. Essas características físicas referentes às diferenças orgânicas de estrutura e funcionamento, isoladas da sociedade e da cultura, definem a identidade de gênero do ponto de vista biológico (HOSHINO, 1993; BARON-COHEN, 2004).

Nas demais características, no entanto, os fatores sociais e culturais parecem definir as diferenças atribuídas ao gênero, como papéis sexuais (CAVALCANTI, 1990; MAIA, 2005) e, portanto, vão além dos aspectos inatos, relativos à natureza biológica e refletem as expectativas culturais que definem e educam o que é o feminino e masculino em um contexto social e histórico (BELOTTI, 1975; LINTON, 1987; WHITAKER, 1988; HEILBORN, 1995; DINIZ, 1997; FRANCO; FAGUNDES, 2001; MAIA, 2005).

Quanto às características comportamentais, dentre as femininas, há aquelas características que reproduzem a identidade passiva, submissa ou sentimental da mulher (sensível, delicada, amorosa, carinhosa, compreensiva, meiga, calma, cuidadosa, acolhedora, frágil, educada, etc) refletindo a visão histórica do feminino apontada por Vaitsman (1994). Ao mesmo tempo, as características também recuperam a figura da mulher ativa e produtiva que assume como conta Ribeiro (2004) e Rocha (1998), o trabalho fora de casa, cuja personalidade agrupa valores éticos e íntegros (sensata, inteligente, corajosa, forte, trabalhadora, justa, responsável, determinada, batalhadora, etc). E ainda ressaltam a figura da “nova mulher” como nos diz Nolasco (1993), que é uma mulher vaidosa e elegante, organizada e prática. Além disso, uma mulher sensível às emoções, amorosa e acolhedora, amiga, gentil e companheira das outras pessoas.

Dentre as masculinas, há aquelas características que reproduzem a identidade machista e sisuda (sério, autoritário, pouco emotivo, decidido, mandão, etc.) e a identidade racional e corajosa (inteligente, batalhador, trabalhador, forte, decidido, valentão, etc.) (WHITAKER, 1995; RIBEIRO, 2004; MAIA, 2005). Ao mesmo tempo, as características também lembram a figura do “novo homem” (NOLASCO, 1993) que é vaidoso (elegante, másculo), íntegro (ético, com caráter) e ainda, um homem gentil e prestativo (acolhedor, bondoso, atencioso, educado, etc.).

As características atribuídas ao feminino e ao masculino aparecem como estereótipos sexuais reproduzindo aqueles já apontados por outros autores que estudam gênero, como Whitaker (1988), Vianna; Ridenti (1998), Moreno (1999), Labbé; Puech (2004) e Muraro (2006).

Para aprofundar a análise, optamos por detalhar as características femininas e masculinas comportamentais em subcategorias, mostradas no quadro abaixo.² Não pretendemos definir com precisão os agrupamentos, apenas olhar de modo mais delimitado essas características.

Agrupamentos	Características Comportamentais	Participantes (Mães)
FEMININAS	Compreensiva, respeitosa, acolhedora, atenciosa, gentil, educada, olha para o outro, cuidadosa, companheira, amiga, afinidade	M3, M3, M7, M7, M7, M8, M9, M10, M13, M17, M19, M19, M19, M21, M21, M22 M22
	Delicada, meiga, doce, fala baixo, calma	M1, M1, M2, M4, M6, M7, M10, M11, M15, M20, M23
	Amorosa, carinhosa	M2, M7, M8, M10, M13, M16, M21, M22, M23
	Confiante, determinada, lutadora, corajosa, forte, encara desafios	M9, M9, M10, M10, M13, M16, M21, M21, M22
	Sensível, frágil, não racional	M1, M5, M7, M16, M19, M22
	Vaidosa, elegante	M3, M5, M9, M11, M19, M23
	Íntegra, ter caráter, justa, ética, sincera, sensata,	M2, M10, M10, M11, M19, M24
	Trabalhadora, batalhadora, responsável	M6, M10, M11, M16, M23, M25
	Inteligente, astuta, curiosa	M6, M9, M10, M10, M11
	Instinto	M15, M24
	Organizada, prática	M8, M8
	Feminina	M19, M20
	Outras: fofoqueira, limpa	M9, M25
MASCULINAS	Grosseiro, áspero, enérgico, impaciente, impulsivo, mandão, autoritário, egoísta, durão,	M22, M2, M16, M5, M2, M19, M20, M3, M6, M22, M22
	Gentil, prestativo, acolhedor, respeitador, Atencioso, bondoso, educado, companheiro, carinhoso	M10, M13, M19, M10, M10, M11, M13, M13, M19, M21, M23
	Batalhador, trabalhador, responsável	M7, M15, M9, M11, M16, M18, M21
	Valentão, corajoso, forte, másculo, machista	M9, M10, M13, M10, M23, M3
	Independente, confiante, decidido, Prático, organizado Inteligente,	M24, M21, M10 M24, M11 M6, M11
	Racional, não chora, pouco emotivo, sério	M7, M16, M7, M8, M2
	Ético, ter caráter, íntegro	M10, M11, M19
	Modos de agir, jeito de falar, fala alto	M4, M4, M1
	Elegante vaidoso	M6, M23
	Inseguro	M9

Quadro 4 - Subagrupamento das características comportamentais femininas e masculinas.

² Lembramos, no entanto, que as categorias não foram expostas à juízes, isto é, as características foram agrupadas apenas com o critério do pesquisador, na tentativa de ilustrar melhor como elas se distribuíam em frequência, portanto, elas podem ser organizadas de modo diferente, dependendo da compreensão de outras pessoas sobre esse agrupamento.

Nos dois casos, se considerarmos a frequência das características, é interessante destacar que a flexibilidade dos atributos aparece igualmente para o feminino e para o masculino, isto é, há a figura da mulher recatada e submissa do passado e a figura da mulher lutadora e corajosa do presente assim como também há a figura do homem grosseiro e autoritário do passado e carinhoso e companheiro do presente. Os dados reforçam o que afirmam Rocha (1998) quanto ao fato das mulheres oscilarem, atualmente, entre os dois modelos femininos, um voltado à maternidade e outro à realização profissional e pessoal.

No entanto, quando pensamos nas características funcionais, isto é, para que servem socialmente homens e mulheres os estereótipos aparecem com mais força. Nas características funcionais, as atribuições femininas referiram-se a responsabilidade pela casa, pelos filhos, pelo marido, ou seja, pela família. As funções relativas ao papel da maternidade e à família são preponderantes (cuidar dos filhos, da família e da casa, inclusive responsabilizar-se pelos serviços domésticos). O “ser mãe” aparece como um papel que envolve a compreensão (“saber ouvir”), a educação e a dedicação com preocupação e amor aos filhos. Em relação ao trabalho, destaca-se o trabalho do lar uma vez que há “a facilidade pelos serviços domésticos” enquanto que o trabalho fora de casa, para uma possível ajuda financeira nas despesas da casa, só foi considerado em caso de necessidade, reforçando Rocha (1998) e Rêgo, Bastos e Alcântara (2002) quando afirmam que a identidade feminina foi e ainda é definida pelos papéis maternais. As atribuições masculinas referiram-se basicamente em ser o provedor da família, isto é, manter as despesas da casa e responder às necessidades financeiras (BELOTTI, 1975; LINTON, 1987; WHITAKER, 1988; HEILBORN, 1995; DINIZ, 1997; FRANCO; FAGUNDES, 2001; MAIA, 2005). Todavia, o papel da paternidade e da educação dos filhos também foi considerado, embora com menor destaque. Além

disso, o papel do erotismo masculino relacionado a ter várias parceiras sexuais, também foi lembrado como uma característica masculina.

Finalmente, quanto às características estéticas, o feminino incluiu tipos de roupas, enfeites como laços e fitas, além de cuidados com as unhas, cabelo e maquiagem enquanto que o masculino incluiu tipos de roupas específicas como a cueca, bermuda e calças. A vaidade e a elegância, lembradas nas características comportamentais parecem mais enfatizadas quando se trata das mulheres.

Os estereótipos sexuais femininos e masculinos que aparecem no relato das mães vão ao encontro da literatura no que diz respeito a um conjunto padronizado de características físicas, psicológicas, comportamentais e sociais como afirmam os autores Whitaker (1988; 1995) Moreno (1999), Sayão (2002b) e Souza (2006). Também ratificam os achados de Graciano, Silva e Guarido (1977) e Ferreira (1993).

2. VANTAGENS E DESVANTAGENS RELACIONADAS AO GÊNERO

Todas as respostas dos participantes sobre as “vantagens” e “desvantagens” em ser homem ou mulher foram distribuídas em subagrupamentos. Como as respostas diferiram entre as características, as categorias não foram as mesmas quando se tratou do masculino e do feminino.

Para as vantagens masculinas, as respostas das mães foram agrupadas em: a) vantagem econômica e profissional e b) vantagem social e sexual. O agrupamento da vantagem econômica e profissional incluiu relatos que consideravam o homem mais valorizado socialmente diante do mundo do trabalho, e isso significaria benefícios profissionais e econômicos. O agrupamento da vantagem social e sexual incluiu relatos das mães que destacavam a valorização social masculina diante de uma sociedade que respeitaria os homens e os favoreceriam com o reconhecimento e com benefícios como,

por exemplo, o fato de homens terem maior liberdade e tempo livre por assumirem menor número de tarefas diárias. Além disso, teriam vantagens sociais por se apropriarem da família e da paternidade e também por se apropriarem de uma vida amorosa diversificada sem ter que enfrentar o julgamento moral por parte da sociedade. O quadro a seguir descreve todas as respostas distribuídas nas categorias.

CATEGORIAS	RELATOS SOBRE AS VANTAGENS EM SER HOMEM	
	MÃES DE MENINAS	MÃES DE MENINOS
VANTAGEM PROFISSIONAL E ECONÔMICA	<i>São colocados a ser aptos em todos os afazeres (M11); A maior vantagem de ser homem é não precisar lavar roupa (M10);</i>	<i>O homem por ter mais chances de arrumar um emprego melhor (M12); é na questão profissional (M16) a vida social e financeira (M22); Só trabalha fora (M24). Tem o melhor salário e vantagens em determinados empregos (M24).</i>
VANTAGEM SOCIAL E SEXUAL	<i>Ser homem tem coisas que pode mais (M4); O homem tem maior tempo. Ex: estudar, jogar bola, et. (M6); Não tem que pensar no que fazer quando chega em casa (M7); Perante a sociedade os homens não precisam realizar muitas tarefas (M8);</i>	<i>Homem passa responsabilidade, segurança (M21); São mais ouvidos (M20); O homem é sempre mais respeitado (M1); ter uma família unida ser pai (M13); Ainda é permitido tudo a eles como ex: ter vários relacionamentos e ele não é comentado (M16)</i>

Quadro 5 – Agrupamento das respostas das mães sobre as vantagens em ser homem.

De novo, as vantagens reforçam estereótipos masculinos que dizem respeito ao mundo do trabalho e a valorização social diante de sua competência, respeitabilidade e até mesmo a variabilidade amorosa e sexual (WHITAKER, 1988; 1995; NOLASCO, 1993; NUNES; SILVA, 2000; RIBEIRO, 2004; MAIA, 2005).

Para as vantagens femininas, as respostas foram agrupadas em: a) vantagem relacionada à maternidade e a educação de filhos, b) vantagem legal e c) vantagem afetiva e emocional.

O agrupamento da vantagem relacionada à maternidade e à educação de filhos incluiu relatos sobre os aspectos biológicos da geração e do papel de cuidado

com os filhos. O agrupamento da vantagem legal incluiu relatos sobre questões relacionadas à legislação brasileira sobre direitos e deveres. O agrupamento da vantagem afetiva e emocional incluiu relatos das mães sobre questões emocionais nos relacionamentos das mulheres com outras pessoas remetendo a dependência de outros e a sentimentos de amor, ou seja, ser necessária, respeitada e amada por outros. Destaca-se, também, a capacidade pessoal em lidar com as adversidades da vida como uma vantagem feminina. O quadro a seguir descreve todas as respostas distribuídas nas categorias.

CATEGORIAS	RELATOS SOBRE AS VANTAGENS EM SER MULHER	
	MÃES DE MENINAS	MÃES DE MENINOS
VANTAGEM RELACIONADA À MATERNIDADE E À EDUCAÇÃO DE FILHOS	<i>A possibilidade de ser mãe gerar alguém (M5); Poder ser mãe (M8); Poder ter filhos e criá-los (M10).</i>	<i>Poder contribuir de forma positiva na formação social e psicológica dos filhos (M3); Poder ter filhos (M12); Ser mãe, educando seu filho para ser feliz (M13); Tem mais tempo para os filhos (M15).</i>
VANTAGEM LEGAL	<i>A mulher tem mais tempo para cuidar do filho quando nasce (M6)</i>	<i>a única vantagem é que a lei a protege e a cerca de algumas situações (M22).</i>
VANTAGEM AFETIVA E EMOCIONAL	<i>Ser forte para encarar a vida (M10) saber que você comanda a sua casa e todos precisam de você (M10);</i>	<i>São mais respeitadas (M20); Amor e carinho (M21). Capacidade de ela se ajustar a qualquer mudança (M24).</i>

Quadro 6 – Agrupamento das respostas das mães sobre as vantagens em ser mulher.

No levantamento das vantagens em ser mulher na nossa sociedade, as mães ressaltam questões relativas à identidade feminina reprodutora como um imperativo biológico (PAIVA, 1989). A gravidez e parto são aspectos valorizados por se tratar de questões específicas femininas, mas ressaltam também aspectos da maternidade, que sabemos ser social. Nesta tarefa da maternidade, atributos como a afetividade vem à tona somando na avaliação favorável desta função “feminina”, porém, sabemos que cuidar e educar filhos diz respeito também a paternidade e não é

um atributo específico de mulheres, porque é cultural (BADINTER, 1985; CAIXETA; BARBATO, 2004).

Para as desvantagens masculinas, as respostas foram agrupadas em: a) desvantagem relacionada à paternidade e à educação de filhos, b) desvantagem social, econômica e profissional e c) desvantagem relativa a padrões de gênero. O agrupamento da desvantagem relacionada à paternidade e à educação de filhos incluiu relatos que relacionavam situações de geração, cuidado e educação de filhos. O agrupamento da desvantagem social, econômica e profissional incluiu relatos sobre o mundo do trabalho como um dever associado ao sustento da casa e da família e também o maior engajamento em situações marginais. O agrupamento da desvantagem relativa a padrões de gênero indicava a necessidade de corresponder aos padrões sociais de masculinidade. O quadro a seguir descreve todas as respostas distribuídas nas categorias.

CATEGORIAS	RELATOS SOBRE AS DESVANTAGENS EM SER HOMEM	
	MÃES DE MENINAS	MÃES DE MENINOS
DESVANTAGEM RELACIONADA À PATERNIDADE E À EDUCAÇÃO DE FILHOS	<i>É que o homem não saberá nunca o que é ser mulher (sentimentos, gravidez)(M7.)</i>	<i>É a não participação mais ativa na educação (M3); O homem perde na maioria das vezes o crescimento dos seus filhos (M12);</i>
DESVANTAGEM SOCIAL ECONÔMICA E PROFISSIONAL	<i>O homem trabalha mais (M4); O homem carrega o fardo de ter que ser o provedor da casa (M8);</i>	<i>A desvantagem é de trabalhar duro se quiser ser homem e ser alguém na vida (M13); Tem sempre que trabalhar e dar sustento (M20); Muita responsabilidade de alimentar a família e proporcionar uma vida digna (M21); Trabalho (M22); Criminalidade (M22). Ter que pegar trabalho (M25).</i>
DESVANTAGEM RELATIVA AOS PADRÕES DE GÊNERO	<i>É porque ele sempre vai ter que ser machão (M10); Hoje a sociedade se torna mais rigorosa com os homens (M11);</i>	<i>Homem na sociedade não pode fraquejar (M24).</i>

Quadro 7 - Agrupamento das respostas das mães sobre as desvantagens em ser homem.

É curioso notar que as desvantagens masculinas citadas pelas mães reforçam as vantagens que elas atribuem ao feminino e ao masculino. Afastar-se da paternidade pela obrigação em sustentar a casa e trabalhar fora é, no olhar dessas mães, ruim porque eles não vivem a educação dos filhos que seria uma vantagem do feminino, mas ao mesmo tempo, é ruim porque exige demais dele um tempo e uma dedicação com a vida pública, lembrada anteriormente como uma vantagem masculina. Também, como lembra Nolasco (1993) a cobrança social em relação ao masculino é fortemente marcada pela necessidade de provar a virilidade e a masculinidade.

Para as desvantagens femininas, as respostas foram agrupadas em: a) desvantagem social e profissional; b) desvantagem moral e c) desvantagem relacionada à família. O agrupamento da desvantagem social e profissional incluiu relatos que consideram dificuldades à mulher o fato de não ser reconhecida e ter que lidar com situações de desigualdades na sociedade em que vivem. O agrupamento da desvantagem moral incluiu relatos sobre o fato de ser menos respeitada e sofrer maior discriminação social ou ainda pela necessidade em corresponder aos padrões sociais de feminilidade. O agrupamento da desvantagem relacionada à família dizia respeito ao fato da mulher ter muita responsabilidade na educação de filhos e na colaboração afetiva à família. O quadro a seguir descreve todas as respostas distribuídas nas categorias.

CATEGORIAS	RELATOS SOBRE AS DESVANTAGENS EM SER MULHER	
	MÃES DE MENINAS	MÃES DE MENINOS
DESVANTAGEM SOCIAL E PROFISSIONAL	<i>A mulher fica sobrecarregada com todas as tarefas (M8); Não trabalhar, quando tem filhos pequenos (M6); A mulher além de disputar o mesmo espaço que o homem ainda trabalha em casa (M23).</i>	<i>Ser mulher sempre acarreta menores salários (M1)</i>
DESVANTAGEM MORAL	<i>A mulher às vezes é tratada com desrespeito só por ser mulher (M4); Alguns lugares as mulheres ainda são discriminadas, exemplo na política ainda há poucas mulheres (M5); Não reconhecimento – a única desvantagem ainda é essa (M7); Desvantagem de ser mulher ainda é pela discriminação (M10); é um pouco discriminadas (M19);</i>	<i>Falta de respeito no trânsito (M1); Às vezes alguns homens acham que as mulheres devem ser submissas demais a eles (M2); Ela já fica falada (M16); Alguns casos não são levadas muito a sério (M20); Mulher: ser mãe solteira, e ser mau vista por certas situações (M22); Mulher na sociedade que deixa de casar e ter filhos para seguir carreira é motivo de certa discriminação (M24).³ [ter que ser] vaidosa (M25).</i>
DESVANTAGEM RELACIONADA À FAMÍLIA		<i>Acho que a mulher fica com uma parte “pesada” na contribuição familiar que é mais a educação. Dá a impressão que se der algo errado no comportamento dos filhos, como envolvimento com drogas, que a culpa é da mulher que mais tempo esteve com os filhos (M3); Mulher, ajudar o homem nisso (alimentar a família e proporcionar uma vida digna) e também no lado afetivo (M21).</i>

Quadro 8 - Agrupamento das respostas das mães sobre as desvantagens em ser mulher

As vantagens em ser homem são compreendidas, pelas mães, como relacionadas às questões sociais. Nenhuma vantagem associada ao biológico, ao corpo físico, ao corpo que fecunda, foi citada. De modo geral, para elas, a sociedade respeita mais o masculino e o considera mais apto e mais capaz para exercer as atividades profissionais, vantagens que resultam em melhores salários e melhores empregos. Outra vantagem foi a questão de ter maior tempo livre em decorrência da separação do trabalho público e privado, isto é, diante da não exigência aos homens do trabalho

³ Apesar desta resposta da mãe citar uma desvantagem relacionada à escolha profissional, optamos por incluí-la na categoria “Desvantagem moral”, por entender que a crítica referia-se a discriminação de gênero antes do trabalho.

doméstico que o favorece a fazer outras atividades como descansar, estudar, jogar bola etc. Alguns poucos relatos lembraram a vantagem masculina em ter uma família e ser pai nesta família, além de serem menos discriminados pela sociedade que o permite e o incentiva a ter vários relacionamentos amorosos. Essas vantagens, em geral, reforçam os estereótipos sexuais também encontrados no estudo de Raiser (1985).

As desvantagens foram, sobretudo, relacionadas ao trabalho afastado da família, isto é, participar menos da educação e do crescimento dos filhos e não vivenciar os sentimentos relacionados à gravidez e à maternidade. O trabalho público, embora vantajoso, tem seu fardo, uma vez que exige mais do homem e é um imperativo social porque a responsabilidade pelo sustento dos filhos e da casa é do homem. A sociedade que é permissiva sexualmente aos homens também cobra que eles sejam machões e que nunca fraquejem, o que podemos sugerir que tenha a ver com o relato de M22, quando lembra que o masculino tem a desvantagem diante de tudo isso, de se engajar mais em violência e criminalidade.

Contrapondo as duas questões, o homem tem a função de trabalhar fora, responsabilizar-se pelo sustento da casa, embora isso lhe custe o educar e ver menos seus filhos. O tempo livre de descanso e lazer favorecido pela flexibilidade social dos padrões sexuais também é misturado pelas cobranças de papéis masculinos. Nas vantagens e desvantagens masculinas, os aspectos biológicos foram pouco valorizados e os sociais destacados no geral.

As vantagens em ser mulher relacionam-se mais a maternidade e à educação dos filhos. Tanto os aspectos biológicos de gerar alguém e também a vida social da maternidade foram enfatizados como sendo vantagens relacionadas ao feminino. Associado a isso, a legislação favorece as mulheres para cuidar do filho ao nascer e em algumas situações também a protege. Emocionalmente, as vantagens do

feminino ressaltam um fortalecimento emocional diante do fato de lidar com as situações da vida. Em alguma medida, a mulher também teria a vantagem de ser necessária para outras pessoas, sendo respeitada por sua condição feminina, oferecendo amor e carinho, sentimentos e emoções que não foram citados no masculino.

No entanto, as desvantagens recorrentes ao feminino também foram citadas em relação ao aspecto social e profissional, pelo fato de não serem reconhecidas no trabalho que realizam e no mundo competitivo do trabalho público como os homens (COSTA, 1983; VAITSMAN, 1994; CAIXETA; BARBATO, 2004). Moralmente, as desvantagens foram lembradas em várias situações de discriminação e desrespeito, tanto em situações de trânsito, como em situações de serem julgadas por outros quando se engajam em atividades políticas e ou trabalhistas em detrimento do papel feminino socialmente esperado. Poucos papéis femininos relacionados aos padrões foram lembrados como desvantajosos: apenas questões como a submissão e a vaidade. No campo da família, a responsabilidade em cuidar dos filhos, pode ser também desvantajosa quando “não dá certo”. A preocupação em ajudar o marido com os cuidados à família, além do aspecto afetivo, também foi citado por M21, como desvantajoso.

Contrapondo as duas questões, a mesma vantagem da maternidade pode representar dificuldade no campo social como a responsabilidade e culpa pelo sucesso da educação dos filhos e pelo afastamento da mulher no mundo do trabalho que diminuem a competição justa com os homens. A mesma legislação que a protege diante da licença maternidade e de situações de violência, promove também leis que a discriminam no mundo do trabalho, com diferenças nos empregos e salários desiguais. A vantagem afetiva, ser respeitada e amada, também tem a outra face que é a

discriminação e o julgamento moral diante de padrões femininos não correspondidos, como o “ser mãe solteira”, “não casar” e “não ter filhos”.

Evidentemente que se trata do relato de mulheres e isso é uma variável que perpassa todos os discursos. Nos dados não tivemos acesso ao ponto de vista dos pais e, como afirmam Silva, Guarido e Graciano (1976), La Rosa (1979), Afonso e Leal (2007) há diferenças sobre a compreensão de gênero quando esta parte de um homem ou de uma mulher. Além disso, no relato das mães há uma certa contradição sobre os papéis sexuais de homens e mulheres, o que é saudável se pensarmos nos estereótipos. O feminino e o masculino, embora explicita estereótipos de gênero tem nuances que revelam sua flexibilidade e sua construção histórica.

3. CONCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE MENINOS E MENINAS

3.1 Compreensão sobre haver ou não diferença na educação de meninos e meninas

Muitas mães (M3, M6, M8, M9, M10, M12, M13, M15, M17, M19, M20, M24) não relataram perceber diferenças quanto à educação de filhos meninos e meninas; argumentam que as mesmas dificuldades e facilidades na educação de filhos acontecem para ambos os sexos. Os argumentos referem-se ao fato de que, sendo meninos ou meninas, todas as crianças devem ser respeitadas pelos pais e requerem cuidados, atenção, amor. Além disso, que as dificuldades e preocupações na educação de meninos e meninas seriam as mesmas.

Por outro lado, outras mães (M1, M5, M21, M25, M4, M12, M16, M7, M22), afirmaram perceber diferenças na educação de meninos e meninas por se tratar de modos diferentes de se educar, porque as preocupações na educação deles são diferentes e específicas a cada sexo e ainda porque há facilidades e dificuldades envolvidas nessa

educação. O quadro 9 mostra as duas categorias de respostas, quando se trata das mães que não percebem e as que percebem diferenças no educar de meninos e meninas.

Categorias	Relatos das mães	
	MÃES DE MENINAS	MÃES DE MENINOS
Mães que não percebem diferenças na educação	<i>A educação seria a mesma para ambos os sexos – M6</i> <i>Acredito que as dificuldades para educar são as mesmas, independente do sexo, e uma delas é frear o consumismo – M8</i> <i>Ambos os sexos requerem cuidados especiais, atenção e acima de tudo, muito amor – M9</i> <i>Tem que ter uma boa comunicação – M18</i> <i>Os dois nos dias de hoje estão no mesmo nível de preocupação – M19</i>	<i>Só depende da ação dos pais – M2</i> <i>O pensamento machista de que o menino deve ser controlador e que não deve ser sentimental não deve existir mais. O respeito mútuo deve ser explorado sempre – M3</i> <i>Devemos orientar da mesma maneira tanto os meninos como as meninas – M15</i> <i>Para educar tem que haver respeito, carinho, atenção com tudo que diz respeito As crianças sejam meninas ou meninos – M17</i> <i>Todos meninos e meninas, você tem que educar com bastante amor e carinho – M20</i>
Mães que percebem diferenças na educação	<i>Na maioria das vezes depende do que você vai explicar para a menina você tem que ser mais delicada, já com menino as vezes não precisa tanto – M5</i> <i>Mulher tem que tomar mais cuidado por engravidar cedo, etc. Homem é com bebida, drogas, etc – M4</i> <i>Eu acho mais fácil educar meninas, pois pensamos como elas – M7</i> <i>Ambos tem suas preocupações, o crescimento do menino por não se envolver em roubo, drogas, etc. E a menina por não se meter com mas “companias” e engravidar, etc – M12</i>	<i>Acredito que são formas diferentes mas que precisam de dedicação e respeito dos pais – M1</i> <i>Dificuldades para você tornar o seu filho um homem de caráter (...) mas também com sentimentos de amor para com as pessoas, educação sem o que os torne afeminados – M16</i> <i>o menino você tem as vezes que ser mais firme, já as meninas compreensivas desde cedo – M21</i> <i>Meninos tem mais dificuldade, por serem mais rebeldes e pela criminalidade que a em nossa cidade – M22</i> <i>criança meninos tem que ter educação que os pais tem que dar eu acho que educar menina que educar uma criança tem que ter uma educação tem que ter uma ir a escola para ser educar – M25</i>

Quadro 9 - Categorias das respostas das mães sobre a percepção de diferenças na educação de filhos meninos e meninas.

É interessante notar que quando as mães se referem a diferentes modos de educar citam características estereotipadas de gênero como “delicadeza” às meninas e “firmeza” aos meninos, reforçadas por uma educação familiar que deveria ser rígida e firme aos meninos e por uma educação disciplinadora e vigiada às meninas, quando delimitam as instituições educacionais, às meninas.

As preocupações na educação diferenciada reforçam também limites distintos para o espaço público e o privado no mundo de homens e mulheres. A vulnerabilidade de meninos refere-se à “violência” e à “marginalidade”, como se fosse próprio de meninos dominarem o espaço público que estimularia força e aventura. No caso da vulnerabilidade de meninas, as mães referem-se à possibilidade de ela ter socialmente “má fama” e “ficar grávida”, como se fosse próprio das meninas o estímulo a relações sexuais imorais, na sua vida privada. Mais uma vez a vida pública masculina versus a vida privada feminina aparece nos relatos (VAITSMAN, 1994; CAIXETA; BARBATO, 2004).

Questões de gênero foram evidentes nos discursos das mães. Um exemplo pode ser visto na preocupação da mãe M16 em educar seu filho menino justamente em ajudá-lo a ser amoroso, uma característica considerada feminina, sem que isso o influenciasse a ser homossexual (como se isso fosse possível). Uma facilidade interessante lembrada pela mãe M7 ao educar meninas é a identificação com o sexo, por ser ela também uma mulher, como comentou Belotti (1975) na construção do gênero. Para M22, o temperamento rebelde de meninos associado a uma sociedade violenta, reforça a dificuldade de se educar meninos.

Em todos os casos, destacam-se estereótipos de gênero que aparecem e influenciam o modo de perceber dessas mães sobre como educam seus filhos, quando se trata de sexos diferentes. As preocupações “diferentes” refletem um dos modos como a sociedade atualmente tem configurado o masculino e feminino, isto é, relacionar a violência à masculinidade e à sexualidade imoral, à feminilidade. Whitaker (1988), Nunes e Silva (2000), Maia (2005), Zenhas (2007) têm denunciado como a educação familiar, aqui representada nas vozes das mães, influencia o modo de educar seus filhos quando aos modelos do feminino e do masculino influenciando a formação de gênero

das crianças seja por identificação, diferenciação ou imitação (MUSSEN; NETTO, 1975; MANNING, 1977; BIAGGIO, 1988).

3.2 Compreensão sobre haver ou não atividades proibidas em função do gênero

Para muitas mães (M1, M3, M4, M8, M9, M10, M11, M13, M14, M16, M17, M20, M21, M22 e M24), não há atividades que sejam proibidas para meninos e meninas. Dentre estas, algumas valorizam as regras e valores sociais que devem ser observadas nas atividades independentemente se forem realizadas por meninos ou meninas. Exemplos: *“Acredito que tanto meninos ou meninas podem brincar e fazer o que gostam, sempre respeitando algumas regras”* (M1) e *“acho que as crianças podem brincar do que quiserem, só precisamos ficar atentos para ensinar os princípios e valores para conviver na sociedade”* (M8). Outras lembram a necessidade de haver orientação dos pais sobre as atividades que meninos e meninas realizam exemplo: *“desde que o menino ou menina gosta, os pais orientando ambos”* (M14).

No entanto, para as mães M2, M5, M6, M7, M15, M18, M19, M23, M25, há a compreensão de que existem atividades que sejam proibidas para meninos e meninas. Nestas atividades, haveria aquelas que seriam próprias para meninos ou meninas porque exigiriam características de um determinado gênero, como, por exemplo, ter mais força para exercer alguma atividade de grande esforço, tipo “esporte violento”. Nestes casos, essas atividades seriam restritas aos meninos, porque as meninas seriam “delicadas” para exercê-las. Também nestas atividades, haveria brincadeiras específicas ao gênero, como “jogar bola/ futebol” e “brincar de carrinho” sendo de meninos e “brincar de bonecas”, sendo específico de meninas. Há imperativos sexistas, mas sem justificativas, como por exemplo: *“menino deve brincar só com brinquedos de meninos e meninas devem, brincar só com brinquedos de meninas”*

(M15). Ou quando a mãe ameniza o sentido da proibição, esta é substituída pela regra “*ensiná-lo o que é certo*” (M2).

É interessante notar que a compreensão sobre haver ou não atividades proibidas aos meninos e meninas, referiram-se, para algumas mães a atividades de brincadeiras; poucas outras atividades específicas foram citadas, como “esportes”, “musculação” e “carregar peso”. O quadro 10 ilustra as categorias de respostas das mães sobre a compreensão de haver ou não atividades proibidas a meninos e meninas.

No caso da compreensão de não haver atividades proibidas em função do gênero, o discurso prioriza as questões sobre a capacidade igual de realização das atividades e sobre a necessidade de direitos iguais aos meninos e meninas. Além disso, o desejo da criança na escolha da atividade sobressai ao fato desta atividade ser direcionada a algum gênero específico. Em outros casos, há a compressão de que as atividades possam ser realizadas por ambos, porém, há restrições relacionadas às atividades que envolvem as orientações dos adultos e o fato das atividades poderem ser “perigosas”.

No caso da compreensão de haver atividades proibidas em função do gênero, estas direcionam, sobretudo, para atividades de brincadeiras – que iremos analisar mais adiante em outros agrupamentos de respostas – reforçando características de gênero como “força” e “violência” ao masculino e “delicadeza” ao feminino que limitariam a realização de certas atividades, especialmente quando se tratam de meninas. Algumas mães direcionam especificamente uma separação entre atividades e brincadeiras masculinas, como “brincar de carrinho” e “jogar bola” e atividades e brincadeiras femininas, como “boneca” e “princesa”. Destaca-se, como já dissemos a compreensão da obrigatoriedade desses padrões, nos verbos: “menino deve” “menina

pode”, lembrando a repressão sexual, discutida por Chauí (1985) e também em Maia e Maia (2005).

Quando há destaque para atividades proibidas, ressaltam-se limitações às meninas. Veremos mais adiante que, a despeito das atividades proibidas a meninos e meninas, na concepção destas mães, seus relatos revelam que as crianças pouco se adequam a essas proibições porque as atividades em si mesmas são voltadas ao desenvolvimento infantil, antes do gênero. Todavia, como comentam Belotti (1975), Whitaker (1988), Cole e Cole (2003), as atividades, brincadeiras e brinquedos acabam sendo voltados, respondendo ao mercado sexista, ao gênero masculino e feminino ainda que se tratem das mesmas situações.

Categorias	Relatos das mães	
	MÃES DE MENINAS	MÃES DE MENINOS
Compreensão de que não há atividades que sejam proibidas para meninos e meninas	<i>Acho que não-M4</i> <i>Crianças podem brincar do que quiserem, só precisamos ficar atentos para ensinar os princípios e valores para conviver na sociedade-M8</i> <i>Todos têm os mesmos direitos- M9</i> <i>Eles podem brincar com qualquer coisa desde que não seja perigoso- M10</i> <i>Qualquer atividade pode ser feita tanto menina, ou menino desde que se exista regras e limites-M11</i>	<i>Meninos ou meninas podem brincar e fazer o que gostam, sempre respeitando algumas regras-M1</i> <i>Não proibi mas também não incentivei-M3</i> <i>Desde que o menino ou menina goste, os pais orientando ambos- M13</i> <i>Não eu acho que tudo depende da maneira que é passado – M14</i> <i>Todas as atividades podem ser direcionadas para ambos os sexos- M16</i> <i>Pois crianças não tem malícia ou maldade naquilo que fazem – M17</i> <i>Desde que a criança goste, não vejo porque proibir – M20</i> <i>Deixo meu filho brincar do que ele “quizer”-M21</i> <i>Porque todos são capazes de realizar atividades da mesma forma- M22</i> <i>Não Hoje em dia as atividades estão muito restritas, porque onde moro como a maioria de outros pais, a criança perdeu espaço para brincar e interagir com outras crianças – M24</i>
Compreensão de que há atividades que sejam proibidas para meninos e meninas	<i>Não podemos proibi-lo e sim ensiná-lo o que é certo-M2</i> <i>Esportes que exigem muita força, porque meninas são delicadas-M5</i> <i>Meninos brincam de carrinhos, joga bola, etc. Meninas brincam de bonecas, gostam de filmes de princesas – M6</i> <i>A sociedade proíbe brincadeiras com boneca pra meninos e brincadeiras de jogar bola para meninas (futebol). A maioria dos pais teve uma infância onde tudo era separado, brinquedos para meninas e meninos – M7</i> <i>Jogar bola por exemplo, é muito violento, para meninos, a menina é mais delicada-M18</i> <i>Há atividades como uma posição de peso um pouco mais elevado- M19</i> <i>eu não gostaria que minhas filhas jogassem futebol ou fizessem musculação – M23</i>	<i>Menino deve brincar só com brinquedos de meninos e meninas devem brincar só com brinquedos de meninas – M15</i> <i>Não brincar de enforcar o outro-M25</i> <i>a menina pode brincar de boneca e casinha, amarelinha porque ela é mulher – M25</i>

Quadro 10 - Categorias das respostas das mães sobre a compreensão de atividades proibidas para meninos e/ou meninas.

3.3 Compreensão das mães sobre haver ou não brinquedos próprios para meninos e meninas

Para algumas mães (M2, M3, M7, M8, M9, M10, M13, M17, M18, M23) não há brinquedos específicos ao gênero. Em alguns casos, embora meninos e meninas possam brincar com tudo, é preciso, segundo as mães, haver orientação observando as atitudes das crianças ou a adequação do brinquedo com a idade das crianças. Há uma compreensão de que as crianças devem ser vistas como crianças e *isso as tornaria* mais semelhantes do que diferentes (imaginação, criatividade, habilidades, direitos iguais). A relação direta de que não há brinquedos específicos para meninas e meninos, aparece no relato de três mães (M3, M7 e M18) que esclarecem que o “brincar de tudo” não mudaria a identidade feminina ou masculina de seus filhos. Exemplo: *“se ela for brincar de bola, carrinho, não deixará de ser mais menina do que é” (M7).*

Para outras mães (M1, M4, M5, M6, M11, M12, M14, M15, M16, M19, M20, M21, M22, M24, M25) há a compreensão que alguns brinquedos seriam específicos ao gênero. Algumas mães apenas relacionam haver brinquedos destinados a meninas e meninos, como “bonecas”, “panelinhas” e “casinhas” às meninas e “carrinhos” aos meninos. Ainda neste agrupamento, há outras mães que também consideram os brinquedos femininos e masculinos, mas enfatizam que essa diferenciação é necessária para estimular a identidade sexual desde a infância: Para M12, por exemplo, *“tem que haver essa diferença para estimular o sexo da criança”* e para M16, brincar de bonecas faria nas meninas despertar seu *“lado de se tornar mãe”*. Três outras mães, mas comedidas, percebem a diferença nos brinquedos, mas a relaciona aos padrões sociais que impõe essa discriminação. Ex: *“tem, porque a sociedade coloca”* – M14. Veja o quadro 11.

Categorias de respostas	Relatos das mães	
	MÃES DE MENINAS	MÃES DE MENINOS
Compreensão de que não existem brinquedos específicos de meninos e meninas	Minha filha não, pois ela tem que saber lidar com as 2 partes tanto masculino e feminino. Se ela for brincar de bola, carrinho ela não deixará de ser mais menina do que é – M7 Porque não tem sentido bloquearmos a imaginação e criatividade deles- M8 Não. Como já disse, todos têm os mesmos direitos- M9 Porque toda brincadeira pode ser trabalhada (brincada) para desenvolver as habilidades, quebrar os preconceitos- M10 Há brinquedo ambos podem, agora tem que ver a idade deles- M13 Não, eu não vejo nada de errado um menino brincar de casinha, ou uma menina brincar de carrinho- M18 Não- M23	Hoje em dia todos podem brincar com tudo é só haver explicação para algumas atitudes que possa vir a acontecer. Os pais devem sempre estar alertas a tudo-M2 Não recrimino se meu filho brinque de casinha com suas primas. “o melhor amigo” de meu filho é uma menina – M3 Não, porque não tem nada que uma criança possa fazer e outra não- M17
Compreensão de que existem brinquedos específicos de meninos e meninas	Eu acho bem melhor uma menina brincar de boneca e um menino brincar de carrinho. O incentivo já vem desde pequeno – M4 Porque meninos são brinquedos as vezes violentos como hominhos que lutam, carrinho de trombada. Meninas são sempre brinquedos mais delicados – M5 Sim, para definir o sexo –M6 Vários brinquedos são feitos para meninos e meninas como carrinhos e bonecas –M11 Uns mais “forte”, isto é mais pesado para as meninas, e as bonecas, casinhas; que são mais apropriadas para as meninas M19	Alguns que não dá para meninos brincar (bonecas, panelinhas), porque são bem femininos- M1 Geralmente carrinhos, pião e pipa são para meninos e bonecas, maquiagem para meninas. Tem que haver essa diferença para estimular o sexo da criança –M12 Tem porque a sociedade coloca M14 Sim por causa do sexo que são diferentes – M15 Sim, por ex: meninas bonecas, porque já despertam nelas o lado de se tornar mãe- M16 Sim, porque há brinquedos tipo boneca e carrinhos que a própria sociedade ensina a “discriminar” M20 Meninos gostam mais de brincadeiras e brinquedos que não fiquem tanto tempo parados, já as meninas brincam horas de boneca e escolinha- M21 Sim! Porquê infelizmente desde pequenos aprendemos com a sociedade, que o menino tem que brincar e gostar de bola e carrinho e a menina já desperta o lado materno desde cedo com bonecas e aquelas cozinhas e panelinhas M22 Sim. Como tenho dois meninos acho que bonecas que vem com acessórios de pintura, trocar roupa, não são adequados para eles, que tem uma outra visão com relação às brincadeiras com bonecas, etc. Eles brincam com bonecos, bichos de pelúcia, mas de outra forma (de médico, por para dormir e bebe, etc); M24 Há brinquedos próprios para meninos: carrinho, bicicletas, bola. Eu acho que menina pode brincar de amarelinha ou casinha porque ela é mulher e o menino é homem não pode brincar de boneca.-M25

Quadro 11 - Categorias das respostas das mães sobre a existência de brinquedos próprios para meninos e meninas.

É interessante observar que as justificativas para que brinquedos sejam femininos ou masculinos, quando existem, reforçam, mais uma vez, os padrões estereotipados de gênero, como “força” e “violência” aos meninos e “delicadeza”, às meninas. Também ressaltam o espaço ampliado que implica em maior movimento nas brincadeiras de meninos e o espaço limitado nas brincadeiras de meninas, como explica o relato da M21: *“meninos gostam de brincadeiras e brinquedos que não fiquem tanto tempo parados, já as meninas brincam horas de boneca e escolinha”*. Neste caso, também é possível pensar que os espaços podem direcionar as brincadeiras diferenciadas aos meninos e meninas.

Quando há destaque para brinquedos proibidos, ressaltam-se limitações, sobretudo aos meninos e, neste caso, associados ao padrão masculino hegemônico (GOMES, 2003). As proibições refletem uma “boa intenção” das mães em socializar seu filho homem de modo que ele corresponda o padrão heterossexual e macho que a sociedade espera dele (NOLASCO, 1993; GOMES, 2003).

3.4 Relato das mães sobre as brincadeiras e brinquedos preferidos de seus filhos

As mães relataram sobre as brincadeiras e brinquedos preferidos de seus filhos e filhas. Os brinquedos foram agrupados em categorias, partindo dos seguintes conjuntos temáticos:

- JOGOS DE REGRAS, quando os brinquedos citados eram jogos de montar ou quebra-cabeça;
- MOVIMENTO/ESPORTE, quando as brincadeiras se referiam a atividades esportivas, como futebol e ciclismo ou outras que envolviam movimento em espaço aberto, como brincar na terra ou na água;

- ARTÍSTICOS, quando as brincadeiras envolviam o treino a habilidades artísticas como teatro, pintura, etc.
- MÍDIA E ELETRÔNICOS, quando as brincadeiras eram restritas ao aparelho de TV ou computador, como assistir filmes na TV ou jogar vídeo-game;
- BONECAS/BONECOS – BEBÊS, SUPER-HERÓI OU PERSONAGENS, quando as brincadeiras citavam bonecos. Estes bonecos poderiam tanto imitar o corpo adulto ou o corpo de bebês e crianças⁴. Alguns casos, portanto, as bonecas citadas poderiam referir-se a bebês, em outros, a boneca tipo *Poly* ou *Barbie*, ou ainda, os bonecos tipo homenzinhos ou réplicas miniaturas de super-heróis, como *Power Rangers*.
- BRINCADEIRAS DE PAPÉIS SOCIAIS ADULTOS – CASA, ESCOLA, FAMÍLIA, quando as brincadeiras envolviam situações de representações sobre papéis adultos, como professora, mãe, etc.
- CARRINHO, quando foi citado o uso de carros e carrinhos, independentemente do tamanho, tipo ou característica do brinquedo.⁵
- INESPECÍFICOS, quando o relato não descrevia especificamente nenhuma brincadeira que pudesse ser agrupada.

No caso de mães de meninas, as brincadeiras mais freqüentes foram relativas às categorias: Bonecas, Brincadeiras de Papéis (“Casinha”, “Escolinha”) e também a categoria Movimento/esporte (“correr e pular”, “andar de bicicleta”, “jogar bola”, “nadar”, etc). No caso de mães de meninos, as brincadeiras mais freqüentes foram relativas às categorias: Movimento/esporte (“andar de bicicleta”, “soltar pipa”,

4 Na verdade, as bonecas poderiam incluir todos os tipos possíveis porque não tivemos acesso a que tipo específico de bonecas/os as mães se referiam.

5 A mesma observação da nota acima, se aplica aos carrinhos.

“jogar futebol”), Mídia/eletrônicos (“filmes”, “vídeo game”), Boneco/super-herói (“*Power rangers*”, “homem-aranha”) e Carrinhos. Ver quadro 12.

Destaca-se que em quase todas as categorias meninos e meninas brincam das mesmas brincadeiras e brinquedos, com exceção de “carrinho” citado apenas por mães de meninos (M1, M2, M3 e M17). Os jogos de regras aparecem mais para os meninos, mas também há um relato de menina (M10). As brincadeiras artísticas aparecem mais para meninas, mas também há um relato de menino (M24). As Brincadeiras de papéis, freqüentes nesta idade, são citadas por várias mães de meninas (M7, M8, M18, M23) e uma mãe de menino (M2), que conta que seu filho gosta de brincar de casinha, imitando relações “mamãe-filhinho”, quando brinca com a sua irmã.

Categorias de respostas	Relatos das mães De meninas	Relato das mães de meninos
movimento/ esporte	<i>Correr e pular (M4) (M18)</i> <i>Brincar na terra com cachorro (M5)</i> <i>Andar de bicicleta (M5) (M19)</i> <i>Brincar com água (M10)</i> <i>Brinca de bola (M11)</i> <i>Brincar no campo (M18)</i> <i>Piscina (nadar) (M19)</i>	<i>Andar de bicicleta (M2) (M20) (M21) (M25)</i> <i>Soltar pipa (M12); (M25)</i> <i>Esconde-esconde (M17)</i> <i>Brincar de bola (futebol) (M13) (M15) (M21) (M22) (M25)</i>
Bonecas/Bonecos - Bebês, Super-herói ou personagens	<i>Princesas (M6)</i> <i>Brincar com a boneca Polly (trocar roupinhas) (M10)</i> <i>Bonecas (M4) (M6)(M7) (M8) (M9) (M19) (M23)</i>	<i>Hominhos (M2); bonecos (M17)</i> <i>Brincar de super heróis, ex: Power Ranger, homem aranha (M16)</i> <i>Sua coleção de dinossauros (M22)</i>
Mídia/ eletrônicos	<i>Assistir filmes de princesa (M6)</i> <i>Jogos de PC (M7)</i> <i>Ver desenhos (M9)</i>	<i>Assistir filmes infantis (M1); (M2)</i> <i>Jogar vídeo-game (M2); (M14) (M24)</i>
Brincadeiras de papéis: casinha, escolinha, família	<i>Casinha (M7) (M18) (M23)</i> <i>Brincar de escolinha, ela é a professora e grita com as crianças (M8)</i> <i>Brincar de escolinha (M18) (M23)</i>	<i>Mamãe e filho com a irmã, casinha (M2)</i>
Artísticos	<i>Apresentar danças, teatros (M23)</i> <i>Construir carros e computadores de papelão (M23)</i>	<i>Pintar e desenhar (M24)</i>
jogos de regras	<i>Quebra-cabeça (M10)</i>	<i>Quebra-cabeça (M1)</i> <i>Brinquedos pedagógicos (M2)</i> <i>Jogos (M17)</i>
Carrinho		<i>Carrinhos (M1) (M2) (M3) (M17)</i>
inespecíficos		<i>Brincar com os brinquedos dele (M15)</i>

Quadro 12 - Categorias das respostas de mães de meninos e meninas sobre as brincadeiras/ brinquedos preferidos de seus filhos.

É preciso comentar duas questões importantes. A primeira é que a categoria Bonecas/Bonecos apresenta muitos exemplos de brincadeiras com bonecos

que imitam bebês e/ou miniatura de adultos. Há, entre as meninas, muitas citações de brincar de boneca, o que é típico da cultura do brincar feminino na nossa sociedade. Mas há, também, muitas citações de brincar de bonecos, entre os meninos, ainda que estes bonecos não sejam bebês ou princesas e sim super-heróis e personagens masculinos do mundo infantil. A segunda, na mesma direção, é que na categoria Movimento/esporte as mães relatam brincadeiras preferidas de seus filhos ressaltando que essas brincadeiras que exigem movimento e amplo espaço são apreciadas por ambos os sexos, como por exemplo, “andar de bicicleta”, ainda que o “jogar futebol” e “soltar pipa” não tenham aparecido entre as brincadeiras livres de meninas.

As mães têm o ponto de vista do adulto sobre as diferenças nas brincadeiras. No estudo de Botelho-Gomes, Marques e Nunes (2003), as crianças relacionaram a “luta” e o “futebol” como brincadeiras de meninos e o “pular corda”, “elástico” e amarelinha” como de meninas e “pega-pega” como sendo apropriado para ambos os sexos. Beraldo (1993) também observou diferenças nas brincadeiras com relação a estereotipia masculina e feminina. Nos dois estudos, a diferença foi percebida e reproduzida pelas crianças maiores de 6 anos. No entanto, os filhos das mães participantes deste estudo tinham idade entre 4 e 6 anos, como no estudo de Fincio (2004), que constatou não perceber brincadeiras discriminadas por gênero entre as crianças, embora a expectativa sobre comportamentos diferentes de meninos e meninas tenha sido explicitada entre os pais.

3.5 Compreensão das mães sobre a contribuição que elas têm para que seus filhos ou filhas se tornem homens e mulheres na vida adulta

Todas as mães participantes consideraram contribuir sim na educação de seus filhos de modo que eles se tornem, na vida adulta, homens e mulheres, como afirma

também Finco (2004). Algumas mães (M1, M4, M8, M9, M10, M13, M15, M17, M19, M20, M21 e M23) relacionaram esta contribuição pensando em valores gerais para o ser humano adulto, sem especificamente relacionar esses valores à questão de gênero como, por exemplo, ensinando aos filhos princípios de educação (respeito, sinceridade), conduta (ser autônoma, determinada, responsável) e princípios cristãos; também oferecendo exemplos, orientações e direcionamentos em relação ao que acreditam ser condutas adequadas.

Outras mães, no entanto, relacionam sua contribuição da educação de filhos e filhas, às questões de gênero, seja de modo reflexivo e questionador, com diálogo sobre papéis masculinos e femininos (M2, M3, M16, M22, M24), seja de modo reprodutivista (M5, M6, M7, M11, M12, M14, M18 e M25). Neste último caso, as mães relatam contribuir direcionando explicitamente o ensino de comportamentos considerados femininos e masculinos aos seus filhos (as), principalmente na educação de meninas. Veja o quadro 13.

Vale destacar que, em alguns casos, portanto, há a compreensão de que a feminilidade e a masculinidade envolvem comportamentos que devem ser ensinados. No caso das meninas, esses comportamentos incluiriam modos de se vestir, falar, sentar-se. Exemplos: *“como se comportar, vestir, falar e agir como uma mulher”* (M5) ou *“se vestir como menina, como sentar corretamente, falar corretamente”* (M6). A mãe M18 reúne o conjunto do ensino sobre o feminino *“passar para ela o que é ser mãe, dona de casa e mulher”*.

No caso dos meninos, esses comportamentos incluiriam o papel masculino em um relacionamento a dois, aprendido a partir do modelo do pai. Como ressalta M14, esse aprendizado seria orientado pela *“convivência com o pai no papel de homem, marido, companheiro”*, remetendo a identificação com um processo de construção de

gênero (MUSSEN; NETTO, 1975; MANNING, 1977; BIAGGIO, 1988; ALENCAR, 1992). Também, na mesma direção, o aprendizado da heterossexualidade, representado pela mãe M25 quando ensina seu filho que um homem não deve ficar brincando de “agarrar”, nem “beijar” outros homens porque isso “*se torna muito feio*”.

Categorias de respostas	Respostas das mães	
	MÃES DE MENINAS	MÃES DE MENINOS
Ensinando sobre valores e princípios gerais sem enfatizar o gênero	Ensinando ela me ajudar nas tarefas. A fazer as coisas sozinha, a respeitar os mais velhos, a ajudar os outros – M4 Contribuo tentando transmitir bons princípios, embora ninguém seja perfeito, mas procuro ensinar o que é certo e errado –M8 Procuro ensinar a minha filha a ser uma lutadora, a nunca desistir, a sempre conversar com as pessoas (diálogo), a ser uma pessoa de bem, dentro dos princípios cristãos-M9 Ensinando princípios, a ser verdadeiro, se lançando pra vida com segurança, apostando que ele sabe fazer, incentivando cada conquista dela – M10 Educando e incentivando como se enfrenta uma certa dificuldade - M19 Dando exemplo, respondendo suas dúvidas da maneira mais simples possível satisfazendo suas curiosidades e dando muito carinho e amor-M23	Ensino bons valores, independente de sexo. Ele deve entender que devemos respeitar as pessoas como elas são- M1 Ensino e contribuo para meu filho, para se tornar um homem responsável, leal que tenha caráter. Procurando ensinar a ele, o que é certo, errado, o que é bom ou ruim – M13 Criando responsabilidade entre ambas as partes – M15 Deixando ele tomar suas próprias decisões-M17 Ensinando os caminhos certos a percorrer, educando e mostrando o certo e errado-M20 ajudando na educação e tirando todas as dúvidas sobre o assunto-M21
Educando, de modo reflexivo, sobre padrões de gênero		Procuro mostrar a ele o que é certo e errado e mostro que algumas atitudes que certos homens fazem não está certo. Que deve sempre haver diálogo - M2 Converso muito com ele sobre respeito com as “meninas”, ele é bastante observador e já percebeu que há mulheres que ficam em casa enquanto os maridos trabalham e ele já questionou sobre isso M3 Contribuo ensinando coisas do comportamento masculino sem que o torne no futuro um homem grosseiro e machista M16 Mostrando que tanto o homem ou a mulher mesmo com as diferenças físicas e de força, são capazes de fazer as coisas iguais. De serem iguais – M22 Tento fazer dele uma pessoa ou ser humano melhor, mostrando a diferença do corpo entre ambos os sexos M24
Educando, de modo reprodutivista, sobre padrões de gênero⁶	Contribuindo, ensinando como se comportar, vestir, falar e agir como uma mulher, mais o restante o mundo também ensina com o passar do tempo M5 Como tomar banho, se vestir como menina, como sentar corretamente, falar corretamente M6 Com certeza por tudo que eu puder fazer para minha filha se tornar uma mulher será maravilhoso M7 Ensino e contribuo para que ela se torne uma mulher com as tais qualidades de uma mulher. Sabendo o seu papel mulher feminina e de responsabilidade M11 Tentando passar para ela o que é ser mãe, dona de casa e mulher M18	[ensino a ser homem] com palavras, exemplos, com atitudes M12 Orientando em questões próprias do masculino na convivência com o pai no papel de homem, marido, companheiro M14 Eu ensino ser homem não ficar brincando de agarrar e nem beijar o homem se torna muito feio M25

Quadro 13 - Categorias das respostas das mães sobre como percebem a contribuição que têm na educação dos filhos meninos e/ou meninas.

6 Incluímos como relatos das mães o tema educar sobre gênero de modo reprodutivista quando o tema referia-se a um modo considerado “correto”, fazendo referência a uma normatividade social relacionada ao feminino e ou ao masculino.

3.6 Escolhas e justificativas de brinquedos das mães para presentear meninos e meninas de idade igual de seus(as) filhos(as)

As mães escolheram brinquedos para presentear crianças, meninos e meninas, e justificaram suas escolhas. A escolha dos brinquedos foi realizada a partir de uma ampla possibilidade apresentada em figuras na chamada “loja de brinquedos”, já descrita no Método. Para lembrar, o quadro 14 apresenta os nomes e descrições dos brinquedos.

No	Nome do Brinquedo	Descrição do Brinquedo
1	Bola	Bola de futebol branca e preta
2	Boneca <i>Barbie</i>	Boneca modelo Barbie com vestido rosa
3	Carrinho	Carro modelo carros vermelho
4	Panelas e Fogão	Conjunto de fogão com panelinhas azuis e rosas
5	Boneco <i>Transformer</i>	Boneco modelo Transformers
6	Cozinha	Conjunto de fogão e pia com utensílios de cozinha
7	Ambulância	Carro branco e vermelha com bonecos: médicos e enfermeiras
8	Boneco Ken	Boneco modelo Ken
9	Patins	Par de patins rosa e branco
10	Navio	Navio modelo pirata
11	Carrinho de Bebê	Carrinho cor de rosa de carregar boneca
12	Boneco Superman	Boneco do Superman
13	Bicicleta Rosa	Bicicleta Rosa
14	Forte Apache	Forte com Bonecos e Animais
15	Boneca Bebê	Boneca Bebê Negro
16	Caminhão de Bombeiros	Caminhão de Bombeiros com escada Basculante
17	Lava Car	Lava rápido de Andares com Carros
18	Castelo da <i>Barbie</i>	Castelo com bonecas modelo Barbie
19	Espada	Espada Prata
20	Tábua de Passar Roupa	Tábua de Passar Roupas Branca, Rosa e Lilás
21	Laptop	Lap top Azul
22	Teatro Barraca	Barraca de Tecido da Turma da Mônica para Apresentar Teatro
23	Máscara do Homem Aranha	Par de Máscaras do Homem Aranha
24	Pula-Pula da <i>Barbie</i>	Bola de Pular Rosa
25	Casa de Boneca	Casa de Bonecas de Madeira Rosa
26	Bicicleta Azul	Bicicleta Azul e Vermelha com emblema do super man
27	Jogo de Chá	Jogo de Chá com Xícaras, Pires e Jarras Azul e Rosa
28	Ferramentas	Conjunto com alicate, martelo e chave de fenda
29	Pônei	Conjunto com três pôneis
30	Dinossauro	Dinossauro
31	Carro Rosa	Carro de passeio para boneca rosa
32	Avião	Avião prata modelo boing
33	<i>walk talk</i>	Dois <i>walk talks</i> do Superman
34	Flauta	Flauta Doce Marrom
35	Pula-Pula do Homem Aranha	Bola de Pular do Homem Aranha Azul
36	Boneca	Boneca da Liza dos Simpson
37	Revolver	Duas Armas Branca e Verde
38	Batedeira	Batedeira Vermelha com Tijela
39	Bateria	Bateria Completa – instrumento musical
40	CD Player	Rádio CD Rosa

Quadro14 - Descrição da “Loja de Brinquedos”

As escolhas e justificativas dos brinquedos foram agrupadas em categorias, partindo dos seguintes conjuntos temáticos:

- IDENTIFICAÇÃO DO BRINQUEDO COM A IDADE E GÊNERO DA CRIANÇA, quando os brinquedos escolhidos e as justificativas relacionavam a criança a ser presenteada em função de ser menino ou menina e sua idade, relacionando a isso o fato de que o brinquedo seria apreciado pelas crianças;
- CARACTERÍSTICA DO BRINQUEDO COMO EDUCATIVO E SAUDÁVEL: quando os brinquedos citados agrupam características educativas, como estimular a interação entre as crianças, a criatividade, equilíbrio, disciplina, a imaginação e o aprendizado geral; além disso, quando o brinquedo não oferecesse e fosse saudável e prazeroso às crianças;
- CARACTERÍSTICA DO BRINQUEDO COMO UM ESTÍMULO AO INTERESSE POR PROFISSÕES, quando o argumento envolvia o fato do brinquedo referir-se a uma profissão.

Ao escolher brinquedos para meninos, algumas mães (M6, M1, M9, M12, M14, M16, M19, M20, M21, M22, M23, M25), basearam suas escolhas no fato de as crianças, pela idade e o fato de serem meninos, iriam gostar de determinados brinquedos. Os brinquedos escolhidos por estas mães foram: Bola, Carrinho, Boneco *Superman*, Forte apache, *Lap top*, Máscara homem-aranha, Bicicleta azul. Em alguns relatos, as mães generalizam o gostar de um menino para “todos”: “*todos os meninos adoram andar e ter uma bicicleta para brincar – M20*”.

Outras mães (M2, M3, M4, M5, M7, M8, M10, M11, M15, M17, M21, M24) basearam suas escolhas no fato do brinquedo ser educativo e saudável, isto é, estimular situações de aprendizado às crianças além do movimento e equilíbrio

envolvendo atividade física com prazer. Os brinquedos escolhidos por estas mães foram: Carrinho, Boneco *transformers*, Forte Apache, *Lap top*, Bateria, Bicicleta azul e Pula-pula azul. As justificativas para a escolha destes brinquedos não pareceram ser determinadas pelo gênero, embora os brinquedos aparecem de modo sexista, boneca para meninas, carrinho para meninos, por exemplo. Por fim, as mães M13 e M18 escolheram um caminhão de bombeiro, por ser este um modo de estimular em meninos, uma futura profissão, como diz a M18 “*passa bastante a vocação*”. Ver quadro 15.

Ao escolher brinquedos para meninas, as mães M1, M2, M6, M11, M19, M15, M14, M13, M22 e M23 basearam suas escolhas no fato de as crianças, pela idade e o fato de serem meninas, gostariam de determinados brinquedos. Os brinquedos escolhidos por estas mães foram: boneca *Barbie*, panelas e fogão, cozinha, patins, carrinho de bebê, bicicleta rosa, boneca bebê, castelo da *Barbie*, Pula-pula da *Barbie*, pônei e Toca Cd. Há tanto brinquedos considerados típicos femininos que restringem a menina ao espaço limitado das tarefas domésticas como cuidar da casa, cozinha, filhos. Mas também há brincadeiras que exigem espaço e movimento, como andar de patins, pula-pula e andar de bicicleta.

Categorias de respostas	Brinquedo	Relatos das mães
Identificação do Brinquedo com a Idade e Gênero da Criança	Bola	-a bola é sempre bem recebida pelos meninos. Já que pra alguns pais o sonho é levar o filho ao futebol ou até mesmo virar um grande jogador como o Ronaldinho – M22
	Carrinho	- porque os meninos gostam muito de carrinhos M1 eu daria um carinho porque ele é um homem – M25
	Boneco Superman	-porque a maioria dos meninos que converso querem ser um herói – M6 - um boneco super homem, porque ele iria ficar feliz – M14
	Forte apache	-ele adora brincar com homenzinhos e criar situações com os brinquedos – M21
	Laptop	- toda vez que vou comprar um presente para alguma criança é ela que escolhe. E com certeza ela escolheria o lap top – M9
	Máscara Homem-Aranha	-porque toda a criança sonha em poder ser um super herói, sonha com super poderes – M16
	Bicicleta Azul	- porque qualquer menino gostaria de ganhar uma bicicleta – M19 -porque todos os meninos adoram andar e ter uma bicicleta para brincar – M20 -porque ele adora andar com sua bicicleta – M12 - toda criança gosta de andar de bicicleta – M23
Característica do brinquedo como educativo e saudável	Carrinho	-porque esta é fase de eles aprenderem a dividir e a brincar ou se relacionar com outras crianças – M2
	Boneco “Transformer”	- por ser um brinquedo que pode mudar de figura e usar a sua imaginação para brincar – M17
	Forte-Apache	-eu gosto de coisas que usam a imaginação e não coisas como armas que incentivam a coisas ruins – M4 ele não vai só brincar de uma maneira, vai soltar a imaginação podendo cada dia brincar de uma maneira diferente – M7 ele adora brincar com homenzinhos e criar situações com os brinquedos M21
	Bateria	- porque gosto de música, acho que um instrumento musical dá disciplina e a criança se envolve com arte – M8
	Laptop	– gosto de incentivar o aprendizado da criança - M3 - porque a criança vai criando uma criatividade maior no aprendizado, elas começam a aprender a escrever e a ler – M15 - é um brinquedo interativo, onde traz jogos e atividades de aprendizagem – M24
	Carrinho	pois seria um brinquedo apto a idade do menino, não correndo perigo nenhum com o brinquedo como ter peças pequenas que poderiam ser engolidas – M11
	Bicicleta Azul	porque na minha opinião é muito saudável e ao mesmo tempo prazeroso – M5
	Pula-Pula do Homem Aranha	Eu daria uma bola pula-pula, porque é muito legal, sentar e sair pulando, gasta energia, aprende se equilibrar, torna as pernas fortes, e a sensação deve ser maravilhosa – M10
Característica do Brinquedo como um estímulo ao interesse por	Caminhão de Bombeiros	-um carrinho de bombeiro, quem sabe uma futura profissão – M13 -porque o menino já nasce falando de profissão, o carro de bombeiro, por exemplo já passa bastante sua vocação – M18

Quadro 15 – Motivos de escolhas das mães sobre um presente para crianças meninos, de idade igual ao filho(a).

As outras mães (M4, M17, M9, M24, M16, M3, M7 E M5) basearam suas escolhas no fato do brinquedo ser educativo, isto é, estimular situações de aprendizado às crianças. Os brinquedos escolhidos por estas mães foram: Castelo, Lap top, Teatro, Casa e Bicicleta. Dentre as justificativas para estes brinquedos o gênero não pareceu determinante na escolha. Ver quadro 16.

Categorias de respostas	Brinquedo	Relatos das mães
Identificação do Brinquedo com a Idade e Gênero da Criança e preocupação em agradar a criança	Boneca Barbie	- porque a maioria das amigas dela tem o mesmo gosto de serem um dia princesa – M6 - uma menina brinca muito de boneca nesta fase – M19
	Fogão com Pannelas	porque é um brinquedo ideal pela idade dela – M15
	Patins	- porque ela iria ficar feliz – M14
	Cozinha	porque é lindo e as meninas adoram brincar com panelinhas (eu adorava!) – M1
	Carrinho de Bebê	- carrinho de boneca, para levar para passear, brincar, sonhar – M13
	Bicicleta Rosa	- nesta idade as crianças gostam de correr e andar de bicicleta pelo menos as minhas são assim. M23
	Boneca Bebê	-porque está na fase de imitar a mãe, ela se acha capaz de cuidar da filhinha como se fosse um bebê de verdade – M2 - uma boneca deixa a menina vaidosa pois ela vai querer brincar, conversar e “expressar” todo o seu jeitinho para brincar com a boneca trocando de roupinhas, dando comidinha e brincando de casinha – M11 - daria a boneca, seria um presente pela qual eu saberia que ela ia gostar – M22
	Castelo da Barbie	- porque todas as meninas adoram e sonham em ser uma princesa e ter seus castelos – M21 - porque elas adoram bonecas e coisas da Barbie – M20 - eu daria um castelo da Barbie para a menina porque ela é mulher – M25
	Pula-Pula da Barbie	- eu daria o da Barbie para a menina somente por uma convenção social, mas o brinquedo tem a mesma função – M10
	Casa	- por ela ser muito caseira e gosta de brincar de casinha, imitando as vezes a mãe, limpando e cuidando da casa – M18
	Pônei	- porque ela poderia brincar penteando os cabelos do pônei – M12
Porque estimula a interação, a criatividade, a imaginação e o aprendizado	CD Player	- porque minha filha adora dançar e cantar – M8
	Castelo da Barbie	-com 4 anos está na fase de usar a imaginação e bonecas – M4 -para usar a imaginação para brincar – M17
	Laptop	- é um brinquedo educativo e ela escolheria esse – M9 - é um brinquedo interativo onde traz jogos e atividades de aprendizagem – M24
	Teatro	- despertar a criatividade o uso da imaginação o amor pela arte teatral – M16 - é uma forma de estimular a criatividade lúdica da criança – M3
	Casa	-pois para mim a socialização de uma criança é importante pois brinquedo pode soltar a imaginação e colocar tudo que pensa nas brincadeiras – M7

Quadro 16 – Motivos de Escolhas das mães sobre um presente para crianças meninas, de idade igual ao filho(a).

É interessante destacar as identificações. A mãe M1 se identifica com o brinquedo que ela escolheria porque ela mesma gostava de: “as meninas adoram brincar com panelinhas (eu adorava!)”. Gilligan (1982) acredita que a identificação da mãe com a filha menina contribui para a educação diferente de filhos e filhas. Outras mães (M8 e M23) identificam suas filhas na escolha do brinquedo para outras crianças: “minha filha adora dançar e cantar” (M8) e “as crianças gostam de correr e andar de bicicleta, pelo menos as minhas são assim” (M23).

Muitos brinquedos foram igualmente escolhidos para meninos e meninas, especialmente quando se baseavam em critérios como ser educativo. No entanto, mesmo nestes casos, as escolhas mantiveram o padrão do mercado separando objetos unisex (por exemplo, a bicicleta ou o pula-pula) associando-os às tendências femininas e masculinas, como a cor rosa e azul, ou ainda, associando-os às personagens femininas, como a *Barbie* ou personagens masculinas, como o homem-aranha.

As mães são responsáveis pela socialização dos filhos (as) (GOMES, 1994; MANNING, 1997) e, nesta socialização os estereótipos de gênero aparecem como um determinante na educação familiar (WHITAKER, 1995; PAPALIA; OLDS, 1998; COLE; COLE, 2003). O relato das mães demonstra que elas reproduzem em maior e menor intensidade, a educação sexista embora seus filhos e filhas não tenham ainda os padrões rígidos de modelos, feminino e masculino, uma vez que, segundo elas, apreciam brinquedos e brincadeiras de vários tipos e não específicas de meninos e meninas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pareceu constante, entre as mães participantes, mesmo àquelas que revelaram discursos mais flexíveis sobre gênero, uma caracterização do feminino e do masculino segundo estereótipos sexuais reproduzindo, principalmente, a visão da mulher restrita ao lar e à maternidade (mundo privado) versus o homem livre e voltado ao mundo do trabalho (mundo público) reiterando as pesquisas consultadas e citadas no decorrer deste texto.

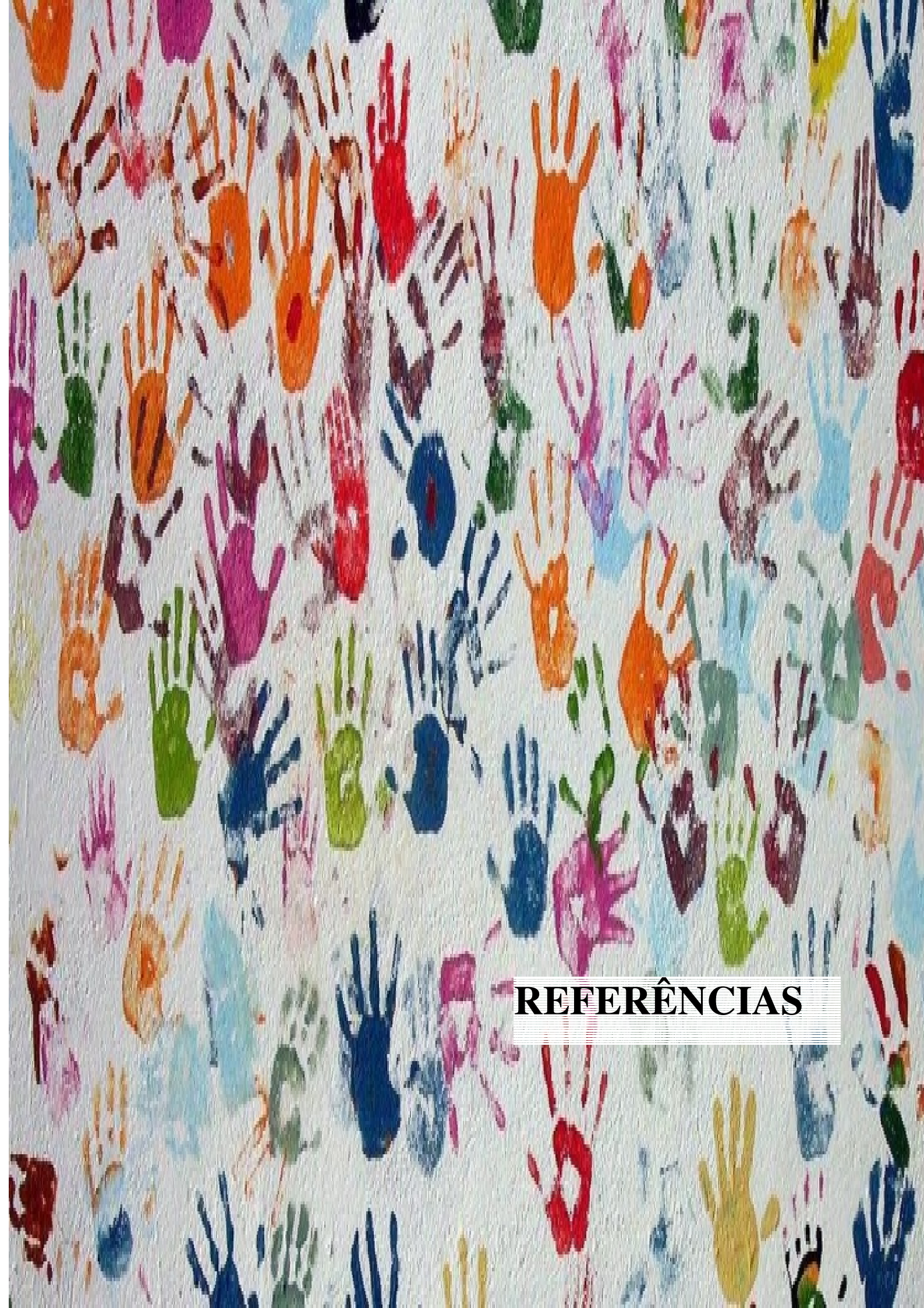
No geral, as mães reforçaram uma visão estereotipada sobre gênero, principalmente no caso do masculino em que os modelos de homem ainda foram calcados na cultura patriarcal, embora o “homem vaidoso” e “prestativo” também tenha sido lembrado. No caso do feminino, dois modelos apareceram no discurso das mães: o feminino também fruto da história e da cultura patriarcal e o feminino mais “moderno” representado nas mudanças sociais vigentes (o que, é claro, também poderá se tornar estereótipo). Uma hipótese para este dado é que as colaboradoras deste estudo eram mães, e como tal, eram mulheres e femininas e isso, possivelmente, influenciou o modo como elas trataram o feminino. Essas mães relataram sobre o papel da mulher a partir do espelho de uma figura feminina que vive as mudanças culturais sobre os papéis sexuais, mudanças estas que, possivelmente, não foram percebidas nas concepções sobre o masculino.

Há, portanto, uma contradição e uma ambigüidade em seus discursos, o que revela a flexibilidade dos padrões masculinos e femininos numa sociedade que se organiza a partir de modelos culturais e históricos. As mesmas características citadas pelas mães ao masculino e ao feminino foram favorecidas, ou não, dependendo do contexto, da figura de gênero que representava a condição, evidenciando que o gênero era julgado pela ideologia de uma sociedade sexista.

As mães retrataram o gênero social e parecem educar seus filhos com esta concepção. Não compreendem, no entanto, que tanto elas, quanto seus filhos e filhas estão expostos aos padrões estereotipados sobre o masculino e o feminino, isto é, que a determinação do “ser homem” ou “ser mulher” depende da construção social que elas mesmas são submetidas, para além do biológico. A escolha de roupas, brinquedos e profissões e também modos de sentir e agir, passam por questões culturais explicitadas no próprio discurso delas.

Os estereótipos sexuais desvelados nas falas das mães apareceram sobretudo nas concepções sociais de gênero: atribuições sobre um papel provedor ao homem e um papel materno e familiar à mulher. As concepções sexistas das mães parecem influenciar o modo como perceberam o gênero de seus filhos e os educam. Tendo por base o padrão sexista, as mães, em geral, direcionam a educação dos filhos em função dos padrões de gênero. No entanto, essa diferenciação não aparece quando elas mesmas contam sobre do que brincam mais seus(as) filhos(as).

Novos estudos poderão aprofundar a questão e esclarecer os dados encontrados. Pesquisas futuras poderiam, por exemplo, ouvir pais e outros membros da família, as próprias crianças, na idade pré-escolar ou mais avançada e ainda, comparar se o discurso das mães mudaria sendo elas mães de meninos ou de meninas. Há, portanto, ainda um caminho a percorrer, no sentido de revelar como os padrões de gênero estereotipados podem ser danosos ao desenvolvimento de crianças, que estão em fase de formação de sua personalidade. Pensar nisto é uma das formas de evitar a discriminação sexista e a manutenção de preconceitos que prejudicam a todos almejando que as pessoas possam ser as mulheres e os homens que desejarem e não o que determinaram que fossem.

The background of the entire page is a dense, overlapping pattern of handprints in various colors including orange, red, blue, green, pink, and yellow. The handprints are of different sizes and orientations, creating a vibrant and textured visual field.

REFERÊNCIAS

AFONSO, J. A.; LEAL, I. Representações do masculino e do feminino: estudo das representações do gênero em duas gerações não contíguas. **Revista Análise Psicológica**. 2007.

AFONSO, L. Gênero e processo de socialização em creches comunitárias. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 93, p. 12-21, maio 1995.

ALENCAR, E. M. L. S. **A criança na família e na sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.

ALVES, F. E. ; SOARES, V. S. Meninos e meninas: universos diferenciados na família e na escola. In: FAGUNDES, T. C. P. C. F. (Org.). **Ensaio sobre gênero e educação**. Salvador: UFBA, 2001, p. 115-128.

AZEREDO, R. H. S. Identidade sexual. In: RIBEIRO, M. (Org.). **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 39-50.

BADINTER, E. **Um amor conquistador: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BARON-COHEN, S. **Diferença essencial: a verdade sobre o cérebro de homens e mulheres**. Tradução de Neusa Capelo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BELOTTI, E. G. **Educar para a submissão: o descondicionalismo da mulher**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BERALDO, K. E. A. **Gênero de brincadeiras na percepção de crianças de 5 a 10 anos**. São Paulo: IPUSP, 1993.

BIAGGIO, A. M. B. **Psicologia do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1988.

BLASKE, D. M. Occupational sex-typing by kindergarten and fourth-grade children. **Psychological Reports**, Concordia College, n. 54, p. 795-801, 1984.

BOTELHO-GOMES, P.; MARQUES, A. I.; NUNES, M. Estereótipos masculinos e femininos de jogos do recreio escolar: estudo em crianças de diferentes contextos culturais. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 9, n. 63, ago. 2003.

CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. **Identidade feminina: um conceito complexo**. Paidéia, v. 14, n. 28, p. 211-220, 2004.

CAMPOS, M. M. M.; ESPÓSITO, Y. L. Relação entre sexo da criança e aspirações educacionais e ocupacionais das mães. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 15, p. 37-46, dez. 1975.

CAVALCANTI, R. C. Identidade e papéis sexuais. In: FAGUNDES, T. C. P. C. F. (Coord.). **Saúde sexual e reprodutiva: ensinando a ensinar**. Brasília: CESEX, 1990. p. 227-229.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual:** essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COLE, M.; COLE, S. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

COSTA, R. P. **Os onze sexos:** as múltiplas faces da sexualidade humana. 2. ed. São Paulo: Gente, 1994.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento.** São Paulo: Atlas, 2003.

D'AMORIM, M. A. Papel de gênero e atitudes acerca da sexualidade. **Psicologia:** teoria e pesquisa, Brasília, v. 5, n. 1, p. 71-83, 1989.

DINIZ, G. R. S. Gênero na Pesquisa Psicológica. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, 27.1997. Ribeirão Preto. **Anais da Reunião Anual.** Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1997, p.33-34.

DUARTE, R. G. **Sexo, sexualidade e DST.** São Paulo: Moderna, 1995.

DURKHEIM, E. A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. **Educação e sociedade:** leituras de sociologia da educação. 13 ed. São Paulo: Nacional, p. 34-47, 1987.

FAGUNDES, T. C. P. C. “Menina não entra, menina não pode” - O lúdico e a construção da identidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 9, n. 1, 1998.

FERREIRA, M. C. Estereótipos de gênero: estrutura interna e conteúdo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, n. 45, p. 42-54, jan-jun 1993.

_____, M. C. Identidade de gênero e atitudes sobre a mulher. **Psicologia:** teoria e pesquisa, Brasília, v. 15, n. 3, p.249-255, set-dez 1999.

FINCO, D. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem mulher com mulher:** relações de gênero nas brincadeiras numa pré escola. Campinas: Unicamp, 2004.

FONSECA, M. S. **Mães Adolescentes:** Estrutura e Funcionamento Familiar. 2008. 178 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

FORTES, T. O que é de menino? O que é de menina? Uma discussão a partir de gênero e sexualidade nas escolas públicas no município de Porto Velho. In: **Gênero e Sexualidade nas Práticas Escolares.** Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Rondônia: UNIR, 2006, p. 1-6.

FRANCO, S. T. T. C. S.; FAGUNDES, T. C. P. C. O lúdico na construção da identidade e nas representações de gênero. In: FAGUNDES, T. C. P. C.(Org.). **Ensaio sobre gênero e educação**. Salvador: UFBA, 2001, p. 71-81.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do Conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GOMES, J. V. Socialização primária: tarefa familiar? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994.

GOMES, R. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Ciência e Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 825-829, 2003.

GRACIANO, M.; SILVA, T. R. N.; GUARIDO, E. L. Percepção social em crianças: estereótipos sexuais na percepção da família. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 21, p. 15-40, jun. 1977.

GRANATO, A. Garoto, deixa a boneca. Filha, futebol não! **Revista Veja**, São Paulo, v. 36, n. 23, p. 56-57, maio 2003.

GROSSI, M. P. O masculino e o feminino na educação. In: GROSSI, E. P. (Org.). **Paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 252-258.

HEILBORN, M. L. Gênero: uma breve introdução. In: NEVES, M. G. R.; COSTA, D. M. (Orgs.). **Gênero e desenvolvimento institucional em ONGs**. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas, IBAM. p. 9-13, 1995.

HOSHINO, K. Diferenças comportamentais entre homens e mulheres. **Anais de Etologia**, Bauru, v. 11, p. 53-73, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KAPLAN, H. I., SADOCK, B. J., GREBB, J. A. **Compêndio de Psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

LA ROSA, J. Estereótipos do papel sexual. **Psico**, Rio Grande do Sul, n. 15, p. 55-71, 1979.

LABBÉ, B.; PUECH, M. **Os meninos e as meninas**. São Paulo: Scipione, 2004.

LINTON, R. Condicionamento sociocultural da personalidade. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. **Educação e sociedade**: leituras de sociologia da educação. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1987. p. 49-69.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAIA, A. C. B. Sexualidade: reflexões sobre um conceito amplo. **SBPN-Scientific Journal**, Bauru, v. 5, n. 1, p.45-48. 2001.

_____. **A sexualidade de deficientes mentais**: uma caracterização para subsidiar um projeto de intervenção. Trabalho realizado para a Comissão Permanente de Pesquisa (CPA), Reitoria da Unesp, 2001b.

_____. Identidade e Papéis Sexuais: uma discussão sobre gênero na escola. In: _____; MAIA, A. F. (ORG). **Sexualidade e Infância**. Cadernos CECEMCA n. 1. Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF, 2005. (p. 66-82).

_____, A. C. B., MAIA, A. F. Processo de Educação e Repressão Sexual. In: MAIA; MAIA, A. F. (ORG). **Sexualidade e Infância**. Cadernos CECEMCA n. 1. Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF, 2005. (p. 46-64).

MANNING, S. A. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. São Paulo: Cultrix, 1977.

MATTOS, E. T. B. A família e a criança. In: SLYWITCH, M. V. (Coord.) **Desenvolvimento psicossocial da criança**: abordagem pediátrica e psicológica. São Paulo: Sarvier, 1988, p. 61- 69.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MINAYO, M. C. S.(Org.) **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINUCHIN, S. Um modelo familiar. In: MINUCHIN, S. **Famílias, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, p. 52-69.

MISCHEL, W. Tipificação sexual e socialização. In: MUSSEN, P. H.; NETTO, S. P. **Manual de psicologia da criança**. São Paulo: EPU, 1975, p. 1-118.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Tradução de Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna; Campinas: UNICAMP, 1999.

MURARO, R. M. **História do Masculino e do Feminino**. Rio de Janeiro: ZIT, 2006.

MURARO, R. M. **Educando meninos e meninas para um mundo novo**. Rio de Janeiro: ZIT, 2006.

MUSSEN, P. H.; NETTO, S. P. **Manual de psicologia da criança**. São Paulo: EPU, 1975.

NAVARRO, C. Z. **Questões de Gênero no Contexto Escolar**. 2004. 122 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

NEGREIROS, T. C. G. M.; CARNEIRO, T. F. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 4, n. 1, p. 34-47, jun. 2004.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

PAIVA, V. **Evas, Marias e Lilithis**: as voltas do feminismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **O mundo da criança**: da infância a adolescência. São Paulo: Markon Books, 1998.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

RAISER, E. V. **Estereótipos sexuais em favelados**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 1985.

RAPPAPORT, C. R. (Coord.); FIORI, W. R.; DAVIS, C. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981. v. 4.

RÊGO, N. N., BASTOS, A. C. S., ALCÂNTARA, M. A. R. As mulheres da família: mundos partilhados, mundos em conflito. **Paidéia**, v. 12, n. 22, p. 27-37, 2002.

RIBEIRO, C. **A Fala da criança sobre sexualidade humana**: O dito, o explícito e o oculto. Universidade Federal de Lavras, Campinas, Mercado de Letras, 1996.

RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

ROCHA, C. M. F. **O Espaço Escolar em Revista**: Práticas que produzem discursos e/ou discursos que produzem práticas. (Monografia). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 1998.

_____, C. M. F. **Desconstruções Edificantes**: Uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2000.

ROSENKRANTZ, P.; VOGEL, S.; BEE, H.; BROVERMAN, I.; BROVERMAN, D. M.. Sex-Role stereotypes and self-concepts in college students. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 32, n. 3, p. 287-295, 1968.

RUBIN, M.; SHONTZ, F. C. Diagnostic prototypes and diagnostic processes of clinical psychologists. **J. Consult. Psychol.**, n. 24, p. 234-239, 1974.

SAYÃO, D. T. Pedagogias do corpo ou constituição de bons-moços e boas moças. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 310-313, 2001.

_____, D. T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-68, jan. 2002a.

_____, D. T. A Construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, v. 2, 2002b.

SILVA, L. I. C., PONTES, F. A. R., SILVA, S. D. B., MAGALHÃES, C. M. C., BICHARA, I. D. Diferenças de gênero nos grupos de brincadeira na rua: a hipótese de aproximação unilateral. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 1-14, 2006.

SILVA, S. V. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales**. Universidade de Barcelona, v. v, n. 262, 2000. Disponível em: www.ub.es/geocrit. Acesso em: 20/08/2008.

SILVA, T. R. N.; GUARIDO, E. L.; GRACIANO, M. Estudo sobre estereótipos sexuais nas percepções dos pais em relação a comportamentos e atitudes de seus filhos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 18, p. 15-19, 1976.

SLYWITCH, M. V. Os jogos. In: _____. (Coord.). **Desenvolvimento psicossocial da criança**: abordagem pediátrica e psicológica. São Paulo: Sarvier, 1988. p. 75- 77.

_____. Sociabilidade. In: _____. (Coord.). **Desenvolvimento Psicossocial da criança**: abordagem pediátrica e psicológica. São Paulo: Sarvier, 1988. p. 70- 74.

SOUZA, F. C. **Meninos e meninas na escola**: um encontro possível? Porto Alegre: Zouk, 2006.

SOUZA, F.; RODRIGUES, M. M. P. A segregação sexual na interação de crianças de 8 e 9 anos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 489-496, 2002.

SPATA, A. **Métodos de Pesquisa** – ciência do comportamento e diversidade humana. Tradução de A.B. P. Lemos. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

TUCKER, P; MONEY, J. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VIANNA, C. P.; UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 77-104, jan-abr. 2004.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Summus, p. 93-105, 1998.

WALL, F. **Eu, primata**. Porque somos como somos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

WHITAKER, D. C. A. Menino - Menina: sexo ou gênero? In: SERBINO, R. V.; GRANDE, M. A. R. L. (Org.). **A escola e seus alunos**: o problema da diversidade cultural. São Paulo: Unesp, 1995, p. 31-52.

_____, D. C. A. **Mulher & Homem**: o mito da desigualdade. São Paulo: Moderna, 1988.

ZENHAS, A. **Estereótipos de gênero**. 2007. Disponível em: www.educare.pt. Acesso em: 14 mar. 2007.



APÊNDICES

Apêndice A – MODELO DO QUESTIONÁRIO

Nome (iniciais):

Idade:

Sexo: M () F ()

Grau de parentesco com a criança: () mãe () pai () outro: _____

Criança:

Nome (iniciais):

() masculino () feminino Idade: _____

Data da aplicação:

1. Quais características você acha que são próprias de “ser mulher” (femininas)?
2. Quais características você acha que são próprias de “ser homem” (masculinas)?
3. Na nossa sociedade, quais são as vantagens de ser homem e de ser mulher?
4. Na nossa sociedade, quais são as desvantagens de ser homem ou de ser mulher?
5. Você considera que existem facilidades ou dificuldades para educar meninos/meninas?

Explique.

6. Na sua opinião, há atividades que são proibidas para meninos ou meninas? Quais? Por quê?
7. Qual a brincadeira preferida de seu filho (a)?
8. Em sua opinião há brinquedos próprios para meninos e meninas? Por quê?
9. Você acha que ensina ou contribui para seu filho (a) se tornar um homem (mulher)? Como?
10. Se você fosse dar um presente para um menino da idade do seu filho (a) qual você daria?
Por quê?
11. Se você fosse dar um presente para uma menina da idade do seu filho (a) qual você daria?
Por quê?

Apêndice B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisa realizada faz parte das atividades de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem/Unesp/Bauru, sob minha responsabilidade e com a orientação da professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia, visa investigar a questão do gênero na infância. Para tal, os pais deverão responder a um questionário com questões abertas.

Tal pesquisa não envolve nenhuma situação de risco à saúde física e mental ou à integridade moral dos participantes. A participação é voluntária e gratuita e o participante tem resguardado o direito e a liberdade de interromper a sua participação a qualquer momento, o que também não acarretará em nenhum prejuízo para o mesmo.

Como princípio ético de um trabalho científico toda utilização dos resultados obtidos, na redação de relatórios ou em comunicações científicas, deverá ser realizada garantindo o total anonimato do participante, bem como de qualquer informação que torne possível esta identificação.

Diante do exposto, **declaro que recebi orientações e esclarecimentos da pesquisadora responsável, Kellen Cristina Florentino Reis, quanto aos objetivos do estudo, aos procedimentos envolvidos na minha participação e ao anonimato garantido. Sendo assim, concordo em participar, de forma voluntária, deste estudo**

Local: _____

Data: ____/____/____

Nome legível: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora responsável: Kellen Cristina Florentino Reis

contato



Apêndice C – LOJA DE BRINQUEDOS



Apêndice D – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

1. Quais características você acha que são próprias de “ser mulher” (femininas)?

Físicas: cabelo um pouco comprido, laços e fitas, roupas claras; comportamento: sensível, delicada, tom baixo da voz – M1
 A delicadeza, as formas, o jeito amoroso de tratar os assuntos do dia-a-dia, a mulher é mais sensata posso dizer que pensa mais com o coração – M2
 Cuidado com a família e a casa (zelo), vaidade, cuidado com a educação dos filhos e de suas conduta morais; “coração mole” mais compreensiva – M3
 É mais delicada em tudo que faz, as roupas, as vezes a cores que usam – M4
 Vaidosa, se preocupa com a aparência, maqueia, sensíveis. Características físicas, tem seios, cabelos compridos, unhas compridas. Pode gerar um filho, tem facilidade em serviços domésticos – M5
 Meiga, inteligente, ser mãe, ter seio, menstruar, ser bonita, trabalho – M6
 Respeito, afinidade, calma, “carinho de mãe”, não é tanto racional, usa saia, o olhar para o semelhante – M7
 Cuidadosa, organizada, amável, prática – M8
 Ser “vaidosa”; Encarar desafios e lutar; Não se deixar abater por qualquer motivo; Saber ouvir e tentar compreender as coisas; Focar e ser curiosa- M9
 Carinhosa, doce, corajosa, acolhedora, forte, inteligente, astuta, trabalhadora, justa, ética – M10
 Meiga, responsável, vaidosa, inteligente, mãe, ter caráter – M11
 Amor pelo filho, a preocupação com o mesmo – M12
 Carinhosa, atenciosa, educadora, corajosa – M13
 Brincar de boneca, maquiagem, arrumar os cabelos, usar vestido – M14
 Pelo jeito, pelo instinto, a mulher que se vestir como mulher, através do comportamento de mulher, pelo jeito delicado, sensível – M15
 Corajosa, amorosa, responsável – M16
 A de ser mãe, cuidar da casa, olhar os filhos, se cuidar, ou seja, ir a manicure, cabeleireiro, usar acessórios, ajudar nas despesas da casa caso seja necessário – M17
 Ser diferente no comportamento, nos fazeres domésticos – M18
 Feminilidade, íntegras, educadas, cuidadosas, gentil, elegante, sensível, etc – M19
 São mais femininas e delicadas – M20
 Amiga, companheira, amorosa, confiante – M21
 Carinhosa, sensível, companheira, amiga, determinada – M22
 Delicada, vaidosa, batalhadora, carinhosa, feminina – M23
 Sinceridade, instinto, capacidade de ser dez pessoas em apenas um só corpo e alma – M24
 Eu acho que ser mulher pode fazer o serviço de casa porque ela é mais limpinha e pode ter as características pode ser muito trabalhadeira – M25

2. Quais características você acha que são próprias de “ser homem” (masculinas)?

Físicas: cabelo curto, roupas largas; Comportamento: falar alto – M1
 São áspers, sérios, fazem as coisas por impulso as vezes, não pensam antes de fazer algumas coisas, acham que sempre estão certos e que devem ser respeitadas as suas opiniões – M2
 Manutenção das despesas maiores do lar, machismo, autoridade – M3
 O modo de agir, o jeito de falar – M4
 Tem barba, são mais preocupados financeiramente. Não tem muita paciência – M5
 Inteligente, autoritário, chefe de família, ter barba, elegante, trabalhador – M6
 Batalhador, mais racional, não chora (eu acho errado mais muitos são do tipo que homem não chora). Usar cueca. Ganhar dinheiro para sustentar a casa. “Ele pode namorar muitas garotas” (já a mulher não) – M7
 Não conseguem fazer mais de uma atividade ao mesmo tempo. Não são muitos emotivos – M8
 Achar que “podem tudo” e “sabem tudo”; chamar a responsabilidade para si; mostrar ser valentão, embora seja só aparência, pois por dentro são tão inseguros como as mulheres – M9
 Homem: gentil, prestativo, corajoso, forte, decidido, trabalhador, ético, acolhedor – M10
 Responsáveis, inteligente, organizado, ter caráter, respeitador – M11
 Sustentar a casa e ajudar na educação dos filhos- M12
 Atencioso, corajoso, bondoso, gentil – M13
 Brincar com carrinhos, jogar futebol, brincar com ferramentas – M14
 Pela aparência, atitudes, pelo jeito de agir, de se vestir, pelo comportamento o homem tem que colocar calça, bermudas e não se prostituir, não usar brinco – M15
 Responsável, enérgico, racional – M16
 Ser pai, cuidar das necessidades financeiras do lar, dar atenção aos filhos, ou seja tanto o sexo masculino quanto o feminino tem as mesmas características – M17
 Nas brincadeiras, na responsabilidade, no vestimento – M18
 Impõe, educados, íntegros, gentil, etc – M19
 São mais autoritários e mandões – M20
 Confiante, companheiro, responsável – M21
 Durão, egoísta, quer ser sempre o dono da verdade, parece que já nasce grosso – M22
 Trabalhador, ser másculo, vaidoso, carinhoso – M23
 Práticos, independentes – M24
 Eu acho que homem tem que trabalhar para manter e tem que ter as características ou pode ser muito próprio de ser homem – M25

3. Na nossa sociedade, quais são as vantagens de ser homem e de ser mulher?

Existe muitas vantagens em ser homem, para a sociedade. O homem sempre é mais respeitado – M1
 Ambos tem o mesmo papel hoje tanto de responsabilidade como nas horas de lazer – M2
 Ser mulher: poder contribuir de forma positiva na formação social e psicológica dos filhos. Ser homem: controlar os excessos de cuidados da mãe – M3
 Ser homem tem coisas que pode mais. Muitos tem preconceitos com as mulheres. Acham que elas são muito frágeis – M4

Eu vejo hoje que as vantagens hoje em dia são as mesmas, principalmente no mercado de trabalho, na educação, mas a mulher tem sua vantagem no homem que é a possibilidade de ser mãe gerar alguém – M5

O homem tem maior tempo. Ex: estudar, jogar bola, etc. A mulher tem mais tempo para cuidar do filho quando nasce – M6

De ser homem não tenho muita clareza mais acho que ele não tem que pensar no que fazer quando chega em casa. Logo a mulher quando chega ainda faz hora extra em casa – M7

Perante a sociedade os homens não precisam realizar muitas tarefas. A vantagem de ser mulher é poder ser mãe – M8

Hoje, acredito que ambos possuem as mesmas vantagens. A mulher já avançou muito e já ocupa um lugar privilegiado na sociedade – M9

A maior vantagem de ser mulher é poder ter filhos e criá-los, e ser forte para encarar a vida e carinhosa para educar as crianças. É saber que você comanda a sua casa e todos precisam de você! Acho isso ótimo. A maior vantagem de ser homem é não precisar lavar roupa – M10

Os homens tem as maiores vantagens pois são colocados a ser aptos em todos os afazeres, com isso eles se tornam os verdadeiros machões.

Ainda nos dias de hoje são poucas as vantagens de uma mulher – M11

O homem por ter mais chances de arrumar um emprego melhor. E a mulher por poder ter filhos – M12

Ser homem ter uma família unida ser pai. Ser mulher, ser mãe, educando seu filho para ser feliz – M13

Eu acho que tudo pode ser conquistado de ambas as partes – M14

O homem trabalha pra cumprir as obrigações e a mulher tem as suas vantagens porque elas tem mais tempo para os filhos – M15

Na minha opinião as vantagens de ser homem ainda é na questão profissional que ainda existe preconceito com relação a capacidade da mulher desenvolver a função igual ou melhor que o homem – M16

Não vejo vantagens em nem um aspecto, pois mulheres e homens tem as mesmas chances – M17

Vantagem da responsabilidade – M18

Existem diversas; no trabalho, na sociedade, etc – M19

Mulher – São mais respeitadas; Homem – São mais ouvidos – M20

Homem, passa responsabilidades, segurança, mulher, amor, carinho – M21

Homem: a vida social e financeira. Mulher: a única vantagem é que a lei a protege e a cerca de algumas situações – M22

Hoje não tem vantagens, ambos estão disputando o mesmo espaço e desempenhando o mesmo papel – M23

Na sociedade o homem ainda tem o melhor salário e vantagens em determinados empregos. E só trabalha fora. Mulher – não consigo pensar em nada no momento, acho que seria dessa capacidade de ela se ajustar a qualquer mudança – M24

Eu gosto de ser mulher eu gosto de fazer doce. Eu acho que ser homem é difícil porque tem que trabalhar pegar serviço pesado – M25

4. Na nossa sociedade, quais são as desvantagens de ser homem ou de ser mulher?

A maior desvantagem, completando a questão anterior, é que ser mulher sempre acarreta menores salários, falta de respeito no trânsito, etc – M1

Às vezes alguns homens acham que as mulheres devem ser submissas demais a eles – M2

Acho que a mulher fica com uma parte “pesada” na contribuição familiar que é mais a educação. Dá a impressão que se der algo errado no comportamento dos filhos, como envolvimento com drogas, que a culpa é da mulher que mais tempo esteve com os filhos. A desvantagem de ser homem é a não participação mais ativa na educação – M3

O homem trabalha mais. A mulher as vezes é tratada com desrespeito só por ser mulher – M4

A desvantagem hoje é pouco mais tem alguns lugares as mulheres ainda são discriminadas, exemplo na política ainda há poucas mulheres – M5

Homem: não ter estudo. Mulher: no trabalho, quando tem filhos

Pequenos – M6

A desvantagem é que o homem não saberá nunca o que é ser mulher (sentimentos, gravidez). E a mulher não sei! Se é a parte do reconhecimento – a única desvantagem ainda é essa – M7

O homem carrega o fardo de ter que ser o provedor da casa. A mulher fica sobrecarregada com todas as tarefas – M8

Nenhum, todos têm os mesmos direitos e deveres – M9

Desvantagem de ser mulher ainda é pela discriminação, o homem é porque ele sempre vai ter que ser machão – M10

Hoje a sociedade se torna mais rigorosa com os homens, é a onde a mulher está ganhando um espaço. Hoje a mulher pode muito e o homem pouco – M11

O homem perde na maioria das vezes o crescimento dos seus filhos – M12

A desvantagem é de trabalhar duro se quiser ser homem e ser alguém na vida – M13

Esta em cada um na maneira de pensar (emprego – específicos) – S14

As mulheres são mais do que os homens, os homens são menos falados – M15

A vantagem de ser homem é que ainda é permitido tudo a eles como ex: ter vários relacionamentos e ele não é comentado, já para a mulher ela já fica falada – M16

A da classe social a que pertencem diante da sociedade – M17

Em relação a emprego, a prioridade ainda continua sendo do homem, embora tentamos mudar isto hoje em dia – M18

Também no trabalho, as desvantagens de ser mulher é um pouco discriminadas – M19

Mulher – em alguns casos não são levadas muito a sério; Homem – tem sempre que trabalhar e dar sustento – M20

Homem, muita responsabilidade de alimentar a família e proporcionar uma vida digna. Mulher, ajudar o homem nisso e também no lado afetivo – M21

Homem: trabalho e criminalidade. Mulher: ser mãe solteira, e ser mau vista por certas situações – M22

A mulher além de disputar o mesmo espaço que o homem ainda trabalha em casa – M23

Homem na sociedade não pode fraquejar. Mulher na sociedade que deixa de casar e ter filhos para seguir carreira é motivo de certa discriminação – M24

Eu acho desvantagens de ser homem ter pegar trabalho e difícil porque eu acho desvantagens de ser mulher vaidosa – M25

5. Você considera que existem facilidades ou dificuldades para educar meninos/meninas? Explique.

Não, acredito que são formas diferentes mas que precisam de dedicação e respeito dos pais – M1

Não só depende da ação dos pais – M2

Acho que não tem diferença. Hoje em dia o pensamento machista de que o menino deve ser controlador e que não deve ser sentimental não deve existir mais. O respeito mútuo deve ser explorado sempre – M3

A mesma coisa hoje em dia. Mulher tem que tomar mais cuidado por engravidar cedo, etc. Homem é com bebida, drogas, etc – M4

Sim têm, na maioria das vezes depende do que você vai explicar para a menina você tem que ser mais delicada, já com menino as vezes não precisa tanto – M5

A educação seria a mesma para ambos os sexos – M6

Eu acho mais fácil educar meninas pois pensamos como elas logo se for menino temos que voltar – M7

Acredito que as dificuldades para educar são as mesmas, independente do sexo, e uma delas é frear o consumismo – M8

Não. Ambos os sexos requerem cuidados especiais, atenção e acima de tudo, muito amor – M9

Existe facilidade e dificuldades. Ensiná-los a serem pessoas felizes e bem resolvidas, a respeitar a individualidade e o espaço das pessoas, a se respeitar, explicar sobre sexo, drogas, todas essas questões deixam os pais ansiosos e inseguros. O meio externo, influências, a escola pode ser uma aliada nessa educação e isso facilita um pouco – M10

Existe a dificuldade pois hoje as crianças estão muito espertas, atentos em tudo o que vêem e fazem. Alguns pais não sabem ou não conseguem lidar com os comportamentos – M11

Ambos tem suas preocupações, o crescimento do menino por não se envolver em roubo, drogas, etc. E a menina por não se meter com mas companhias e engravidar, etc – M12

Filho ou filha as dificuldades e as facilidades vão sempre existir. Pai, mãe ou responsável tem que ser firme, forte, e leal, sincero. O amor fala mais alto – M13

Não as dificuldades são iguais – M14

Não. Porque devemos orientar da mesma maneira tanto os meninos como as meninas – M15

Sim. Dificuldades e facilidades. Dificuldades para você tornar o seu filho um homem de caráter sendo mas também com sentimentos de amor para com as pessoas, educação sem o que os torne afeminados – M16

Considero que não exista nem dificuldade nem facilidade, pois para educar tem que haver respeito, carinho, atenção com tudo que diz respeito as crianças sejam meninas ou meninos – M17

Quando se tem uma base sólida da família não é complicado, porque se tem que ter uma boa comunicação – M18

Não; os dois são mesmas coisas, porque os dois nos dias de hoje estão no mesmo nível de preocupação – M19

Não, pois todos meninos ou meninas, você tem que educar com bastante amor e carinho – M20

Sim, porque o menino você tem as vezes que ser mais firme, já as meninas compreensivas desde cedo – M21

Meninos tem mais dificuldade, por serem mais rebeldes e pela criminalidade que a em nossa cidade – M22

Não sei pois só tenho filhas – M23

As duas, eu acho que nossa sociedade hoje tem facilidades, mas nossa vida corrida, violência e a falta de ética em todos os setores da nossa sociedade dificulta nessa educação – M24

Eu acho que educar uma criança meninos tem que ter educação que os pais tem que dar eu acho que educar menina que educar uma criança tem que ter uma educação tem que ter uma ir a escola para ser educar – M25

6. Na sua opinião, há atividades que são proibidas para meninos ou meninas? Quais? Por quê?

Não, acredito que tanto meninos ou meninas podem brincar e fazer o que gostam, sempre respeitando algumas regras – M1

Não, no caso dele porque brincar com a irmã e no caso não podemos proibi-lo e sim ensiná-lo o que é certo – M2

Proibidas acredito que não. Só não acho muito interessante ficar incentivando o lado feminino ou masculino da criança do sexo oposto. Ex: meu filho já quis passar esmalte e batom, eu passei e expliquei o porque não era comum e ele entendeu; não proibi mas também não incentivei – M3

Hoje em dia acho que não – M4

Sim esportes que exigem muita força, porque meninas são delicadas – M5

Sim; ex: meninos brincam de carrinhos, joga bola, etc. Meninas brincam de bonecas, gostam de filmes de princesas – M6

Eu não proibo nada mais a sociedade proíbe brincadeiras com boneca pra meninos e brincadeiras de jogar bola para meninas (futebol). A maioria dos pais teve uma infância onde tudo era separado, brinquedos para meninas e meninos – M7

Não, acho que as crianças podem brincar do que quiserem, só precisamos ficar atentos para ensinar os princípios e valores para conviver na sociedade- M8

Na minha opinião todos têm os mesmos direitos – M9

Não. Eles podem brincar com qualquer coisa desde que não seja perigoso, tipo nadar em rios, pular de lugares altos, mas carrinho, boneca, panela, esconde-esconde, pega-pega, tudo é válido! – M10

Não. Acho que qualquer atividade pode ser feita tanto menina, ou menino desde que se exista regras e limites – M11

Não – M12

Não. Desde que o menino ou menina gosta, os pais orientando ambos – M13

Não eu acho que tudo depende da maneira que é passado – M14

Sim. Menino deve brincar só com brinquedos de meninos e meninas devem brincar só com brinquedos de meninas – M15

Não, na minha opinião todas as atividades podem ser direcionadas para ambos os sexos – M16

Não, pois crianças não tem malícia ou maldade naquilo que fazem – M17

Jogar bola por exemplo, é muito violento, para meninos, a menina é mais delicada – M18

Sim. Embora não com clareza, mas há atividades como uma posição de peso um pouco mais elevado – M19

Não, desde que a criança goste, não vejo porque proibir – M20

Não, deixo meu filho brincar do que ele “quizer”, já que ele tem irmãs e ele tem que conviver com elas – M21

Não. Porque todos são capazes de realizar atividades da mesma forma – M22

Que são proibidas não, mas eu não gostaria que minhas filhas jogassem futebol ou fizessem musculação – M23

Não. Hoje em dia as atividades estão muito restritas, porque onde moro como a maioria de outros pais, a criança perdeu espaço para brincar e interagir com outras crianças – M24

Eu acho que atividades são proibidas não brincar de enforcar o outro atividade (poderia ser brincar de balanço ou carrinho eu acho que a menina pode brincar de boneca e casinha, amarelinha porque ela é mulher) – M25

7. Qual a brincadeira preferida de seu filho (a)?

Quebra-cabeça, carrinhos, assistir filmes infantis – M1

Gosta de brincar de tudo um pouco. Ex: Bola, carrinho, vídeo-game, brinquedos pedagógicos, hominhos, mamãe e filho com a irmã, casinha, assistir dvd, andar de bicicleta, etc – M2

Por enquanto ele é filho único e gosta muito de brincar com carrinhos – M3

Boneca e brincadeira de correr e pular – M4

Brincar na terra com cachorro e andar de bicicleta – M5

Brincar com bonecas, de princesa e assistir filme de princesa – M6

Pra variar boneca, casinha, jogos de PC, etc. Ela gosta muito de trocar roupas para crianças – M7

Brincar de escolinha, ela é a professora e grita com as crianças (bonecas) – M8

Boneca. Desenhos – M9

Brincar com água. Quebra-cabeça e brincar com a boneca Polly (trocar roupinhas) – M10

Brinca de bola – M11

Soltar pipa – M12

Meu filho gosta de brincar de bola (futebol) – M13

Vídeo game – M14

Chutar bola, brincar com os brinquedos dele – M15

Adora brincar de super heróis ex: Power Ranger, homem aranha – M16

Esconde-esconde, carinho, bonecos, jogos – M17

Brincar de escolinha, de casinha e no campo, correr – M18

Boneca, bicicleta, piscina (nadar) etc – M19

Andar de bicicleta – M20

Jogar bola, andar de bicicleta – M21

Brincar de bola, e com sua coleção de dinossauros – M22

Brincar de boneca, casinha, escolinha, apresentar danças, teatros, construir carros, computadores tudo de papelão – M23

Jogar vídeo game, pintar e desenhar – M24

Jogar bola, ou pipa ou bicicleta – M25

8. Em sua opinião há brinquedos próprios para meninos e meninas? Por quê?

Sim, existem alguns que não dá para meninos brincar (bonecas, panelinhas), porque são bem femininos – M1

Hoje em dia todos podem brincar com tudo é só haver explicação para algumas atitudes que possa vir a acontecer. Os pais devem sempre estar alertas a tudo – M2

Infelizmente a sociedade impõe mas não recrimino se meu filho brinque de casinha com suas primas. “o melhor amigo” de meu filho é uma menina – M3

Eles brincam com qualquer um, mas eu acho bem melhor uma menina brincar de boneca e um menino brincar de carrinho. O incentivo já vem desde pequeno – M4

Sim, porque meninos são brinquedos as vezes violentos como hominhos que lutam, carrinho de trombada. Meninas são sempre brinquedos mais delicados – M5

Sim para definir o sexo – M6

Na minha opinião para minha filha não pois ela tem que saber lidar com as 2 partes tanto masculino e feminino. Se ela for brincar de bola, carrinho ela não deixará de ser mais menina do que é – M7

Não, porque não tem sentido bloquearmos a imaginação e criatividade deles – M8

Não. Como já disse, todos têm os mesmos direitos – M9

Não. Porque toda brincadeira pode ser trabalhada (brincada) para desenvolver as habilidades, quebrar os preconceitos – M10

Sim, porque vários brinquedos são feitos para meninos e meninas como carrinhos e bonecas – M11

Geralmente carrinhos, pião e pipa são para meninos e bonecas, maquiagem para meninas. Tem que haver essa diferença para estimular o sexo da criança as vezes – M12

Não. Há brinquedo ambos podem, agora tem que ver a idade deles – M13

Tem porque a sociedade coloca – M14

Sim por causa do sexo que são diferentes. Mas tipo o Tep top serve para os meninos e meninas, porque é um brinquedo criativo – M15

Sim, por ex: meninas bonecas, porque já despertam nelas o lado de se tomar mãe – M16

Não, porque não tem nada que uma criança possa fazer e outra não – M17

Não, eu não vejo nada de errado um menino brincar de casinha, ou uma menina brincar de carrinho – M18

Sim. Uns mais “forte”, isto é mais pesado para as meninas, e as bonecas, casinhas; que são mais apropriadas para as meninas – M19

Sim, porque há brinquedos tipo boneca e carrinhos que a própria sociedade ensina a discriminar – M20

Sim, meninos gostam mais de brincadeiras e brinquedos que não fiquem tanto tempo parados, já as meninas brincam horas de boneca e escolinha – M21

Sim! Porquê infelizmente desde pequenos aprendemos com a sociedade, que o menino tem que brincar e gostar de bola e carrinho e a menina já desperta o lado materno desde cedo com bonecas e aquelas cozinhas e panelinhas – M22

Não – M23

Sim. Como tenho dois meninos acho que bonecas que vem com acessórios de pintura, trocar roupa, não são adequados para eles, que tem uma outra visão com relação as brincadeiras com bonecas, etc. Eles brincam com bonecos, bichos de pelúcia, mas de outra forma (de médico, por para dormir e bebe, etc) – M24

Sim há brinquedo próprios para meninos carrinho, bicicletas, bola. Eu acho que menina pode brincar de amarelinha ou casinha porque ela é mulher e o menino é homem não pode brincar de boneca – M25

9. Você acha que ensina ou contribui para seu filho (a) se tornar um homem (mulher)? Como?

Eu ensino bons valores, independente de sexo. Ele deve entender que devemos respeitar as pessoas como elas são – M1

Sim, procuro mostrar a ele o que é certo e errado e mostro que algumas atitudes que certos homens fazem não está certo. Que deve sempre haver diálogo – M2

Sim. Converso muito com ele sobre respeito com as “meninas”, ele é bastante observador e já percebeu que há mulheres que ficam em casa enquanto os maridos trabalham e ele já questionou sobre isso – M3

Sim. Ensinando ela me ajudar nas tarefas. A fazer as coisas sozinha, a respeitar os mais velhos, a ajudar os outros – M4

Contribuindo, ensinando como se comportar, vestir, falar e agir como uma mulher, mais o restante o mundo também ensina com o passar do tempo – M5

Sim: como tomar banho, se vestir como menina, como sentar corretamente, falar corretamente – M6

Com certeza por tudo que eu puder fazer para minha filha se tornar uma mulher será maravilhoso. Como: colocar os dois lados o certo e o errado não ficar passando a “mão” na cabeça em tudo, mostrando que podemos errar que temos que ouvir um não (e que não dói) – M7

Acho que contribuo tentando transmitir bons princípios, embora ninguém seja perfeito, mas procuro ensinar o que é certo e errado – M8

Sim. Procuro ensinar a minha filha a ser uma lutadora, a nunca desistir, a sempre conversar com as pessoas (diálogo), a ser uma pessoa de bem, dentro dos princípios cristãos – M9

Claro! Ensinando princípios, a ser verdadeiro, se lançando pra vida com segurança, apostando que ele sabe fazer, incentivando cada conquista dela – M10

Ensino e contribuo para que ela se torne uma mulher com as tais qualidades de uma mulher. Sabendo o seu papel mulher feminina e de responsabilidade – M11

Sim, com palavras, exemplos, com atitudes – M12

Ensino e contribuo para meu filho, para se tornar um homem responsável, leal que tenha caráter. Procurando ensinar a ele, o que é certo, errado, o que é bom ou ruim – M13

Sim orientando em questões próprias do masculino na convivência com o pai no papel de homem, marido, companheiro – M14

Sim, criando responsabilidade entre ambas as partes – M15

Sim, contribuo ensinando coisas do comportamento masculino sem que o torne no futuro um homem grosseiro e machista – M16

Sim, deixando ele tomar suas próprias decisões – M17

Sim, tentando passar para ela o que é ser mãe, dona de casa e mulher – M18

Sim. Educando e incentivando como se enfrenta uma certa dificuldade – M19

Sim, ensinando os caminhos certos a percorrer, educando e mostrando o certo e errado – M20

Sim, ajudando na educação e tirando todas as dúvidas sobre o assunto – M21

Sim! Mostrando que tanto o homem ou a mulher mesmo com as diferenças físicas e de força, são capazes de fazer as coisas iguais. De serem iguais – M22

Sim, dando exemplo, respondendo suas dúvidas da maneira mais simples possível satisfazendo suas curiosidades e dando muito carinho e amor – M23

Contribuo, mas tento fazer como uma pessoa ou ser humano melhor, mostrando a diferença do corpo entre ambos os sexos – M24

Eu ensino ser homem não ficar brincando de agarrar e nem beijar o homem se torna muito feio – M25

10. Se você fosse dar um presente para um menino da idade do seu filho (a) qual você daria? Por quê? N°

(3 -) porque os meninos gostam muito de carrinhos – M1

(3 -) porque esta é fase de eles aprenderem a dividir e a brincar ou se relacionar com outras crianças – M2

(21 -) gosto de incentivar o aprendizado da criança – M3

(14 -) eu gosto de coisas que usam a imaginação e não coisas como armas e incentivam a coisas ruins – M4

(26 -) porque na minha opinião é muito saudável e ao mesmo tempo prazeroso – M5

(12 -) porque a maioria dos meninos que converso querem ser um herói – M6

(14 -) por usar a imaginação do menino ele não vai só brincar de uma maneira vai soltar a imaginação podendo cada dia brincar de uma maneira diferente – M7

(39 -) porque gosto de música, acho que um instrumento musical dá disciplina e a criança se envolve com arte – M8

(21 -) em primeiro lugar, toda vez que vou comprar um presente para alguma criança é ela que escolhe. E com certeza ela escolheria o lap top – M9

(35 -) Eu daria uma bola pula-pula, porque é muito legal, sentar e sair pulando, gasta energia, aprende se equilibrar, torna as pernas fortes, e a sensação deve ser maravilhosa – M10

(3 -) pois seria um brinquedo apto a idade do menino, não correndo perigo nenhum com o brinquedo como ter peças pequenas que poderiam ser engolidas – M11

(26 -) porque ele adora andar com sua bicicleta – M12

(16 -) um carrinho de bombeiro, que sabe uma futura profissão – M13

(12 -) super homem, porque ele iria ficar feliz – M14

(21 -) porque a criança vai criando uma criatividade maior no aprendizado, elas começam a aprender a escrever e a ler – M15

(23 -) porque toda a criança sonha em poder ser um super herói, sonha com super poderes – M16

(5 -) por ser um brinquedo que pode mudar de figura (articulado) e usar a sua imaginação para brincar – M17

(16 -) porque o menino já nasce falando de profissão, o carro de bombeiro por exemplo já passa bastante sua vocação – M18

(26 -) porque qualquer menino gostaria de ganhar uma bicicleta – M19

(26 -) porque todos os meninos adoram andar e ter uma bicicleta p/ brincar – M20

(14 -) ele adora brincar com homenzinhos e criar situações com os brinquedos – M21

(1 -) talvez por não conhecer o gosto do garoto, e a bola é sempre bem recebida pelos meninos. Já que pra alguns pais o sonho é levar o filho ao futebol ou até mesmo virar um grande jogador como o Ronaldinho – M22

(26 -) toda criança gosta de andar de bicicleta e se tiver pais que participam irá aproveitar bastante – M23

(21 -) é um brinquedo interativo, onde traz jogos e atividades de aprendizagem – M24

(9 -) eu daria um carinho porque ele é um homem – M25

11. Se você fosse dar um presente para uma menina da idade do seu filho (a) qual você daria? Por quê? N°

(6 -) porque é lindo e as meninas adoram brincar com panelinhas (eu adorava!) – M1

(15 -) porque está na fase de imitar a mãe, ela se acha capaz de cuidar da filhinha como se fosse um bebê de verdade – M2

(22 -) é uma forma de estimular a criatividade lúdica da criança – M3

(18 -) com 4 anos está na fase de usar a imaginação e bonecas, a criança conversa – M4

(26 -) tenho a mesma opinião tanto para menino como para menina – M5

(2 -) porque a maioria das amigas dela tem o mesmo gosto de serem um dia princesa – M6

(25 -) pois para mim a socialização de uma criança é importante pois brinquedo pode soltar a imaginação e colocar tudo que pensa nas brincadeiras – M7

(40 -) porque minha filha adora dançar e cantar – M8

(21 -) o mesmo, é um brinquedo educativo, e ela escolheria esse – M9

(24 -) eu daria a bola da Barbie para a menina somente por uma convenção social, mas o brinquedo tem a mesma função – M10

(15 -) uma boneca deixa a menina vaidosa pois ela vai querer brincar, conversar e esprestar todo o seu jeitinho para brincar com a boneca trocando de roupinhas, dando comidinha e brincando de casinha, não querendo brincar com brinquedos de meninos – M11

(29 -) porque ela poderia brincar penteando os cabelos do pônei – M12

(11 -) carrinho de boneca, para levar para passear, brincar, sonhar – M13

(9 -) Depende que ela gosta (Patis), porque ela iria ficar feliz – M14

(4 -) porque é um brinquedo ideal pela idade dela – M15

(22 -) despertar a criatividade o uso da imaginação o amor para pela arte teatral – M16

(18 -) pelo mesmo motivo da questão (11a) usar a imaginação para brincar – M17

(25 -) por ela ser muito caseira e gosta de brincar de casinha, imitando as vezes a mãe, limpando e cuidando da casa – M18

(2 -) uma menina brinca muito de boneca nesta fase – M19

(18 -) porque elas adoram bonecas e coisas da Barbie – M20

(18 -) porque todas as meninas adoram e sonham em ser uma princesa e ter seus castelos – M21

(15 -) daria a boneca, seria um presente pela qual eu saberia que ela ia gostar, e também ela aprenderia a viver com as diferenças e aprender que o racismo e outros não são importantes, que na verdade somos todos iguais. Aproveitando que a boneca é negra – M22

(13 -) nesta idade as crianças gostam de correr e andar de bicicleta pelo menos as minhas são assim. Querem ir em tudo quanto é lugar de bicicleta – M23

(21 -) é um brinquedo interativo, onde traz jogos e atividades de aprendizagem – M24

(18 -) eu daria um castelo da Barbe para a menina porque ela é mulher – M25

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)